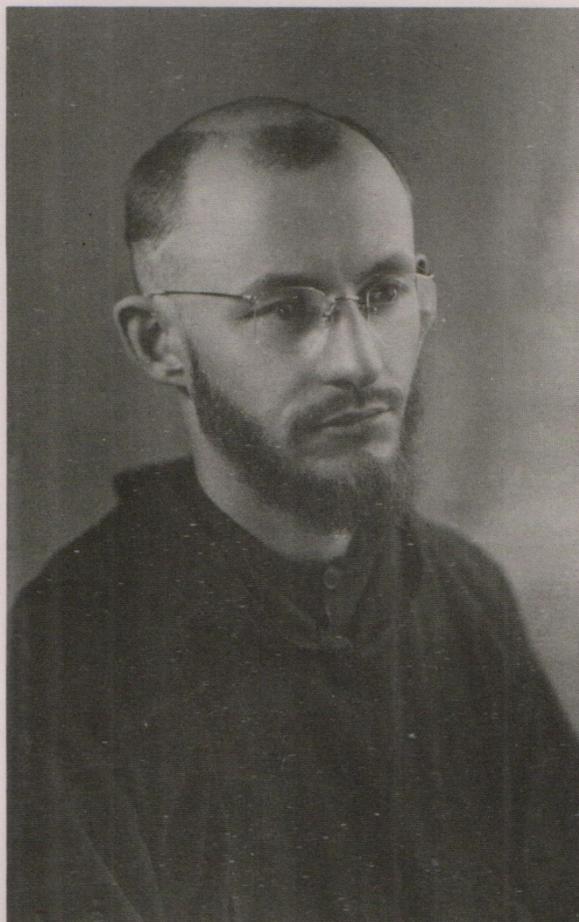


80 ANOS DE AMOR AO TRABALHO

Fidélis Dalcin Barbosa



EDIÇÕES EST



Naquela casinha humilde [em Carlos Barbosa], eu *vim ao mundo*, no dia 14 de dezembro de 1915. Lá também, nasceram meus oito irmãos. Apenas os dois últimos, Armâncio e Mário, nasceram em Bento Gonçalves. Eu, ao nascer, dizia a mãe, era um *toquinho de gente*. Este não vai se criar, exclamava-se a mãe.

O batismo realizou-se na antiga Igreja de Carlos Barbosa, no dia 16 de janeiro de 1916, sendo celebrante o capuchinho Frei Miguel des Molettes, conhecido como padre da *gnoca*, porque tinha um caroço na cabeça. Na mesma igreja, fui crismado por Dom João Becker, tendo como padrinho o tio Jorge Dalcin, irmão da minha mãe. Eu era bem pequeno, lembro-me apenas da mitra do Arcebispo. (Fidélis).

[Esse *toquinho de gente e esse bem pequeno*, está completando oitenta primaveras].

Fidelis Dalcin Barbosa

80 anos de amor ao trabalho



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidelis Dalcin Barbosa

80 anos de amor ao trabalho

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Biografia. -Porto Alegre: Edições EST, 1996. 115p; il.; 23cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 02/08/2013

Capa e ilustrações de: Fidélis Dalcin Barbosa, em Vacaria, 1946

B238o Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
80 anos de amor ao trabalho [recurso eletrônico] /
Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-041-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Autobiografia. 2. Memória autobiográfica. I.
Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	9
1.MEUS 80 ANOS	15
2.MEUS AVÓS PATERNOS.....	18
3.MEUS AVÓS MATERNOS.....	22
4.MEU PAI.....	24
5.MINHA MÃE.....	31
6.A CASA PATERNA.....	33
7.MINHA INFÂNCIA.....	35
8.NO SEMINÁRIO.....	38
9.NOVICIADO.....	40
10.TEOLOGIA.....	42
11.ORDENAÇÃO SACERDOTAL.....	43
12.EM VERANÓPOLIS.....	44
13.EM PELOTAS.....	46
14.VACARIA.....	58
15.SEMINÁRIO DIOCESANO DE CAXIAS DO SUL.....	61
16.ESTRADA DE SÃO VENDELINO.....	63
17.PORTUGAL.....	64
18.LAGOA VERMELHA-GINÁSIO DUQUE DE CAXIAS.....	95
19.CORREIO RIOGRANDENSE E CANELA.....	109
20.LAICIZAÇÃO.....	113
21.CARMELINA CAMATTI.....	123
22.LIVROS.....	130
23.CIDADÃO LAGOENSE.....	156
24.MEUS IRMÃOS.....	164
25.ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES.....	183

APRESENTAÇÃO

Oitenta anos de amor ao trabalho.

Oitenta anos. Dimensão ideal de tempo. Imaginário completo. Maturidade, equilíbrio, realização! Segurança no olhar, coragem no assumir, vontade de continuar, mensagem a comunicar, utopias a realizar, capacidade de admirar e de se admirar... Espaço no coração para receber o carinho, o amor, as utopias de novas gerações que se afinam, às vezes incoerentemente apressadas, na construção de suas vidas. Oitenta anos, com uma *palavra* a dizer.

Oitenta pessoas de oitenta anos, teriam oitenta palavras diferentes sobre a vida e sobre si mesmas. Mas, a palavra de Fidélis Dalcin Barbosa é única, singular, específica. Por quê?

- Porque se trata de alguém que somente aprendeu a *começar*, nunca a concluir. Começar a estudar para desvendar os mistérios da vida e do ser humano. Começar a entender os outros, antes de entender a si mesmo. Começar a servir os outros, antes de servir a si mesmo. Começar a comprometer-se com os *Caminhos do Senhor*, antes de saber os próprios caminhos. Começar a comunicar o amor de Deus, sem se apossar do Deus do amor. Começar a ser para os outros, antes de ser para si mesmo.

Fidélis Dalcin Barbosa. Olhar direto e aberto. Porte mediano. Nem robusto, nem franzino. Nem sorridente, nem sério. Sempre sóbrio, alegre, disposto e disponível. Fidélis é Fidélis. É ele mesmo. Irrepetível. Sem apegos. Sem rotinas. Aberto e liberal. Livre de muitas prisões. Ensaiou a liberdade, descrevendo prisioneiros. Por quê?

- Porque a liberdade começa como experiência de prisão. Não poder escolher o *existir*, mas poder escolher o *ser*, começa o caminho de interrogação, de angústia, de *fundir a cuca*, de dias nebulosos, de noites de insônia, de sonhos sem coragem e de coragem sem sonhos... É a

passagem do *existir*, vindo de Deus, para o *ser*, obra do homem, fruto da liberdade.

Fidélis foi um *prisioneiro livre*. Sentiu antes o *diálogo* que o *monólogo*. Sentiu antes o *servir* que o *servir-se*. Sentiu antes os *outros* que a si *mesmo*. Antes da *arte de ser* aprendeu a *arte de servir*. Por quê?

- Este porquê nem Fidélis, nem ninguém saberá explicar. A Filosofia afirma que o *agir é da qualidade do ser*. Fidélis começou pensando, agindo, propondo, desafiando, provocando, acenando esperanças, utopias, ascensões, caminhos infindos... para infindo número de pessoas:

- Pessoas-crianças que contemplou, amou, admirou, acompanhou e colocou nas suas cabeças as letras do alfabeto; no seu coração, a sabedoria da experiência; na alma, as águas regeneradoras do Batismo.

- Pessoas-jovens, que ouviu, acolheu, empolgou, animou, estimulou a realizar os próprios ideais, sem nada impor, colocando-se, com elas, sempre a caminho, porque a vida é um eterno caminhar.

- Pessoas-adultas, com quem dialogou, discutiu propostas e conquistas, decepções e esperanças, coragens e covardias, retornos e avanços, sucessos e fracassos, ontem e hoje, vislumbrando sempre a proposta de um amanhã com alvorecer de sol nascente e anoitecer de luminosos horizontes infinitos.

- Pessoas anciãs com quem compartilha uma visão própria da vida: vida que não passa, que não é rotina, que não impede o sonhar, porque é capacidade de raciocínio, de amor, de rejuvenescimento e de sabedoria espiritual transformadora.

- Pessoas-crianças, pessoas-jovens, pessoas-adultas, pessoas-anciãs, de dois continentes, nos quais lançou o fermento da nova humanidade, comunicando a força da graça, a liberdade da conversão, o fermento do reino de Deus, por suas pregações apostólicas, no Brasil e em Portugal.

Depois de ensinar os outros a serem livres, de experimentar a liberdade do servir, aos 57 anos, voltou-se para si, permitiu-se a pergunta sobre o Deus de sua existência, que o quer homem livre por excelência. Aqui, o paradoxo. A radicalidade. A simplicidade. A ingenuidade de quem se alienou a serviço dos outros e esqueceu a si mesmo! Por quê?

- Porque Fidélis é Fidélis e *nada mais*. Mas o *nada mais* corresponde ao *tudo mais*. Depois de ter sido para os outros o anjo-professor, que tirou gerações da prisão da ignorância; o anjo-sacerdote, que libertou multidões para a liberdade da graça e do reino de Deus; depois de escrever a angústia de seus *Anjos Prisioneiros*, Fidélis quis ser simplesmente anjo. Por isto Fidélis é Fidélis e nada mais! Por quê?

- Porque Fidélis quis ser anjo para si mesmo. Sentir-se anjo. Sentir-se harmonia. Sentir-se liberdade. Sentir-se amor. Sentir-se exclusivamente livre pela liberdade da coerência. Foi tudo para todos, sobrando a dúvida sobre si. Continuou tudo para todos, sobrando a harmonia e a liberdade para si. Por quê?

- Porque, ser anjo para todos, pode não ser anjo para ninguém. Continuar a falar, ensinar, escrever, proclamar a liberdade e grandezas do reino de Deus, a comunhão com a Igreja, o significado das vocações aos estados de vida, foi o compromisso essencial que definiu toda sua vida e toda sua obra. Antes de idealizar seus alunos como futuros mestres, médicos, engenheiros, escritores, ele os idealizou como *cristãos*, de prática e coerência, na igreja e na sociedade.

Fidélis fez-se primeiro *missão* e missionário, fez-se proposta e mensagem, desafio e esperança, para tomar-se indagação e liberdade. O que era, sacerdote e religioso, queria sê-lo com demasiada perfeição. Exigia-se demasiadamente anjo. Não aceitou o paradoxo da interrogação e da dúvida, do humano e do divino, do passageiro e do transcendente, do santo e do pecador. Auxiliou-se de amigos, de sábios conselhos e comprovadas experiências, iluminou-se do Deus da luz, até desvendar em seus desígnios, o *Cármem*, termo latino que significa canto, de libertação e encontro com sua utopia de coerência e liberdade. A mesma vocação, os

mesmos escritos, os mesmos ideais continuam na sua vida, agora protegidos e participados pela compreensão, colaboração e inspiração de sua *Cármem*, a consorte feita seu canto de amor!

Mas Fidélis é Fidélis: para uns é o professor; para outros, o amigo singular; para outros, o festeiro e alegre caçador; para outros, o conselheiro; para outros o leal e simples confrade capuchinho; para outros, o sacerdote do batismo, do casamento, da primeira-eucaristia, do funeral de ente querido, da conversão pessoal, da mudança de vida, da revelação do santo de sua devoção.

Mas para todos, todos, todos..., indistintamente, Fidélis é simplesmente *Fidélis*, homem da *fides*, da fé, que o faz o homem de Deus no meio dos homens; homem da *fidelitas*, fidelidade, que o faz o homem dos homens junto de Deus. Seu ontem e seu hoje se harmonizam na percepção dos amigos: para uns é frei Fidélis, confrade amigo; para outros é padre Fidélis, um mensageiro de Deus; para outros, é o professor Fidélis, que ensina a sabedoria de Deus; para outros é o escritor Fidélis, que relata histórias e utopias dos encontros, de Deus com os homens e dos homens com Deus.

Este é o Fidélis singular cujos oitenta anos celebramos. Oitenta anos que ele os diz de *amor ao trabalho*. Mas que, antes, são oitenta anos de quem se fez *amor e trabalho*. *Amor e trabalho e amor ao trabalho*, símbolos do lar e do município que lhe deram berço, Carlos Barbosa; amor, como *único trabalho*, símbolo da Ordem Capuchinha que lhe deu segundo berço; *amor pelo trabalho*, na cátedra da escola e do livro, como símbolo da Lagoa Vermelha, que lhe foi berço adotivo; *amor como trabalho*, na utopia cristã da fraternidade e da unidade, como símbolo dos dois países, Portugal e Brasil, que ajudou a evangelizar.

Oitenta anos de amor ao trabalho colocam Fidélis, *diante e antes* do *trabalho*, diante e antes da *construção* a ser realizada. Posição de quem ainda não trabalhou mas se propõe trabalhar; de quem ainda não viveu a vida que se propõe a viver; de quem ainda não proferiu ou escreveu a palavra que se propõe dizer ou escrever; de quem ainda não

escreveu o livro que se propõe escrever; de quem ainda sonha o que pretende ser.

Oitenta anos de quem é oitenta anos mais jovem. Oitenta anos como oportunidade para começar a eterna construção do Amor!

Porto Alegre, 15 de novembro de 1995

Rovílio Costa

Academia Rio-Grandense de Letras



Figura 1 Em Fátima, Portugal, em 1947, Frei Fidélis com os pais pastorinhos Jacinta e Francisco.



Figura 2 13-5-1948: Frei Fidélis, da escadaria da Basílica de Fátima, Portugal, bateu esta foto da multidão de romeiros reunidos na esplanada da Cova da Iria.

1. MEUS 80 ANOS

Diz o salmista (Sl 89, v. 10): "A vida de um homem geralmente dura 70 anos. Os mais fortes chegam aos oitenta". Na tradução do Mons. Matos Soares, que foi meu amigo na cidade do Porto, em Portugal, o texto é: "Setenta anos é o total de nossa vida, os mais fortes chegam aos oitenta".

Um dia, apareceu no Hospital São Paulo, em Lagoa Vermelha, um senhor de Carazinho que alegava conhecer o dia da morte das pessoas. O Frei Raimundo Simoneto (Frei Leovigildo, 1938-1988), bem mais novo do que eu, perguntou: Quem vai morrer primeiro, eu ou o Frei Fidélis? Aquele senhor olhou para nós e respondeu, apontando para mim: o senhor.

Frei Raimundo riu, contente. Eu como era bem mais velho, me conformei.

Pois veja o que aconteceu: o Frei Raimundo, ainda no vigor de seus anos, veio a falecer em 15-12-1988.

Por outra, O Frei Olivo Rineu Mocellin (Frei Leopoldo, 1927-1977) me disse um dia: O senhor vai ainda viver muitos anos...

Pois, se Deus quiser, no dia 14 de dezembro de 1995, completarei 80 anos de idade. O Pe. Ignácio Dalcin, meu primo e nosso vigário em Lagoa Vermelha, prometeu organizar uma festa para esse evento.

O Frei Rovílio Costa resolveu reeditar o meu primeiro livro "Semblantes de Pioneiros", para comemorar os meus 80 anos; e a 4ª edição da história do RS.

Daí surgiu-me a ideia de escrever este livro: *80 Anos de Amor ao Trabalho*. Será um hino de ação de graças. Nesses 80 anos de existência, fui alvo de muitas bênçãos do Senhor. A principal, atingir a idade de 80 anos. Sempre fui pessoa de pouca saúde. Somos de família com problemas cardíacos. Meus irmãos, no total de oito, morreram todos por

esse problema.

De novembro a fevereiro, estive doente, hospitalizado quatro vezes em Lagoa Vermelha e Passo Fundo. Por fim, descobriu-se que eu estava com uma pedra no canal do fígado, pedra que foi extraída sem cirurgia. O Dr. Luiz Fernando Madalosso chegou a declarar que eu estaria com câncer... Voltando para casa, continuei com os mesmos sintomas: desarranjo intestinal, fraqueza... Por fim, com tantas orações minhas, de parentes e de pessoas amigas, recuperei-me. Acredito que foi um milagre!

Em 1995, vivemos, da família, somente eu e o Pe. Firmino. Este nascido no dia de Nossa Senhora de Fátima, 13 de maio de 1923, foi abençoado desde pequeno. Por duas, vezes foi salvo por proteção especial do céu. Já com 70 anos, submeteu-se a uma cirurgia do coração, sendo-lhe implantadas três pontes de safena, no Hospital São Lucas da PUC, de Porto Alegre.

O Pe. Firmino é, sem dúvida, um grande apóstolo. Um carismático. Muitas pessoas o chamam de santo. D. Antônio Zattera, Bispo de Pelotas quis, por duas vezes, indicá-lo para candidato ao episcopado brasileiro. Ele recusou terminantemente.

Assim como ele, eu também fui como convidado a servir o Senhor, trabalhando, sobretudo, no apostolado da pena. Reconheço que Deus se serviu de mim para divulgar as maravilhas do Senhor e praticar o bem através da imprensa.

As biografias da Beata Madre Paulina, de Maria Teresa Quevedo, de Maria Elizabeth de Oliveira, de Clélia Merloni, de Mônica Bonotto, de Rita Amada de Jesus, de São Tomás de Aquino, de São Domingos Sávio e de outros candidatos ao altar, andam correndo o mundo em sucessivas edições.

Maria Elizabeth de Oliveira, por exemplo, vem socorrendo milhares e milhares de pessoas. Todas essas pessoas alcançam graças e até milagres porque imploraram a intercessão dessa jovem após haverem tomado conhecimento através do livro "Uma Estrela no céu", já com duas



dezenas de edições.

Nestas memórias, procurarei não repetir o que escrevi no romance biográfico "Caminhos do Senhor". Entretanto, algumas repetições se impõem porque nesse livro, escrito em forma de romance, foram alterados nomes de pessoas e lugares.

2. MEUS AVÓS PATERNOS

Meu avô paterno, João Batista Dalcin (1884-1932), era filho de Ângelo Dalcin, um militar, capitão do porto, exímio caçador, de quem o avô contava façanhas, como abater veados e lebres na corrida. Sua mãe se chamava Elisa Carlet.

O avô emigrou da Itália, da, localidade da Sarmede, província de Treviso, junto com seu irmão de nome Ándolo (barba Ándol). Este no Brasil, alegando não haver aqui lebres para caçar, resolveu voltar para a Itália, onde morreu pobre. O Pe. Firmino chegou a conhecer a casa onde ele morou.

Meu avô paterno era casado com Lúcia Canal (Lucieta), filha de Antônio Canal e Paola Luca, e filha de criação de um conde. Mulher culta e rica, trouxe da Itália um enxoval bordado a ouro e farta quantidade de joias, que doou à Igreja de São Vendelino.

O conde forneceu uma carta de apresentação a D. Pedro II, solicitando cedesse ao casal uma gleba de terra no Brasil. Durante a viagem ao Brasil, os parentes e amigos, temendo perder a companhia ou, talvez, por inveja, fizeram com que a carta fosse destruída.

Meus avós paternos tiveram vários filhos na Itália, que morreram todos pequenos, vítima de crupe. Em vista disso resolveram emigrar para o Brasil.

Um dia na Itália, durante um terremoto, o avô sofreu ferimentos, dos quais trazia cicatrizes numa das mãos.

* * *

A viagem dos avós para o Brasil foi uma odisseia, em virtude de violento incêndio que irrompeu a bordo, incêndio do qual todos se salvaram por milagre de Nossa Senhora.

Uma versão, que vem narrada em meu livro "Caminhoneiro" e que a professora Inês Dalcin Tramontini, filha de meu primo Sílvio Dalcin, afirma que o navio sinistrado teria aportado às costas da Itália e daí retornado ao porto de Gênova, donde partira.

Entretanto, a professora Maria Astolfi, residente em Gramado, RS, pesquisando no Rio de Janeiro, na Biblioteca Pública, no Arquivo Nacional e no Jornal do Comércio, nos colheu a informação de que o navio veio para o Brasil como veremos:

O vapor italiano que transportou 826 imigrantes, entre os quais meus avós, chamava-se "Righi". Navio de 947 toneladas, tendo por comandante G. E. Dellepiane, 36 tripulantes e 1.010 passageiros de 3ª classe, sendo 826 imigrantes destinados a São Paulo e Rio Grande do Sul. O vapor partiu do porto de Gênova em dezembro de 1884.

Em alto mar, no 8º dia de viagem, irrompeu incêndio a bordo, provocado pela explosão de uma pipa de álcool. Só um milagre poderia salvar o navio e os passageiros. E o milagre aconteceu por intercessão de Nossa Senhora do Rosário, cuja imagem era trazida num caixote pelo imigrante Jorge Londero, encomendada pelo colono-imigrante Pedro Londero, da linha de Arroio Grande, da colônia Silveira Martins, paróquia de São Pedro, a meio caminho entre Santa Maria e Nova Palma.

As chamas que haviam devorado tudo quanto podiam extinguir-se, para espanto de todos, bem junto do caixote que continha a imagem de Nossa Senhora e que havia ficado incólume em meio a toda aquela destruição. Mirácolo! exclamaram todos.

O "Righi", sem mastro, apenas um casco de navio, quase sem água e sem alimentos, guiado pelos bons ventos marítimos e pela Providência, após oito dias aproximava-se da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, sendo daí rebocado. Era dia 28 de janeiro de 1885.

No dia 22 de fevereiro do mesmo ano, na capelinha de Arroio Grande, com missa cantada, fez-se a bênção da imagem, que passou a ser conhecida como "Lá Madonna degli Immigranti".

Entre os imigrantes, encontravam-se meus avós paternos, sob o número 1.339 “Giovanni Dalcin, com 40 anos, casado com Lúcia, 35 anos, destinados a Porto Alegre. E, ainda, Bôrtolo Dalcin, solteiro, 24 anos, para Laguna, SC”.

Eis, alguns dos outros imigrantes do navio "Righi" que vieram para o Rio Grande do Sul: Antônio Astolfi; Benedito Vedana; Pedro Battistella; José Battistella; João Favretto; Antônio Domingos e Agostinho Barp; Antônio Poleto; e muitos outros das famílias: Londero, Vernieri, Polese, Dall'Olio, Nardino, Grando, Fontanella, Balbinotti, Longo, Vicensi, Magagnin, Perin, Tomaseto, Tigo, Manfei, Camilotti, Argenta, Giusti, Santini, Miotto, Gondin, Pertile, Zatti...

* * *

A princípio João Batista Dalcin foi residir na localidade de Torino, no lote colonial depois ocupado por Bôrtolo Dalcin. Visto como a terra ali não se prestasse para a agricultura, em virtude da grande quantidade de pinheiros, foi morar em Santa Clara Baixa, onde, em 1919, foi construída a capela de Nossa Senhora da Glória, denominada dos Dalcin, precisamente no local onde hoje passa a estrada de São Vendelino, região colonizada por imigrantes alemães.

Com a morte de Lúcia Canal, que foi sepultada em São Vendelino, amigos de João Batista foram à Itália buscar outra mulher para sua esposa. Como a mulher indicada estava comprometida, apresentou-se Catarina de Nadal (1884-1934).

Com Catarina, emigraram para o Brasil João Dalcin, meu avô materno, seus dois irmãos, Domingos e Antônio, e mais o cunhado Francisco Dalcin, chegando aqui em março de 1897. Minha mãe vinha nesta comitiva, com a idade de seis anos. Francisco Dalcin é pai de João Dalcin, pai da Ir. Yeda Dalcin e de Júlio Dalcin, este falecido em 6-12-1993, no Rio de Janeiro.

João Batista Dalcin e Lúcia Canal tiveram quatro filhos nascidos no

Brasil: Leone (1885-1971), João Batista Dalcin Filho (1887-1958), Antônio Dalcin (1890-1975) e José Dalcin (1893-1952).

3. MEUS AVÓS MATERNOS

Como ficou dito, meus avós maternos, João Dalcin (Giovanni - Nani dei Mori) (1857-1974) e Ângela Dafré (1859-1946), naturais de Sarmede, Província de Treviso, vieram para o Brasil em março de 1897, juntamente a Catarina de Nadal. Junto vieram os filhos: Ana (1886-1849), que casou com Domingos Deitos; Bôtolto (1888-1950), Tereza (1891-1977), que casou com Sílvio Breda, e minha mãe Maria (1892-1956). No Brasil nasceram: Jorge (João) (1902-1969), Cinto (Jacinto) e Isidoro Tranquilo (1906-1985).

Os avós maternos passaram a residir nas proximidades de São Vendelino, na Linha Paraguaçu, junto da estrada que leva à atual cidade de Barão.

Nas férias, com uns nove anos, eu costumava passar uma temporada na casa destes meus queridos avós, dos quais eu tinha uma grande afeição e admiração. O avô, alto, tinha cabeça bem calva, ao contrário do avô João Batista e seus filhos, todos com farta cabeleira. Meus pais diziam que eu ia lá na casa dos avós para cuidar que as galinhas não comessem as uvas, havendo lá um belo vinhedo.

A casa era de material, construída por imigrantes alemães. A cozinha, separada da casa por um pátio calçado e bancos para sentar.

Por aquele tempo, publicava-se em Garibaldi no jornal "La Stafetta Riogradense" a história de Nanetto Pipeta. Logo que chegava ao jornal, o tio Jacinto ou tio Tranquilo liam em voz alta, no meio de muitas gargalhadas. O jornal era sempre aguardado com ansiedade, só por causa desta linda história, escrita pelo Frei Paulino Bernardi (1891-1973).

Como já foi dito no livro "Caminhos do Senhor", os avós, quando eu já me encontrava no Seminário, venderam aquela linda propriedade, onde havia uma infinidade de árvores frutíferas, de bergamotas, limas, laranjas e, especialmente, figos. Eu senti tanto, tanto, que desandei a

chorar, embora eu só voltasse a rever aquela moradia 60 anos mais tarde quando, no dia 14 de dezembro de 1990, festejei meu aniversário junto com a Elita Facchini, cuja linda chácara fica a pequena distância da antiga casa dos avós. Dava pena ver o abandono em que se encontrava a velha casa dos avós, habitada por um velho de origem alemã, nada preocupado em cuidar daquela propriedade, perdida no meio de um matagal e as casas caindo aos pedaços.

Meus avós mudaram-se para Torino, junto do tio Bôtolto, onde o avô veio a falecer no dia 12-07-1942. A avó Ângela, uma velhinha baixinha, muito querida, passou a morar com o filho Jacinto, perto da capela de Torino, em cuja casa faleceu em 22-05-1946.

O tio Jorge (João), que era meu padrinho de crisma, morava perto dos avós. Tinha uma fábrica de queijo. Mudou-se para Três de Maio, na localidade de Rocinha, onde faleceu em 19-8-1952. Seus filhos residem por lá, trabalhando em granjas de soja e milho. Alguns, como o Benjamim Dalcin transferiram-se para o Paraná, em Medianeira, na localidade de Flor da Serra; o Aléssio, para Horizontina; o Silvano para Crissiumal...

4. MEU PAI

A meu pedido, o pai, ANTÔNIO DALCIN, forneceu a sua autobiografia, escrita de próprio punho, ele que nunca sentara em um banco de escola.

“Eu, ANTÔNIO DALCIN, nasci em 28 de junho de 1890, filho de João Batista Dalcin e Lúcia Canal, que vieram da Itália 1884, indo residir perto de São Vendelino. Sempre moraram no mesmo lugar, onde nasceram seus filhos: Leone, João, Antônio e José.

“Eu tinha uns três anos quando se deu a Revolução de 1893. Via passar as tropas que vinham de Porto Alegre. Todos a pé, apenas o comandante ia a cavalo, carregando o fuzil nas costas. Seguiam para Lagoa Vermelha.

Lembro de um tal Cunha que naquele tempo fugiu de Lagoa Vermelha e veio morar em São Vendelino. Era um grande fazendeiro, que conheci muito bem. Era só ele, a mulher e a filha, mais um peão de nome Antônio, homem de cor. A filha casou com um tal de Hoffmann. A família Cunha era amiga íntima de meu pai. Lembro-me de quando tinha quatro anos e faleceu minha mãe. A família Cunha vinha em nossa casa e pediu ao meu pai que me levasse como filho de criação. Mas meu pai achava que não ficaria bem eu sair de casa e entregar-me a outra família. Se meu pai tivesse consentido, hoje eu seria conhecido dos descendentes dos Hoffmann. Também conheci um tal de Mateus, que vivia com a família Cunha. Parece que eram parentes.”

* * *

Aqui vou suspender a narrativa do meu pai, a fim de falar da família Cunha. Manoel Silveira da Cunha e Mateus Silveira da Cunha eram irmãos. Chegaram pobres em Lagoa Vermelha. Com trabalho e grandes economias, Manuel foi comprando campo, ficando dono de duas grandes fazendas, a do Laranjal, no atual município de André da Rocha, e a da

Esperança, perto da cidade de Lagoa Vermelha, onde Manuel faleceu e foi sepultado. Mais tarde, os restos mortais foram transladados para o cemitério de São Mateus.

Manuel tinha uma filha única, Maria Joana, que casou com Henrique Hoffmann, filho de André Hoffmann, irmão de Cristiano Hoffmann. André era dono de uma casa de comércio perto do antigo passo do rio Santa Rita. Uma casa de pedra, na qual depois morou Alex André Jacobi.

Cristiano morava em outra casa de pedra, que ainda existe, na estrada que dos Barretos leva à Encruzilhada de São Sebastião. Cristiano é pai dos Hoffmann do Rincão Comprido, do Lajeado, dos Ivos...

André tinha dois filhos: Henrique e Guilherme. Henrique começou mas não chegou a concluir a construção da casa da Fazenda Branca, onde morou seu neto André da Cunha Hoffmann. Adoecendo com tuberculose, André foi levado para a Suíça, onde morreu. Tuberculoso também morreu seu irmão Guilherme.

Muitos descendentes desses pioneiros da família Hoffmann foram meus alunos em Lagoa Vermelha.

Agora segue a autobiografia do pai: "Lembro-me de quando tinha de 5 a 7 anos. Naquele tempo o dinheiro era muito escasso. Era 10 - 20 - 40 réis de arame e níquel. Moedas de papel eram de 50 - 100 e 200 réis - 500 e mil réis e também de 30.

"Os gêneros da colônia naquele tempo, lá na zona de São Vendelino e Santa Clara Baixa, valiam muito pouco. Um saco de milho valia de 2.000 réis. Feijão, 2.500 e ovos a 60 e 70 réis a dúzia. Em vésperas de Páscoa, chegavam à 120 réis. Carne: 120 a 160 réis ao quilo. Porco gordo a 120 160 réis. A gente falava que a carne lá passar a 200 réis o quilo. Então a gente dizia: não podemos mais comer carne.

"Naquele tempo eu conheci muitas famílias de origem francesa e suíça, que moravam na zona de Santa Luísa, na linha francesa e São Vendelino. Eram todos meus conhecidos: Ragei, Couté, Bondan, Gedoz,

Denicol, Southier, Juris, Dupont, Cousseau, Lener, Ra, Rosse, Blanke, Brunher, Combi, Rodoi, Sasso, Audibert... Os de origem alemã são muitos: Weiris, Petry, Kramer, Oppermann, Ledur, Verna, Sale, Saiter, Hoffmann, Rusks, Cosman, Prava, Peapas e muitos outros.

"Jacó Versteeg foi raptado pelos bugres com a mãe e uma irmã. Ele não viu mais a mãe e a irmã. Ouvi contar que ele viveu sete anos com os bugres e conseguiu escapar por instrução de uma velha, que também fora raptada pelos bugres. Orientou que ele fugisse enquanto os bugres estavam na caverna, e seguisse sempre a margem do arroio que ia dar no campo. Quando ele chegou ao campo, viu um homem a cavalo, o qual puxou uma pistola, pensando que ele fosse um bugre. Reconheceu que ele era um branco, aproximou-se, pegou-o pelo braço e o levou de garupa. O fazendeiro deu dois tiros de pistola e os Bugres, que iam a seu encalço, fugiram. Ouvi contar isso do próprio Jacó...

"Quando eu tinha 11 à 12 anos, comecei a trabalhar de madrinheiro para São Sebastião do Caí, com tropas de mulas e cargueiros de um comerciante vizinho, Reda Southier e Ismael. Depois trabalhei num trecho de estrada nova em São Vendelino. Em seguida, construindo taipas para poteiros em São Vendelino e em casa junto com o pai.

"Quando eu tinha 17 anos, trabalhava numa fábrica de obras de madeira de Jacó Denicol. na estação de Santa Luísa e Carlos Barbosa e entre Forqueta e Caxias, na colocação de serraria dos Jacó e João Zoli. A seguir, continuei trabalhando com meu pai e irmãos. Naquele tempo nós frequentávamos muitos Kerbs dos alemães em São Vendelino, Piedade, Forromeco, Santa Luísa, Patens, Linha Francesa, Barão, Campestre, São Pedro do Sul...

"Com 22 anos casei com Maria Dalcin, no dia 3 de janeiro de 1912. A seguir fui morar em Torino a trabalhar numa fábrica de erva-mate, barbaquá. Depois, numa madeireira na cidade de Caxias do Sul. Logo após numa refinaria de banha da firma Renner em Carlos Barbosa. Ainda no tempo de solteiro, tinha interesse de comercializar com meus irmãos.

"Naquele tempo, chegou da Itália um primo com o mesmo nome;

passei então a assinar-me Antônio Dalcin Segundo. Comprei uma propriedade em Torino, onde trabalhei cerca de 20 anos, em parte na roça e em parte na criação de vacas de leite. Fui sócio da Leitaria União Colonial, a Cooperativa Santa, a mais antiga do Rio Grande, da qual fiz parte do Conselho Administrativo. Montei ainda uma pequena fábrica de obras de vime; trabalhei oito anos neste ramo, havendo feito plantação de vimes.

“Comprei, em seguida, um terreno em Porto Alegre, com intenção de me transferir para lá com a fábrica. Era na avenida Bagé, bairro Petrópolis. Lá construí uma casa de madeira. Pouco tempo depois, vendi aquela propriedade e comprei uma na cidade de Bento Gonçalves. Comprei também um terreno na Estação de Barão, 4º distrito de Montenegro. Comprei outra colônia em Salvador do Sul, mas vendi logo depois.

“Vendi a propriedade de Torino, onde morava, e transferi-me para Bento Gonçalves, estabelecendo-me com pensão, perto do Hospital Tacchini, isto em 1932. Mas, como a família era numerosa, vendi e comprei uma propriedade em Busa, com vinhedo e moinho colonial de trigo e milho. Ocupei-me também na extração de areia no arroia perto de casa.

“Associei-me na Cooperativa Aurora em 1935 até 1956. Neste tempo, fui presidente da Associação Rural de Bento Gonçalves por dois anos. Na Cooperativa Aurora ocupei o cargo de Conselheiro Fiscal e Administrativo, a seguir, presidente durante seis anos. Ainda fiz parte do Conselho Administrativo da Cooperativa Ceres Ltda.

“Tivemos 12 filhos, nove homens e três mulheres, dois falecidos em pequeno. O nome dos filhos, em ordem cronológica: Isabel, Fidêncio (Frei Fidélis), Alcides, Vital, Pe. Firmino, Hugolina, Domício, Aura, Amândio e Mario. Atualmente moro na cidade de Bento Gonçalves com o Amândio e o Mário. Nós passamos por muitas dificuldades, principalmente por ordens financeiras. D. Maria, minha esposa, trabalhou muito e rezou muito. Ela merece expressiva homenagem por tudo quanto realizou ao meu lado”.

* * *

Passo agora a completar a história do meu pai, sobretudo falando do tempo em que passei com ele em casa, lá em Torino. Nossa casa ficava a uns 500 metros da capela de Nossa Senhora da Saúde de Torino e a uns mil metros da capela de Santa Clara. A propriedade meu pai havia adquirido de um Baldasso. No outro lado da estrada, era a casa do tio Bôtolto Dalcin, irmão de minha mãe. Os filhos do tio Bôtolto foram meus companheiros de infância: Teofilo, Constantino, Cláudio e Ivo.

Perto da casa, havia um belo vinhedo. O pai gostava da vitivinicultura. Sabia cuidar do vinhedo. Fabricava vinho, pisando a uva com os pés. Um dia, deu de fabricar vinho branco com uva Isabel. Quando o padre vinha para celebrar na capela, meu pai era quem dava o vinho para a missa.

Nossa principal economia baseava-se na criação de vacas de leite. Todos os dias, passava pela estrada o leiteiro, que se fazia anunciar com um chifre de boi. Ouvindo aquele som, a gente levava o leite junto da estrada.

Nossa propriedade não era pequena, abrangendo o potreiro, e duas roças, com plantação de milho, arroz, batata inglesa. Entretanto, a maior ocupação do pai destinava-se à fábrica de móveis de vime. Fabricava balaios, camas, sofás, berços, que comercializava em Porto Alegre. Era um excelente negócio. O pai era auxiliado por dois ou três operários.

A correspondência e contabilidade ficavam por conta do pai, embora ele nunca tivesse frequentado escola. Aprendeu a ler com uma das lições de um tio e uma cartilha. Com a leitura diária de jornais, chegou a adquirir uma cultura admirável. Lia também livros de história. Conhecia até a História de Lutero. Podia manter conversação com qualquer pessoa culta. Eu ficava admirado dos conhecimentos que ele possuía.

De noite, após a recitação do terço em comum, todos ajoelhados

na sala de jantar, meu pai lia o Correio do Povo. Quando encontrava notícia importante, relatava para a família. Recordo ainda quando Ferrerin e Del Prete fizeram a primeira travessia do mar em avião.

Um dia, meu pai adoeceu com tifo. Perdeu todos os cabelos. Recuperou-se, mas daí por diante desistiu da fábrica, passando a ocupar-se com a criação do gado e da agricultura.

Foi o pioneiro na plantação de eucaliptos na região. Depois de ouvir uma palestra sobre as qualidades da planta, o pai abraçou a causa, fez grande plantação, cobrindo o morro perto de casa, acima da estrada. Logo que o pai se mudou para Torino, tratou de plantar pinheiros, muitos dos quais, agora de grande porte, ainda estão por lá.

* * *

Eu gostava muito de meu pai. Achava o melhor contador de histórias do mundo. Ele, quando ia pescar em São Vendelino, me levava a cavalo. Lá no rio Santa Clara, junto com o pai, pesquei o primeiro peixe da vida, um jundiá, que causou a maior emoção.

O pai, ao contrário de minha mãe, não me batia. Só me deu uma bofetada quando eu pratiquei um desaforo muito grande. Cortei uma linda sobrecincha para fazer uma funda.

O pai gostava de ter um bom cavalo, para viajar e, sobretudo, ir a missa todos os domingos em Carlos Barbosa. Ultimamente, tinha um lindo cavalo baio. Nós tínhamos ainda um cavalo vermelho muito manso, para serviço da roça. Montado no cavalo, fui certa vez visitar o tio Francisco, tio avó, que nós chamávamos de Barba Queco. O tio Francisco é o pai de João, que, por sua vez é pai do empresário Júlio Dalcin e da Ir. Yeda, diretora do Instituto Educacional Santo Antônio de Nova Iguaçu, RJ. Então, numa visita ao tio Francisco, o cavalo foi para baixo do parreiral, sem que eu pudesse deter sua marcha. Levei um tombo. O segundo tombo que levei na vida lá em casa.

O pai não tinha vício. Não bebia, nem fumava. Entretanto, nunca deixou de tomar um copo de vinho nas refeições, toda a vida. Não blasfemava. A única blasfêmia que ele proferia era *sacranon*.

Em Bento Gonçalves, residindo na Busa, lugar hoje ocupado por uma fábrica de móveis da Carraro, o pai começou a cultivar uvas de castas finas, sendo um dos pioneiros no Brasil. Em exposições da Festa da Uva em Caxias do Sul, ele conquistou vários prêmios, medalhas e diplomas.

Nos últimos anos, residindo na cidade com os filhos, o pai ainda trabalhava com negócio de terrenos e casas. Era procurado para aconselhamento em vários assuntos. Seu divertimento, nos últimos anos, era o jogo de cartas, em que sempre se destacava. Sempre de boa saúde, já aos 85 anos ficou adoentado, vindo a falecer no dia 3 de outubro de 1975. Seu sepultamento no cemitério Municipal de Bento Gonçalves, contou com a participação de representações do Rio de Janeiro, Santana do Livramento, Porto Alegre, Novo Hamburgo... A missa de corpo presente, na matriz de Cristo Rei, foi celebrada por oito sacerdotes, sob a presidência do filho Pe. Firmino e do pároco, Pe. Ernesto Sbrizza. Usou da palavra, entre outras pessoas, o Pe. Rui Lorenzi, grande amigo da família.

5. MINHA MÃE

Maria Dalcin, filha de João e Ângela Da Fré Dalcin, nasceu na Itália em 7-11-1892, havendo chegado ao Brasil em maio de 1897.

Mulher humilde, analfabeta, mas de rara beleza. Não havendo escola naquele tempo, não aprendeu a ler. Apesar disso, sabia de cor muitas orações em italiano, todas em verso, que ela rezava com os filhos todas as noites, antes de deitar.

Eu gostava muito de minha mãe, embora ela não poupasse o chinelo quando eu praticava alguma travessura de criança. Lembro-me de que, depois de apanhar e chorar, eu me metia debaixo da mesa da cozinha. Daí a pouco, parava a choradeira, mas eu continuava com soluços, que me causavam muita raiva, porque demoravam a desaparecer.

A mãe era exigente em questão de moral. Eu já contei no outro livro que, tendo uma irmã mais velha dois anos, nunca lhe vi o sexo. Vim a descobrir a diferença de sexo masculino e feminino quando vi duas meninas sem calcinhas. Saí de casa rumo ao Seminário inteiramente ignorante de todo o processo de nascimento de uma criança, que, como nos ensinaram, era encontrada pela parteira em algum lugar e depois entregue à mãe, que ficava esperando na cama com o quarto fechado...

A mãe zelava pela nossa saúde, pelo vestuário, alimentação... Não me lembro de ter passado fome um dia... Quando relatei a ela o convite do confessor para entrar no Seminário, ela vibrou de contente, embora, na minha despedida, ela chorasse muito. Mas ela chorava também, mais tarde, quando um de seus filhos casava e saía de casa.

Depois que entrei no Seminário, passei oito anos sem ver minha mãe, da qual tinha muita saudade. Por vezes, ao lembrar-me dela, eu desandava e chorar. Por fim, no tempo dos estudos teológicos em Garibaldi, morando perto da casa dos pais, eu fazia-lhe frequentes visitas.

Mais tarde, em Portugal, eu escrevia muitas vezes, dando e recebendo notícias de casa.

A mãe tinha pouca saúde. Sofria do coração, como quase todos os seus filhos. E foi do coração que ela veio a falecer repentinamente, no dia 15-5-1956, com apenas 62 anos. Eu trabalhava em Lagoa Vermelha. Chorei muito. Depois, durante cerca de um mês, ao momento da missa, ao orar por ela, eu chorava. Chorava ao escrever a pessoas amigas relatando o triste acontecimento. Nunca mais passei um dia sem rezar por ela, assim como faço para meu pai e irmãos... Depois de sua morte, eu, visitando meu pai e irmãos, parecia encontrar a casa vazia...

6.A CASA PATERNA

Era de madeira e modesta a nossa casa. Alpendre na frente. Sala de jantar, com mesa comprida. Corredor separando a sala dos quartos, que eram três. Cozinha anexa. Nos fundos, a cantina com várias pipas de vinho.

Um dia, o pai, muito criativo, resolveu trazer a água de uma fonte ao pé do morro para dentro de casa. Naquele tempo, na colônia, nenhuma família dispunha de encanamento de água.

Ao lado da casa, o vinhedo, beirando a estrada, prolongava-se para o poente, Diante da casa, o pátio, ladeado pelo paiol, sempre repleto de milho empilhado. Anexo, o galinheiro, no qual, por vezes, de noite, batia a raposa, matando uma galinha. A mãe, ouvindo o grito esganiçado da ave, levantava-se e corria. Mas encontrava a galinha morta, com o pescoço sangrando.

Mais adiante, ao nascente, o forno, sombreado por dois frondosos salgueiros. O poço. O tanque de lavar roupa. Debaixo do paiol e do pátio, a horta, com algumas árvores frutíferas, como figueiras, pessegueiros, laranjeiras. No canto, um sabugueiro, no qual eu trepava e do qual caí um dia, sem maiores consequências.

Abaixo da horta, separada por estrada, a estrebaria com sobrado para depósito do feno. No inverno, nós, as crianças, brincávamos abrindo túneis no meio daquela montanha de feno.

O estábulo comportava cerca de dez vacas leiteiras. Ao lado, uma repartição para depósito de ferramentas e cereais. A seguir, o chiqueiro, com espaço livre ao lado, sombreado por um enorme marmeleiro.

Depois, para as bandas do norte, era o pasto numa linda planura. Perto da estrada, ao lado de dois pinheiros, a fábrica de móveis.

Para o potreiro, em tempo de chuva, a estrada formava um

lodaçal. Ao redor do prado, junto ao arroio, duas carreiras de vimes, matéria-prima da fábrica de móveis.

A casa vizinha, do tio Bôrtolo, era maior que a nossa. Separada da cozinha por um alpendre. O tio, além de uma carreta de terno, trabalhava com fabricação de erva-mate. Ele foi o primeiro a adquirir caminhão em Torino. A mão dele, minha avó, ao ver o caminhão, chorou.



7. MINHA INFÂNCIA

Naquela casa humilde, eu vim ao mundo no dia 14 de dezembro de 1915. Lá também nasceram mais oito irmãos meus; apenas os dois últimos, Amândio e Mário, nasceram em Bento Gonçalves.

Eu, ao nascer – dizia a mãe - era um toquinho de gente. Este não vai se criar – declarava ela...

O pai quis homenagear os políticos dando-nos o seu nome: Fidêncio, Alcides, Vital e Firmino. Meu segundo nome, Giocondo, era homenagem ao padrinho de batismo, Giocondo Deitos, casado com Adelaide Gedoz. Giocondo Deitos é o avô de Ovídio Deitos, jornalista e político, ex-candidato a prefeito municipal de Caxias do Sul.

O batismo realizou-se na antiga igreja de Carlos Barbosa, no dia 16 de janeiro de 1916, sendo celebrante a Capuchinho francês Frei Miguel. Era conhecido por Padre de la nhoca, porque tinha um caroço na testa.

Na mesma igreja eu fui crismado por D. João Becker, tendo por padrinho o tio Jorge Dalcin, irmão de minha mãe. Eu era bem pequeno. Lembro-me apenas da mitra do Arcebispo.

Com uns 7 anos, comecei a frequentar a escola municipal de Torino. Depois de uns meses, aprendi a ler. Lembro-me da forte emoção que experimentei naquele momento histórico.

Por falta de professora em Torino, passei a estudar na escola municipal de Santa Clara, que distava um pouco mais que Torino. Foram minhas mestras duas irmãs da família Carlotto, de Carlos Barbosa. Um dia apresentei uma conta que eu tinha feito. A professora, Anita Carlotto, fez-me então um público elogio.

Lá pelo ano de 1926, chegava para lecionar em Torino a professora Maria Luísa Argenti, que acabou casando com Jacob Ângelo Benedett. Ao despedir-me dela e da escola, a professora proferiu um

discursinho, desejando que eu fosse feliz e que um dia voltasse feito padre para celebrar em Torino a primeira missa, como realmente aconteceu.

Minha infância decorreu feliz, em casa, auxiliando a pai no serviço da roça, pegar os cavalos no potreiro... Nosso brinquedo preferido era o carrinho de lomba. Durante o recreio da escola, começamos a jogar futebol. Por falta de bola e de campo, jogávamos com uma laranja dentro da cancha de bochas, um dia, a dono da laranja, por não haver sido admitido a jogar, atirou a laranja morro abaixo, acabando com a nossa alegria.

Outro jogo nos recreios da escola era o pião. Um pião grande, tocado por um barbante de barrigueiro. Eu era o campeão em acertar em cheio no pião dos colegas.

Com meus irmãos e primos, aos domingos percorríamos os matos à cata de pinhão, ariticum, guabiroba... Caçamos borboletas. Pescávamos jundiás no arraio nos fundos de nossa propriedade, que limitava com a de Paulo Chies.

Quando eu estudava em Santa Clara, meus colegas das famílias Cini e Chies me venderam uma espingarda de cano de guarda-chuva, fabricada por eles. Disparava com um fósforo. Eu só dei um tiro. E logo a arma desapareceu. Decerto meus pais, temendo que eu me acidentasse com ela, deram-lhe um sumiço. Nunca fiquei sabendo que fim levou.

Um dia apareceu em Torino um rapaz de bicicleta, a primeira que eu vi. Fiquei bem louco, desejando ter uma também algum dia. Tive sim, mas só com 28 anos, quando trabalhava em Pelotas, conforme vai contado adiante.

Na véspera do dia dos Finados, o sino tocava toda a noite, com umas badaladas fúnebres, interpassadas. Aquilo me incutia profunda tristeza.

A festa mais aguardada era o Natal, quando recebíamos presentes, que, como se acreditava, eram trazidos pelo Menino Jesus. Por isso, na véspera preparávamos feno e água para a mulinha que conduzia

Jesus...

Na festa dos Reis Magos, dia de Epifania, as famílias, nossa e do tio Bôrtolo, subíamos ao alto do morro, acendíamos uma fogueira. Então, a mãe rezava em voz bem alta: *Idio ci dará la senitá del pan e vin.*

Num morro perto da capela, caíam raios com frequência, acontecendo, por vezes, matar alguma rês. Foi construído lá no alto um oratório à Santa Bárbara, havendo o Frei Bruno dado a bênção e discursou. Nunca mais caiu raio ali.

Volta e meia, à noite, íamos à casa do tio Bôrtolo para um serão, o tal de *filó*. A gente cantava, comia pinhão, amendoim, pipoca e jogávamos a tômbola. Eu várias vezes fui premiado. Por isso, adorava os *filós*.

Aos domingos, eu, acompanhado ou sozinho, ia a pé até a vila de Carlos Barbosa para assistir a missa. Nos dias de festa, eu ficava parado diante do coreto a ouvir, encantado, a banda tocar. Acontece que em casa, naquele tempo, não se ouvia música, não havendo ainda rádio nem TV.

Para suprir a falta de música, a gente cantava. Aos domingos, reuniam-se as pessoas para cantar. Cantava-se indo para a roça. Cantava-se, principalmente, ao voltar do trabalho. Então, ao cair da tarde, ouviam-se os cantos de grupos de colonas, que voltavam da roça fazendo ouvir suas fortes e lindas vozes.

Os Dalcin tinham fama de bons cantores. Atualmente, os filhos do tio Jacinto formaram um coral que vem se apresentando em várias cidades e em programas de rádio e TV. O mais famoso cantor, hoje falecido, era o Vicente Dalcin que morava perto do tio Leone, lá na comunidade dos Dalcin. Eu ia com frequência visitar os tios, mesmo os que moravam lá no alto da montanha, perto de Santa Luísa, como o tio Francisco e o tio José. Este era irmão do meu pai. Fabricava fumo em corda. Transferiu-se depois, com a família, para Montenegro, onde faleceu.

8.NO SEMINÁRIO

Um dia durante a confissão, o Frei João Crisóstomo perguntou-me se eu não queria ser padre. A notícia alegrou minha mãe, porém entristeceu meu pai, que previa a despesa que eu iria dar estudando no Seminário.

Já contei que a primeira tentativa sofreu incrível revolta em alguns de meus colegas de escola: Você está louco, rapaz? Onde se viu ser padre, vestir saia?... Dois anos depois, temendo ser reprovado nos exames, porque não conseguia decorar uma página da História do Brasil, resolvi repentinamente fugir daquela terrível ameaça de levar bomba nos exames... Para ver os caminhos do Senhor. A espantosa manobra para que eu entrasse para o Seminário, embora sem vocação. Se eu não fosse para o Seminário, eu não seria hoje o modesto escritor da vida de uma dezena de Santos...

No dia 7 de setembro de 1928, estando eu com quase 13 anos, despedi-me de casa, vendo o pranto de minha mãe. De carroça, do tio Bôrtolo, segui até Carlos Barbosa e daí de trem até Bento Gonçalves, hospedando-me num pequeno hotel que, mais tarde, em 1932, seria de meu pai, perto do Hospital Tacchini.

O Rio Grande sofria uma de suas maiores enchentes, deixando as estradas intransitáveis. Por isso, em lugar do ônibus da empresa Valduga, viajei numa carruagem até o Passo Velho do Rio das Antas, onde pernoitei. No dia seguinte, 9 de setembro, atravessamos o rio cheio, arriscadamente. Do passo até Alfredo Chaves, segui de ônibus.

No Seminário dos Padres Capuchinhos, incorporei-me a turma de 70 estudantes, entre os quais os futuros sacerdotes: Frei Celestino Dotti, que era o decano; Frei Dionísio Veronese; Frei Humberto Mattana; Frei Teófilo Antoniazzi; Frei Alfredo Salton; Frei Jacinto Ferri; Frei Félix Castagna, e outros.



Era diretor o Frei Cláudio Mocelini (1889-1969), o Pe. Carlos do livro "Caminhos do Senhor". O sofrimento que enfrentei com este superior no Seminário e no Noviciado foi tão intenso, que até agora, com quase 80 anos, sonho que ele está me perseguindo...

Outros Padres que lecionavam no Seminário eram: Frei Marcelo Bianchi (1898-1972), Frei Daniel Vian (1905-1983), Frei Valentim Dalle Grave (19011 1938), Frei Timóteo Persici (1894-1983), Frei Honório Passerini (1897-196H), Frei Clemente Spinello (1900-1952), que era o encarregado das abelhas. Quando Frei Cláudio, dias antes de eu ir para o Noviciado, foi transferido para Nova Trento (Flores da Cunha), substituiu-o Frei João Crisóstomo Pilati (1897-1968), Frei Cassiano Giacomet.

Vou identificar alguns seminaristas de que falo no livro "Caminhos do Senhor": Aldérico, que foi expulso por ter-me escrito uma carta sem apresentá-la ao superior é o Pe. Ulderico Dall'Ó, sacerdote diocesano de Caxias do Sul, que em 29-11-1992 festejou as Bodas de Ouro Sacerdotais. Por causa desta carta, eu não fui expulso, mas sofri o maior castigo da vida.

O Ademar da gargalhada quando eu lhe disse que, ao nascer, fui encontrado debaixo da ponte da estrada-de-ferro, é o Adelar Vicenzi, o ex-Frei Armindo. O Teodoro, que se apaixonou por mim, sem que eu gostasse dele, e que havia combinado comigo ingressarmos ambos no Seminário de São Leopoldo, é Teobaldo Ghisleni, do qual nunca mais tive notícia.

No dormitório minha cama ficava ao lado da do Frei Francisco Deon (1908-1993). Ele permanecia muito tempo ajoelhado ao pé da cama, rezando de braços abertos. Frei Francisco é um santo. Por isso, eu rezo a ele todos os dias, como faço para o Frei Salvador, o Frei Bernardino, o Frei Brás...

9. NOVICIADO

Em julho de 1932, ingressei no Convento de Nova Trento (Flores da Cunha) a fim de fazer o Noviciado com um ano de duração. Viajamos a pé.

A minha triste vida no Noviciado vem narrada com pormenores no livro "Caminhos do Senhor". O Padre Mestre prosseguiu sua implacável perseguição. Agora ele, sabendo que eu procurava estudar o Português visando tornar-me escritor, castigava-me de tal maneira a ponto de me proibir de ler livros em língua portuguesa.

Contei no outro livro como ele entrou um dia na minha cela, olhou para o quadro em cima da escrivaninha, fazendo-me tremer, pois temia que ele houvesse descoberto o livro que tinha retirado da biblioteca no dia anterior e que no mesmo dia, temendo vir a ser descoberto, passei-o ao Frei Tarcísio Piccinini. Mais tarde, depois de publicado o livro, fiquei pensando que o Pe. Mestre fez tudo aquilo para me pegar de surpresa com aquele livro. Foi uma providência haver cedido o livro ao colega. De outra forma, eu poderia vir a ser expulso...

No dia 1-9-1933 emiti meus primeiros votos religiosos, sem a menor emoção. A profissão, com certeza, foi nula, como narrei no outro livro.

No segundo semestre daquele ano de 1933, lá mesmo no convento de Nova Trento, estudei Literatura com o Frei Evaristo Fassina (1892-1982), o qual, ao contrário do Frei Cláudio, me estimulava no estudo da língua.

A seguir, em 1934, fui transferido para o Convento São Boaventura de Marau, onde concluí o curso de Filosofia com os mestres: Frei Teodoro Ferronato (1904-1982) e o francês Frei Bernardo de Puygros (1882-1945). Era pároco de Marau o Frei Gentil Giacomel (1885-1953), que aos sábados ouvia nossas confissões.



Lá em Marau, longe da perseguição de Frei Cláudio, cheguei a engordar, embora tivesse depois de fazer um tratamento rigoroso para me libertar de impurezas no sangue. Fiz parte da primeira turma a estudar nesta casa, que ainda está em construção.

10 TEOLOGIA

No convento de São Francisco de Garibaldi, conclui o curso de Teologia durante os anos de 1938 a 1941. Diretores: Frei Teodoro Ferronato, seguido de Frei Ambrósio Tondello (1912-1990), o santo Frei Ambrósio, o qual, mais tarde sendo meu professor em Caxias do Sul, me aconselhou a deixar a Ordem por absoluta falta de vocação e porque eu tinha outra importante missão a cumprir no século com meus livros. Professor de Moral: Frei Exupério, nosso mestre de música.

Durante os estudos teológicos, traduzi do francês a biografia de São Fidélis de Sigmaringa, que, no entanto, nunca foi publicada. Traduzi do italiano um livro para Retiro de Jovens, igualmente não publicado. Na biblioteca do convento havia uma enorme enciclopédia em italiano, com temas para pregação. Traduzi boa parte, enchendo uma dúzia de cadernos, os quais muito me valeram para a pregação e livros.

Durante o 2º e o 3º de Teologia, tomei a iniciativa de traduzir para o português o livro de cânticos italianos, então usado nas paróquias da colônia italiana. Remeti a tradução a D. José Baréa, que a completou e editou. Muitos daqueles cânticos são ainda hoje cantados em muitas paróquias do Brasil. O livro levou o título de "Cantai ao Senhor". Alguns destes cânticos por mim traduzidos: *Glória a Deus e paz na terra; Deus eterno, a vós louvor.*

O colega Frei Celestino Dotti fundou a revista dos estudantes com o título de *Jardim Seráfico*. Para esta revista, muito colaborei com artigos e poemas. A revista o próprio Frei Celestino junto com Frei Joaquim Dall'Agnol (1916-1986) imprimia na tipografia do Correio Riograndense, que então se publicava em Garibaldi, sob a direção de Frei Boaventura Francio (1891-1955).

Um dia escrevi ao grande poeta Durval de Moraes, pedindo que compusesse um poema a Dom Vidal. O lindo soneto foi publicado em primeira mão nesta nossa revista.



11. ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Fui ordenado Diácono na Matriz de Santo Antônio de Bento Gonçalves. Três meses após, no dia 11 de agosto de 1940, eu era ordenado presbítero na Igreja Matriz de Garibaldi por D. José Baréa, Bispo de Caxias do Sul. Comigo foram ordenados: Frei Celso Chesini (1914-1979), Frei Joaquim Dall'Agnol (1916-1986) e Frei Vitorino Vian.

No dia seguinte, festa de Santa Clara, eu celebrava a primeira missa na capela do Colégio São José, tendo por coroinha meu irmão, o Pe. Firmino Dalcin, então seminarista de Filosofia em São Leopoldo.

No dia 15 de agosto, festa de Nossa Senhora da Assunção, um domingo frio e chuvoso, célebre a minha primeira missa solene na Igreja Matriz de Santo Antônio de Bento Gonçalves, onde residiam meus pais e irmãos. Era pároco o futuro Bispo de Pelotas, D. Antônio Zattera. Foram meus padrinhos o Prefeito Municipal e o Delegado de Polícia.

No domingo seguinte, celebrei missa solene na capela de Torino, sendo pregador o Frei Jerônimo Cresele (1907-1980); padrinhos: os tios Bôrtolo e Jacinto, que me presentearam com um relógio Ômega. A comunidade ofertou-me um cálice dourado, que ficou para a capela do convento de Garibaldi.

Continuei os estudos teológicos durante mais um ano, durante o qual celebrava missa na capela do convento, na Igreja Matriz, na capela do Colégio Santa Rosa de Carlos Barbosa e também em capelas do interior do município.

12. EM VERANÓPOLIS

Em junho de 1941 até fins de 1942, exerci o ministério na paróquia de Veranópolis, como coadjutor do Frei Domingos Rigon (1901-1977), pároco.

Paróquia imensa, abrangia então a atual de Vila Flores, que eu atendia celebrando uma ou duas vezes por mês, aos domingos. Em Vila Flores, fiz boas amizades com as famílias Frosi, Simonetto, Lunardi e, principalmente, Fiori, havendo até batizado a primeira Prefeita de Vila Flores, professora Zélia Fiori. Quando, em dezembro de 1942, me despedi de Vila Flores, vi muitas lágrimas nos olhos das moças daquela comunidade.

O trabalho pastoral naquele tempo absorvia todas as horas do dia e, por vezes, da noite. Quando uma pessoa se encontrava doente, o padre era convidado para assisti-la e ministrar-lhe os Sacramentos. Então, não raro, de noite, lá ia eu a cavalo, retornando de madrugada ou já de dia. Naquele tempo, ninguém comungava sem previa confissão. Por isso, o trabalho do confessor tornava-se cansativo, sobretudo nos Finados e Natal.

Durante a semana, eu ministrava aulas de catecismo nas escolas da cidade e aos domingos na Matriz. Durante a semana, na capela após a missa.

No Passo Velho do Rio das Antas, hospedava-me na casa da família Cavedon, meus grandes amigos. Em Lajeadozinho, era na casa de família Polosello.

José Bin, de Lajeadozinho, dedicava-se a agricultura e fruticultura, sendo o primeiro a introduzir em Veranópolis o cultivo de macieiras. Ele obteve uma variedade de trigo, que eu divulguei pela imprensa, dando-lhe o nome de “Lajeadozinho”. A variedade, de alta produtividade, é cultivada ainda hoje em muitos estados do Brasil.



Na capela de Monte Bérico, eu tinha bons amigos, entre os quais a família Dal Ponte, que na época iniciava a fabricação de bolas de futebol, das quais eu dei notícias pela imprensa.

De vez em quando, eu era convidado pelo Pe. Rui Lorenzi, pároco de Cotiporã, para auxiliá-lo no trabalho pastoral. Como eu tinha lá um tio, Sílvio Breda, era para mim motivo de alegria visitar Cotiporã. Um dia, a filha do tio Sílvio, a Gelsimina, iniciou namoro com Érico Chiaradia, de Veranópolis. Depois romperam o namoro, eu consegui que fosse retomado, acabando em casamento.

Em Veranópolis, fundei a primeira biblioteca, instalada na casa da Helena Amantéa. Registrei-a no Instituto Nacional do Livro, conseguindo, com isso, receber gratuitamente grande número de livros. Depois que eu deixei Veranópolis, a biblioteca recebeu o meu nome: Biblioteca Frei Fidélis. Foi lá instalado um quadro com minha foto de mais de metro de altura.

Depois disso, fundei mais uma dezena de bibliotecas, todas inscritas no Instituto Nacional do Livro. Entre estas, fundei uma na paróquia de São José do Fragata, em Pelotas; outra em Vacaria, no Colégio São José; outra em Bom Jesus; em Caxias do Sul, no bairro de Santa Catarina...

Por causa do meu trabalho em prol da fundação da biblioteca de Veranópolis, fui recomendado ao superior provincial, Frei José Cherubini, por Frei Agostinho Bizoto. Fui então destacado para primeiro vigário da paróquia de São José do Fragata, em Pelotas.



13. EM PELOTAS

D. Antônio Zattera, assumindo o cargo de Bispo de Pelotas, convidou os Capuchinhos a trabalhar naquela cidade e oferecendo a paróquia de São José do bairro Fragata, prestes a ser criada. Frei Bernardino Vian, que já auxiliava na Catedral, foi destacado a preparar a criação da nova freguesia.

Em janeiro de 1943, fiquei morando numa casa aos fundos de uma Cooperativa da família Assunção, que acabou doando aquele imenso salão para a nova paróquia.

Não havia igreja e o culto realizava-se na escola, que passou a servir provisoriamente de igreja matriz. O próprio sr. Bispo foi lá para me dar posse.

Paróquia enorme, abrangia boa parte da cidade e grande extensão de campanha, incluindo a atual paróquia de Capão de Leão, a Cascata, a Fazenda do Pavão e Santo Amor. Eu percorria a paróquia de charrete, de ônibus e indo de trem até Capão do Leão. Mais tarde, adquirimos uma bicicleta, para mim e o Frei Bernardino. Com este precário veículo, eu chegava a fazer mais de 100 km num só dia. Uma vez, já cansado de pedalar agarrei-me a um caminhão. Fui infeliz. Sem prática, a bicicleta desgovernou e eu caí estirado no chão arenoso, sem que o caminhoneiro notasse.

Algum tempo mais tarde, recebi a ajuda de um coadjutor, o qual, durante algum tempo, ficou atendendo a paróquia de Mostardas.

Ainda no primeiro ano, tratei de conseguir as Irmãs de São José para auxiliar na pastoral e catequese. Encontrava-se, no outro lado da avenida, de frente da igreja, uma casa enorme casa com chácara. Era de uma viúva, que desejava vender aquela bela propriedade. As Irmãs do Colégio São José, do centro da cidade, adquiriram a propriedade, que, mais tarde, transformaram em escola.



Logo tratei de fundar a Ação Católica, iniciando a juventude feminina. O sr. Bispo foi lá para instalar e ficou muito bem impressionado. A partir daí, D. Antônio convidou-me para seu confessor.

A fazenda Santo Amor, perto do Morro Redondo, já nos confins da paróquia, dispunha de uma capela particular, na qual eu costumava celebrar missa, fazer batizados. A fazenda encontrava-se à venda. Falei a D. Antônio, que logo adquiriu a bela propriedade, num lugar pitoresco e alto, e a transformou em casa de reuniões e retiros da diocese.

Em 1944 fui convidado pelos Irmãos Lassalistas do Colégio Gonzaga a lecionar Filosofia na Faculdade de Ciências Econômicas daquele estabelecimento, sendo diretor o Ir. Fernando, francês, e diretor do Colégio o Ir. Celso Debastiani. Entre os colegas de magistério, eu tinha os professores Lousada e Collares.

Eu colaborava no Diário Popular e no semanário diocesano "A Palavra". Neste jornal, mantive durante algum tempo uma coluna caipira, assinada por Agapito. Um dia, sobrevivendo a reforma ortográfica que suprimiu o *h* inicial de certas palavras, eu, fazendo humor, declarei que deixava de escrever aquela coluna por me haverem tirado o *h*, ficando o nome, em lugar de Agapito, apenas Pito... Um dia, o sr. Bispo me convidou para dirigir o jornal "A Palavra", em substituição do Padre Neves.

* * *

As moças da nova paróquia, quase todas de origem lusa, eram bem diferentes das de Veranópolis. Eram mais achegadas ao padre, mais afetivas, mais abertas. Algumas chegaram a se apaixonar pelo vigário. E eu, sem vocação para o celibato, acabei me envolvendo numa crise terrível. Daí por diante, passava uma temporada de comportamento exemplar. Depois recaía nos amores, provocando uma angústia sem fim, da qual, durante anos, lutei para me libertar. Rezava, rezava, até que um dia aconteceu o milagre da conversão.

Foi quando trabalhava no Ginásio Duque de Caxias. Caindo

doente no Hospital São Paulo, a Ir. Dulce foi me levando a me transformar espiritualmente, auxiliada pela Ir. Luísa Antonieta Zancheta, uma excelente psicóloga. O caso vem contado detalhadamente no livro "Caminhos do Senhor". Sendo, depois, capelão da Escola Rainha da Paz, as Irmãs de São José, as noviças e postulantes, vendo o fervor com que eu celebrava a missa, diziam que eu era santo.

Mas este estado de espírito durou cerca de cinco anos. Depois, voltaram os amores, culminando em outra conversão. O milagre, um autêntico milagre, desta nova conversão, levou-me a entrar em minha vocação, deixando a vida religiosa para, em estado leigo, me transformar num apóstolo através dos livros.

* * *

Em Pelotas, como em qualquer outra parte, naquele tempo, ninguém usava barba. Então, nós os Capuchinhos, sofríamos terrível zombaria das pessoas sem religião. Era na rua, no bonde, em toda a parte. Ouvia-se: Bée. Vai cortar a barba, bode.

Um dia, Frei Bernardino, bem no centro da cidade, trepou num muro e apostrofou a multidão, fazendo um discurso de alarmar. Citou Cristo, citou Tiradentes, que usavam barba...

E agora, para recordar o que passei naquela paróquia, vou reproduzir o conto "Dia de Batizado", que vem publicado no livro "A Rebelião das Águas".

* * *

O seu novo campo de apostolado - diz o conto a certa altura - era um populoso bairro de Grande cidade, na maioria operários, indiferentes à prática da religião, e vasta zona de campanha que devia percorrer sem meio certo de condução, ao deus-dará.



Primeiro vigário de paróquia recém-criada, enfrentou dificuldades sem conta. Mas em pouco tempo, correu todos os recantos e tornou-se conhecido e amado pelo novo rebanho.

As visitas pelo interior eram feitas viajando de ônibus, de carona ou na charrete do bom amigo Olavo Couto. Aos povoados vizinhos, a vinte quilômetros da cidade, ia de bicicleta, pedalando nas arenosas estradas, através de extensas planuras.

De volta de uma viagem em visita a um moribundo, perto de Morro Redondo, já na paróquia de Santa Eulália, vinha uma vez de bicicleta, altas horas da noite. Esgotado de fadiga, pedalando, na larga estrada plana e reta, seguia maquinalmente sem preocupação do volante. Aquele balanceio monótono fomentava o sono. Até que enfim começou a cochilar. E, assim, dormindo, continuou a pedalar pela estrada deserta e escura, que o farol em vão iluminava. De repente, acordou. Levou grande susto. Ziguezagueou com a roda dianteira. Quase caiu. Firmou-se e prosseguiu viagem... Estava dormindo e até sonhando... Depois comentava com seus botões: Que interessante: A gente chega até a dormir na bicicleta...

Volta e meia, sentia o rebenque da saudade. Saudade de Alfredo Chaves (Veranópolis). Saudade dos bons amigos. Saudade, principalmente, daquela vida cristã fervorosa. A nova paróquia e, de modo especial, a zona da campanha, parecia terra de missões. Um desconhecimento quase total da religião. Em toda a extensão da freguesia, dez vezes maior que a anterior, havia apenas duas capelas.

Uma tarde, encontrava-se na fazenda Santo Amor, para, no dia seguinte, celebrar e fazer batizados. Ao pôr do sol, passeava, rosário na mão, no piqueto ao lado da casa, no alto da coxilha, donde se descortinava um horizonte infinito. À esquerda, junto à estrada de Canguçu, via o povoado de Venda Nova. Casas de fazendeiros branqueavam, esparramadas pelo campo. Ranchos. E lá ao longe, muito longe, a cidade de Pelotas. Tanta habitação, tanta gente e nem uma igreja.

Era a hora do Angelus. Recordou-se dos dias em que, junto às capelas da sua antiga paróquia, àquela hora crepuscular, escutava os

sinos de várias igrejas tocando as Ave-Marias... E aqui, naquela imensidão, não havia uma capelinha sequer. Não bimbalhava um sino. Nem mesmo de muito longe. Nada. Aquela solidão, aquele silêncio, aquela ausência cruel da voz familiar do sino amigo, ao cair nostálgico da tarde, causava-lhe tamanha nostalgia, tamanha tristeza, que encostou os braços e a fronte num moirão de pedra do alambrado e começou a chorar perdidamente, desconsoladamente, feito criança. Lágrimas quentes. Lágrimas copiosas. Lágrimas sinceras. Nunca na vida chorara assim... O episódio jamais se apagou da memória.

O sr. Felisberto, informado pelo vigário de Ivo Ribeiro (hoje Pedro Osório) acerca da criação da nova paróquia, em cuja periferia se encontrava agora a sua casa, foi ter com Pe. Fidélis.

- Seu vigário, - falou - eu queria que o senhor viesse à minha casa para fazer batizados. O outro vigário vinha duas ou três vezes ao ano. Desta vez vai ser na minha casa. É a primeira vez. Tem muito batizado tratado. É no Açoita Cavalos. O vigário vai pela estrada de Canguçu até a venda do Seu Prudêncio. Daí segue para o Açoita Cavalos. Aqui todo mundo sabe onde eu moro. E só perguntar. Querendo, pode ir também pelo Capão do Leão.

Combinaram o dia, às 4 horas da tarde. Feito... O Felisberto, de volta, passou pela venda e deixou o aviso dos batizados. Encomendou uma dúzia de cervejas e guaranás. Balas, bolachas, foguetes. Convidou o Zé Gaiteiro para alegrar a festança...

Para o vigário o caminho do Capão do Leão dava mais no jeito. Na véspera, iria de ônibus até a vila. No outro dia, depois da missa, seguiria viagem. Juvenal, o sacristãozinho do Capão do Leão, levaria o padre na charrete da família.

O dia amanheceu enfarruscado, com cara de chuva. O picaço trotava pela estrada arenosa. A charrete balançava, aos sacolejos, deixando para trás as casas dos fazendeiros, com frondosas e velhas figueiras ao lado.

Cinquenta quilômetros. Um bom tirão. Chegaria a tempo para os batizados? Toca, Juvenal. A açoiteira reboleava no ar e estalava no lombo do picaço. Corria debulhando pata. Toc-toc, toc-toc.

A planura se acabou na encruzilhada. O corredor ia trepando a serra agora. Touceira de capões, manchando a monotonia dos campos. Pedreiras. Ranchos. Rocinhas de milho. Sangas.

Começou a peneirar a garoa, a estrada a ficar lisa. O cavalo escorregava. Até que enfim, deu mancar. Mancar de verdade. Bonito! E agora? Não adiantava o rebenque. O animal não ia mais do que a passo.

Que aflição, meu Deus! Já são quatro horas. Hora dos batizados. Que estará pensando o Seu Felisberto? O vigário é um tratante. Promete e não cumpre. Vou ajustar as constas com ele...

O picaço era só ali, no passito. As horas, essas voavam. A garoa peneirando, sem jeito de para. Seis horas. Sete horas. Escureceu. Oito horas. Nove horas. As horas mais velozes do mundo. A estrada mais comprida do mundo. Enfim, no Açoita Cavalos. Com esse andar, ainda temos um hora – disse Juvenal, que era vaqueano velho naquelas bandas. Conhecia a estrada, mesmo de noite.

Dez horas. Surpresa na casa do Seu Felisberto. Já ninguém esperava o vigário. A cordeona soprava um rasqueado campeiro. O baile estava no bom da festa.

O vigário entrou no rancho, de chão batido, paredes de barro, coberta de telha vã. Ninguém deu pela presença do padre. O baile continuou, na salinha mal iluminada pelo velho lampião esfumaçado.

- Que foi seu vigário? - perguntou Felisberto.

- Nem queira saber, Seu Felisberto. O cavalo, o cavalo manqueou. Só andava a passo.

- Não faz mal, vigário. Pousa e amanhã fará os batizados. Sente. Vamos comer leitão assado.

Jantaram. Vinham esfomeados e abombados da viagem. Estavam só com o café da manhã. Além disso, o Pe. Fidélis andava estropiado por uma gripe mal curada.

Num repente, no meio do baile, rompe peleia feia. Não era peleia de gente. Peleia de cachorro. Foi um Deus nos acuda. As moças berraram, ganhando a porta, num prisco. Seu Felisberto correu e espantou a briga a pontapés; mas uma dentada canina lhe rasgou o dedão do pé direito.

- La fusca! - resmungou o vigário. - Até que a briga é de bicho, não é nada.

Terminou a recitação do Breviário ali mesmo, à luz da vela, ao ranger da gaita. Que Nosso Senhor me perdoe - pensou - mas isto até parece reza ao som do órgão. Havia ainda a fumaça do “incenso” dos cigarros crioulos da cablocada...

O Seu Felisberto atendia a todo mundo. Vendia doces, balas, rapaduras, cerveja, guaraná. Depois sentava perto do vigário e tirava uma prosa.

- Escute, Seu Felisberto, - perguntou o padre - até quando vai a festança?

- Ó Seu vigário, isso vai até lá pela meia-noite.

O padre consultou o relógio: onze e pico. Andava mortinho por uma cama. Cama? Haveria cama naquele miserável rancho com apenas duas peças? Terei que dormir aqui mesmo, na salinha do baile, pela certa.

Mas como demorou a chegar a meia-noite! Demorou mas chegou. Até que enfim. Meia-noite. Meia-noite e cinco. Meia-noite e dez. Meia-noite e quinze. E a dança rodopiando, rodopiando sem parar.

- Mas, como é, Seu Felisberto, isso não acaba então? - pergunta o padre.

- Olhe, Seu vigário, ainda não dá para as despesas...

O caboclo levantou-se para atender um freguês. O padre encostou a cabeça na mesa. Balançava a perna direita. Ainda não dá para as despesas. Barbaridade! Ainda não dá para as despesas. Despesas? Que despesas? Então o cara marcou os batizados para fazer negócio? Ainda não dá para as despesas. Despesas do gaiteiro. Despesas da bebida. Despesa dos doces. Ainda não dá para as despesas. A frase não lhe fugia mais da cabeça.

Aonde eu vim parar, Nossa Senhora! Num rancho de caiçaras. Rancho de barro. Dizem que é perigoso dormir em rancho de barro. Pode pegar o papo, da mordida de um inseto que para nas paredes de barro. Papo? Bobagem! O Seu Felisberto não tem papo.

Ainda não dá para as despesas... Nunca mais me pilharão noutra. Marcar batizados num rancho destes! Dormir num rancho destes! Aguentar a patuscada destes caboclos! Nunca mais. É a primeira e última vez. Vivendo e aprendendo.

Agarrou o chapéu. Vestiu a grossa capa de gaúcho e saiu. Fora, a garoa continuava peneirando, na meia-escuridão, pois a lua, embora escondida pelas nuvens, coava tênue claridade. Pegou do rosário e começou a desfiar as contas. Rezava para que o baile terminasse de uma vez. Passeava no pequeno pátio do rancho. Uma dezena do terço. Segundo mistério. E a cordeona sempre remoendo a eterna toada, nheque-nheque, nheque-nheque.

Deu a volta ao rancho. Viu uma casota. Devia ser o paiol!. Teve, então, uma ideia: se eu fosse dormir no feno do paiol? Boa ideia! Deixa terminar o terço. Terceiro mistério. Andando. Sempre andando. A garoa tombando no chapéu, salpicando o rosto. Quarto mistério. Quinto mistério. Que terço demorado! Aproximou-se do paiol. Do lado de cima viu uma porta. Ia entrar. Parou. Pareceu ouvir um ruído como o rressonar de alguém a dormir. Deve ser algum animal, lá em baixo. Riscou um fósforo. Animal nada. Era um baita de um negrão, deitado de costas, ali no feno, dormindo e roncando, talvez cozinhando uma bebedeira.

E agora? O remédio era esperar o final da festança. Os bailarinos

agora começam a cantar, acompanhando a gaita. Um cantar de bêbados, desafinado.

Aquilo já dava raiva. Que abuso! Que profanação! Uma festa religiosa profanada com baile. Se fosse em Alfredo Chaves, seria o maior dos escândalos.

Consultou o relógio à luz de um fósforo. Quase uma hora. Como andam devagar as horas! De tarde, durante a viagem, voavam. Agora, vão de arrasto, como o cavalo manco.

Ainda não dá para as despesas. Será que ainda não dá? Vou ver. Entrou no rancho. Olhou para o Seu Felisberto como quem diz: Então, já deu? Mas não disse nada. Sentou-se. Mas não encontrou sossego. Saiu. Passeou pelo pátio. Afastou-se pela estradinha no meio do capim. Viu adiante o negror de um capão. E se eu fosse dormir no mato? Aqui eu não aguento mais.

Foi. Quebrou galhos de árvores. Ajeitou uma cama. Deitou-se, enrolado na capa. Gotas batendo no chapéu. Mosquitos picavam o rosto. Tapou-se. Muito abafado. Os galhos machucavam as costas. Assim mesmo sentiu alívio. Mas dormir? Impossível. O gemido enjoado da gaita chegava também ali. Até quando? Ainda não dá para as despesas... Galos cantavam.

De repente, ouve passos. Que susto! Será gente ou será bicho? O ruído dos passos cessou agora. Aqui não dá para ficar. Resolveu ir ralar o Seu Felisberto e acabar com o baile.

À porta do rancho, faltou-lhe coragem para ralar. Ficou fora mesmo, passeando. Começou a rezar outro terço. Sem devoção. A canseira, o sono, a raiva da cordeona, não deixavam rezar com devoção.

Sentiu vontade de chorar. Chorar? Bobagem! Não adianta chorar. O melhor mesmo era abrir-se com o Seu Felisberto. Esperou mais um pouco. Os dançarinos começaram a sair. Uns a cavalo. Outros a pé. Graças a Deus! A gaita, no entanto, a maldita gaita, continuava roncando. Entrou.

- Seu Felisberto, já deu para as despesas?

- Já vai terminar, Seu vigário. Ainda um pouco.

A esperança é a última que morre. É o que dizem. Eu também vou esperar. Sentou-se. Depois saiu. Passeou. Voltou ao rancho. Os últimos bailantes iam saindo.

- Boa noite, Seu Felisberto. Boa noite, Seu vigário.

O relógio marcava três horas. Três horas da madrugada. O Seu Felisberto ajeitou os engradados, as latas de balas, de doces. Puxou três bancos para o meio da salinha. Colocou sobre eles um colchão de palha de milho. Colchão grande, de casal.

- Boa noite, vigário.

-Boa noite, Seu Felisberto.

O Pe. Fidélis e o Juvenal deitaram sobre o colchão. Cobriram-se com a capa de gaúcho. E ferraram no sono. Meia hora depois, o Juvenal coloca a mão no ombro do vigário e chama:

- Padre, vamos para a casa. Eu não quero mais ficar aqui.

- Daqui a pouco, rapaz. Espere que clareie a dia.

O sacristão virou-se e adormeceu. O vigário sentiu vontade de dar-lhe um sopapo. Mas se conteve. Amanhã ele vai me pagar. Ora, ainda esta. Já fiquei nervoso outra vez. Desaforo. Acordar-me agora que estava no bom do sono! Pronto! Já não posso mais pegar no sono. Ah, guri, amanhã você me paga.

Revirou-se. Rezou umas Ave-Marias. E ao cabo de meia hora, ferrou outra vez no sono. Foi aí que o Juvenal lhe pôs a mão na cabeça, dizendo:

- Padre.

- Que há, Juvenal?

- Eu quero ir para casa. O senhor não quer. Mas eu não fico mais

aqui.

Ai, meu Deus! Dai-me paciência. Isto já é demais.

Só lá pelas quatro horas e meia, é que pôde reconciliar o sono. Às cinco horas, ao clarear do dia, o dono levantou-se. O padre levantou, morto de sono e de cansaço.

- Bom dia, vigário. Vamos preparar a salinha para os batizados.

Por volta das nove horas, chegaram os batizados. Eram dois... O padre benzeu aquele lugar profanado pelo baile. Celebrou a missa. Tomou café e se tocou rumo de casa.

- O que é que você tinha esta noite de me chamar, Juvenal?

- Eu? Eu não chamei o senhor.

- Duas vezes me chamou pedindo de ir para casa.

- Não me lembro. Só se foi sonhando. Ontem, comi aquele leitão assado e não fiz bem a digestão. Com certeza foi por isso. Mas não me lembro de nada, não.

- Vamos, picaço.

A açoiteira rebolou e estalou no lombo do cavalo. Corria debulhando pata. Toc-toc, toc-toc. Já não mancava mais.

* * *

Entre as numerosas famílias que muito me auxiliaram em Pelotas, devo citar: José Coelho da Rocha, em cuja casa eu fiz as refeições durante algum tempo: suas filhas - Maria, Ruth e Leda - muito colaboravam na paróquia; com a Leda ainda me correspondo.

Outra família benfeitora e amiga: Olavo Couto, com três filhas muito dedicadas: Hermínia (Filhinha), Florência (Tati) e Almira (Lili); Pedro Couto: cujo casamento presidi com a Licínia, reside na cidade de Taquara, onde é pastor metodista; ao festejar suas bodas de prata, fez-me convite, a que não foi possível atender.

Celebrei o casamento também de José e Celina Marques de Oliveira, grandes amigos. Outras famílias benfeitoras: Nelson Capano, Ocarlino e Antoninha Benites, Assunção, Loréa, Manfrin, Araújo. Joaquim de Oliveira, morador de outra paróquia, era meu grande amigo, fundador do Grupo Joaquim Oliveira e da rede de supermercados Real. Um paroquiano meu tornou-se sacerdote Capuchinho: Frei Carlos Reis Freitas, ordenado em 29-12-1985; convidado, não pude comparecer. É parente da colaboradora Jaci Lotufo. Em 1948, em Portugal, recebi a visita do meu paroquiano pelotense, dono da fábrica de doces Almeida.

14.VACARIA

Em janeiro de 1946, com lágrimas nos olhos, despedi-me dos paroquianos de Pelotas, para tomar posse do cargo de pároco da Catedral de Vacaria, uma paróquia imensa, hoje dividida em cinco, a saber: Catedral, Fátima, Glória, São Manuel e Campestre da Serra.

Eram meus auxiliares: o Bispo D. Frei Cândido Bambi (1889-1978), o Frei Geraldo de Cruffy (1885-1990). Durante uns meses, tive o Frei Ângelo Ferronato como auxiliar da paróquia. D. Cândido costumava celebrar na Catedral, deixando a mim e demais padres o atendimento do interior.

A primeira visita deu-se à capela de São Pedro, em Coxilha Grande. A viagem decorreu dramática. Desacostumado a andar a cavalo, sofri, não só pelo longo caminho, mas, sobretudo, porque o cavalo começou a mancar. Almocei na casa do comerciante Atílio Benedet, e cheguei ao meu destino pelas quatro horas da tarde. Cheguei abombado, literalmente prostrado e com febre. Hospedei-me na casa da família Michelin.

A capela de São Bernardo, hoje pertencente à paróquia de Campestre da Serra, muito distante, demandava um dia de viagem a cavalo. Naquele tempo, encontrava-se em construção a atual BR-116.

Entre os coroinhas, tive o atual Pe. Vasco Paganella, e o atual brilhante advogado Dr. Clóvis Garbin, pai de nossa Juíza de Direito em Lagoa Vermelha, Dra. Rosana Broglio Garbin.

Numa viagem acompanhado pelo Vasco Paganella, deu-se um acidente que poderia ter sido trágico. O cavalo, em que ele ia montado, assustou-se, corcoveou, derrubando o guri, que ficou preso com o pé no estribo, sendo arrastado uns quantos metros.

* * *

Uma das festas mais solenes em Vacaria era a do Divino Espírito Santo. Em preparação, a Bandeira do Divino percorria toda a paróquia, em visita às fazendas, onde era sempre muito bem recebida.

Para pregador do tríduo e da festa, convidei o Frei Armindo Vicenzi, que lecionava no Seminário Diocesano de Caxias do Sul. Uma surpresa: em lugar do Frei Armindo, chegou o Frei Romualdo Mulinari (1905-1990), que era o reitor e superior do Seminário. Chegou alegando que vinha substituir o Frei Armindo, que estava impedido. Mais tarde, perguntei ao Frei Armindo o motivo de sua ausência. Respondeu: eu não fiquei sabendo: não recebi sua carta...

Nesta ocasião, o Frei Geraldo me denunciou ao Frei Romualdo, acusando-me de ter eu amizade com as moças; de que eu recebia cartas de jovens de Pelotas. Surgiu daí a resolução de me afastar de Vacaria, para transferir-me a Caxias do Sul, no Seminário Nossa Senhora Aparecida.

Um dia, D. Cândido combinou comigo mandar fazer um novo altar para a Catedral, o belo altar-mor de mármore que lá se encontra. Fomos ambos a Porto Alegre e encomendamos o altar na Casa Genta.

Um dia, baixei ao Hospital Nossa Senhora da Oliveira, para submeter-me a uma cirurgia de apendicite, que foi efetuada pelo Dr. Cássio Costa. As Irmãs de São José, que eram proprietárias daquela casa de saúde, mostravam-se muito atenciosas comigo. Havia, entretanto, uma Religiosa enfermeira que se excedia em atenções. Por minha vez, eu adorava ser atendido por aquela Irmã, muito bonita, de olhos azuis, 21 anos. Uma autêntica fascinação...

Tratava-se da Ir. Raimunda. Pois, volvidos 26 anos, esta enfermeira tornava-se minha companheira: Carmelina Camatti... Naquele tempo, ninguém cogitava em secularização de padres e freiras. Era um escândalo imperdoável. Nunca me passou pela cabeça a ideia de que um dia poderia acontecer comigo tão fantástica transformação. Foi um

autêntico milagre, que me fez entrar no caminho certo de minha verdadeira vocação. Milagre que vem narrado em detalhes no livro "Caminhos do Senhor".

15. SEMINÁRIO DIOCESANO DE CAXIAS DO SUL

O Pe. Ivo Adamatti, Reitor do Seminário Diocesano Nossa Senhora Aparecida, em 11-9-1972, forneceu este atestado: "Atesto, para os devidos fins, que FIDÉLIS DALCIN BARBOSA lecionou neste Seminário, no período de 20 de julho de 1946 a 30 de novembro do mesmo ano. O referido professor lecionou as seguintes disciplinas: Latim, Geografia, História e Português. Foi professor exemplar, tendo lecionado sempre com eficiência e sem nenhuma nota desabonatória".

Em 1946 era reitor o Frei Romualdo Mulinari, e professores: Frei Cláudio Mocelini (diretor espiritual), Frei Nicolau Lucian (1914-1985), Frei Henrique Castegnaro, Frei Cipriano Stangherlin, Frei Armindo Vicenzi, Frei Mariano Roncato (1921-1964), Frei Albino Aresi e Frei Fidélis.

Durante três dias, preguei retiro espiritual aos seminaristas. Aos domingos prestava serviço na então capela de Santa Catarina; na paróquia de São Pelegrino, ainda na velha igreja matriz, sendo pároco o Pe. Eugênio Giordani. Fiz ainda de capelão do Colégio São Carlos.

Frei Romualdo costumava abrir as cartas que me eram destinadas. Se o remetente fosse alguma jovem de Pelotas, a carta nunca me era entregue. Só recebi, já abertas, cartas do meu pai e do escritor Soares de Azevedo, do Rio de Janeiro.

Eu me correspondia com esse escritor, tendo, inclusive, feito convite para que fosse a Caxias do Sul, como aconteceu. O Pe. Eugênio Giordani ofereceu-lhe um banquete, no dia em que o escritor proferiu palestra no Colégio São Carlos.

Um dia combinei com o Frei Armindo escrever uma carta de provocação ao Frei Arcanjo Bisotto (1915-1946), diretor do jornal Correio Riograndense, então editado em Garibaldi. Frei Arcanjo, brilhante jornalista, fazia naquele tempo severas críticas a alguns jornais de Caxias do Sul. A nossa carta aumentou a ira do diretor do jornal. Um dia, indo a

Caxias, Frei Arcanjo tomou parte num almoço, durante o qual, ao que parece, foi envenenado, vindo a falecer em pleno vigor de seus anos e de sua fantástica carreira, no dia 30-12-1946.

Fui então nomeado diretor do Correio Riograndense, em Garibaldi, para onde me transferi em dezembro daquele ano.

16. ESTRADA DE SÃO VENDELINO

Em janeiro e fevereiro de 1947, escrevi uma carta ao Diário de Notícias de Porto Alegre, com a qual se iniciou nas páginas deste jornal uma campanha em prol da construção da atual estrada dita São Vendelino.

O jornalista Cláudio Candiota, que mais tarde seria meu professor de jornalismo na PUC de Porto Alegre, compareceu em Carlos Barbosa para me entrevistar, havendo publicado minha foto no jornal.

A campanha prolongou-se por cerca de um mês, havendo inclusive sido registrada no anais da Assembleia Legislativa. O movimento decorreu tão intenso, que houve gente, como o Dr. Achyles Dal Molin, que sugeriu que meu nome fosse dado a esta rodovia.

Mas toda a campanha resultou em vão. Sabem por quê? O Cônego Gasparry, então pároco de São Vendelino, me informou que a estrada não foi aberta em virtude do pedido do então Arcebispo de Porto Alegre, D. Alfredo Vicente Scherer, que interferiu junto ao Governador Dr. Valter Jobim, assim como de seus sucessores, Gen. Ernesto Dorneles e Eng. Ildo Meneghetti.

D. Vicente Scherer, que é natural de São Vendelino, pediu às autoridades do Governo do Estado que a estrada não fosse aberta, a fim de que a corrupção não entrasse naquela colônia... Fiquei sabendo, mais tarde, que a interferência do sr. Arcebispo foi realmente decisiva em favor do retardamento da abertura e pavimentação desta importante rodovia estadual, que vem prestando extraordinário serviço à economia do Rio Grande e do Brasil.

De janeiro a junho de 1947, fui redator do Correio Riograndense, em Garibaldi.

17.PORTUGAL

Os Capuchinhos iniciaram suas atividades em Portugal no dia 8-12-1934, com a chegada do Frei Antônio de Carrocera, da Província de Castela (Espanha). Frei Antônio, durante alguns dias, ficou hospedado em casa do senhor Prior de Barcelos. A ele juntaram-se depois os padres espanhóis Frei Alfredo de Polientes e Frei Damião de Villahibiera, ambos da Província de Castela. Passaram a residir perto da igreja de Santo Antônio, numa casa de Dona Augusta. A seguir, num terreno anexo à referida igreja, iniciou-se a construção do convento de Barcelos. Durante largos anos, foi alma desta casa o saudoso Frei João Evangelista de Idiazábal, vigoroso de corpo e alma, muito meu amigo.

Em 1940 o convento de Barcelos foi erigido em casa do Noviciado e estudantado de Filosofia. Frei Cirino Primon, gaúcho, foi Mestre dos Noviços e professor de Filosofia; mais tarde, missionário em Angola, na África.

A fundação da Província de Portugal contou com a colaboração dos Capuchinhos de várias Províncias da Espanha, dois Capuchinhos de São Paulo, os irmãos gêmeos Frei Jerônimo do Souto e Frei Mateus do Souto; este faleceu recentemente. A seguir, outro português, Frei Francisco Leite de Farias, irmão do ex-embaixador de Portugal no Brasil.

Para completar a equipe dos fundadores, foram destacados os Capuchinhos gaúchos: o já citado Frei Cirino, Frei Amadeu Cemin, Frei Vital Aresi, Frei Júlio Bianchi (1919-1984), Frei Floriano Skowronski, Frei Fulgêncio Caron (que foi Mestre dos Noviços em Barcelos), Frei Pio Boschetti, Frei Jerônimo Gresele. A estes juntei-me também, seguindo para Portugal acompanhado do Frei Bernardino Vian (1912-1985) e Frei Sabino Giongo (1919-1991).

No Rio só conseguimos passagem no navio Santa Cruz, de bandeira panamiana e tripulação portuguesa, no dia 2 de agosto. Éramos 1.600 passageiros, na maioria portugueses residentes no Brasil, que iam

rever suas santas terrinhas e aproveitar a temporada de verão da Europa. Muitos destes portugueses levavam automóvel, com o qual viajariam pelo Portugal. Todos automóveis de última geração. Então, quem estivesse lá nos meses de verão, encontraria centenas de carros com placa do Brasil.

A viagem demorou 18 dias, com escala em Santa Cruz, ilha do Tenerife. Desembarque no porto de Vigo no dia 20. Daí seguimos até a cidade do Porto por via férrea.

A travessia do mar num transatlântico oferece excelente oportunidade de travar amizade com os passageiros, formando uma grande família. Viajava conosco o escritor nordestino Luís Câmara Cascudo. Fiz amizade com ele de uma forma curiosa. Chegou-se para mim pedindo uma nota de dez cruzeiros. Devolveu-me outra de 100 cruzeiros...

* * *

ARLETE - Durante os quinze dias que permanecemos na então Capital do Brasil, aconteceu-me um fato que não posso deixar de contar. Fui à Livraria Melhoramentos para adquirir alguns livros. A balconista, uma morena, Arlete do Nascimento, atendeu-me cordialmente e me ofertou todos os livros que eu acabava de encomendar, entre os quais. *Iracema* de Alencar e *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães.

De tarde, saindo do emprego, a moça compareceu no convento, levando-me um pacote de bombons e dinheiro para a viagem. Declarou que sentia muito a minha ida a Portugal. Agora, todas as tardes, lá comparecia ela, sempre com presentes. No dia do embarque na Praça Mauá, Arlete, deixando o trabalho na livraria, lá compareceu, com mais presentes e dinheiro. Permaneceu lá até que o navio, já de noite, zarpou rumo da Europa.

No terceiro dia de viagem, já em alto mar, com a maior surpresa, recebo um rádio-grama com estas palavras: *Saudades, Arlete*. Chegando em Portugal, encontrei uma porção de cartas da moça, que praticamente

todos os dias passou a me escrever. Assinou para mim o jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Mandava-me livros e, um dia, uma foto, que vai no fim deste livro.

Um dia, estranhamente, parei de receber cartas da Arlete. Passado algum tempo, estava eu deitado na cama com o Diário de Notícias aberto na página de anúncios. De repente, sem que houvesse interesse meu em anúncios, deparo com uma foto que me chamou a atenção. Era mesmo a foto da Arlete, a mesma que ela me havia remetido: Leio: Arlete do Nascimento desaparecida... Era a mãe que pedia notícia.

Levei tempo para descobrir o que estava acontecendo com a carioquinha. Por fim, tomando notícia de minha amiga Naídes Bordini, de Carlos Barbosa, que estava fazendo um curso na capital carioca, escrevi a ela solicitando que inquirisse acerca do paradeiro da moça. Descoberto o endereço, que já não era da livraria, a professora Naídes entregou uma carta minha.

Arlete respondeu-me narrando sua triste história e pedindo desculpas por ter abandonado um amor puro que era o nosso por um estercoroso. Disse que fora jogada na rua da amargura por um sujeito de origem síria, de nome Isaac. Nas férias, ela fora com a mãe a Nova Friburgo. Um dia, estando ela andando de bicicleta, aparece-lhe aquele turco, declarando que estava apaixonado por ela. Diante de tanta perseguição, resolveram voltar ao Rio, reassumindo ela o trabalho na livraria.

Passado algum tempo, Isaac aparece na livraria e declara estar loucamente apaixonado por ela. Afirmou que era solteiro, mostrou documentos. Precisava casar com Arlete. Enfatizou que se não casasse com ela, ele se mataria. Chorava, chorava feito criança. Arlete, de pena, só de pena, aceitou parar com ele no hotel.

No dia seguinte, indo para casa, a mãe recusou-se a recebê-la. Resolveu, então, aceitar o casamento. Os dias foram passando, sem que se concretizasse o enlace. Por fim, o sujeito desapareceu, abandonando-a já em vésperas de ser mãe. Desesperada, pediu socorro às boas famílias

de Nova Friburgo. Foi acolhida como filha. Soube, então, que aquele turco infame já havia desgraçado uma dezena de jovens incautas como a Arlete, deixando filhos pelos cantos, filhos de mães solteiras. A mãe condoeu-se e foi buscá-la para que a neta nascesse no Rio de Janeiro, carioca como sua mãe e avó... Ao voltar de Portugal, em 1952, fiz-lhe uma visita, lá no bairro do Encantado. Pude, então, conhecer a filha, já com uns três aninhos.

Durante a longa vida de religioso, houve umas dez jovens que se apaixonaram por mim, mas nenhuma como a Arlete. Aquele era um amor puro, como de irmãos. Nunca houve entre nós trocas de beijos e abraços...

* * *

NO SEMINÁRIO - Em Portugal, fomos parar na cidade do Porto, onde fui destacado a lecionar no Seminário Menor, na Rua Nova do Tronco, 504, bairro Ameal. Eu lecionava Português, Latim, História e Matemática. Frei Sabino foi professor e, a seguir, pregador, sendo muito apreciado pelo seu dom de oratória. O Frei Bernardino, como pregador de Missões, transformou-se em apóstolo de Fátima em Portugal, missão que mais tarde, prosseguiu no Brasil, com monumental sucesso.

Eu costumava celebrar a missa na igreja da Lapa, cujo reitor era o famoso compositor de música Pe. Luís Rodrigues, já falecido. No cemitério da Lapa, visitei a sepultura do grande escritor Camilo Castelo Branco. Eu celebrava como capelão do Colégio Luso-Francês das Irmãs Franciscanas, hoje sede provincial. Celebrava ainda na igreja da Conceição, cujo vigário era o Mons. Matos Soares, tradutor da Vulgata da Bíblia, editada no Brasil pelas Irmãs Paulinas. Durante as férias, nas festas de Natal e Páscoa, eu auxiliava os párocos de várias freguesias, entre as quais: são Mamede do Coronado, cujo pároco era o Pe. Joaquim Ferreira da Silva; na freguesia de Tavira, onde fiz grande amizade com a família Melo e Horta, cuja filha Maria Lúcia visitei em agosto deste ano de 1995. Durante dois anos, célebre i no Natal na herdade das Carias no Alentejo.

Era Superior do Comissariado o Frei Damião de Ódena, seguido

de Frei Mateus do Souto e de Frei José de Castro, de quem fui secretário. Frei Cirino foi 1º assistente; o Frei Amadeu e o Frei Vital foram reitores do Seminário.

No ano de 1951, trabalhei alguns meses na casa de Coimbra, na igreja de Santa Justa, cujo superior era o Frei Domingos de Madrid, de estatura muito pequena. Celebrei várias vezes na igreja da Rainha Santa Isabel, além do rio Mondego. Visitei o Convento dos Olivais, onde estudou Santo Antônio, cheguei a sentar na cadeira que ele usava. Visitei o Convento de Santa Cruz, berço da Universidade de Coimbra, onde estudou Camões.

ROMA - Durante o ano santo de 1950, chefiar uma peregrinação a Roma. Éramos sete pessoas, entre as quais o jovem Antero Nogueira, dono da Mercearia Africana. A excursão, numa limosine, durou 33 dias, percorrendo a Espanha, França, Suíça e Itália. Visitamos o Santuário de Lourdes, onde participamos de uma grandiosa procissão com romeiros da África. Aqui a menina Ester, que nos acompanhava, fez sua Primeira Comunhão. Celebrei na Basílica e tomei água da fonte na gruta onde Nossa Senhora apareceu à Santa Bernadete.

Em Lisieux, oramos diante do mausoléu de ouro doado pelo Brasil a Santa Teresinha. Pedimos orações a duas irmãs de Santa Teresinha que ainda viviam lá.

Em Paris, escalamos a Torre Eiffel; visitamos o palácio de Versalhes; almoçamos num restaurante de um brasileiro; visitamos o Bois de Bologne, o Jardim Zoológico, a Catedral de Notre Dame, a do Sagrado Coração de Jesus, o Teatro la Opera.

Em Lion, eu quis telegrafar para o Brasil. A telefonista perguntou se Brasil era país da África... Na Suíça, visitamos uma fábrica de pedras preciosas. Atravessamos os Alpes por Simplon. A neve cobria a estrada. Avistamos o Monte Branco; um velho convento de São Bernardo, cujos monges outrora socorriam os peregrinos que tombavam na neve. Impressionante a passagem dos Alpes, no meio de duas muralhas de pedra. Só se avistava o céu colocando a cabeça para fora do carro.

Na Itália, passamos pelo Lago de Como, indo depois visitar o Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, onde Nossa Senhora apareceu a Joaneta. Muitos romeiros. Lugar aprazível. Belíssima e grandiosa Basílica.

Em Milão, visita ao Duomo, onde se encontra incorrupto o corpo de São Carlos Borromeu. De noite, assistimos a uma partida de hóquei em patins, disputada por italianos e portugueses.

Em Roma permanecemos cerca de 15 dias; recebemos a bênção do Papa Pio XII, numa audiência coletiva. Assistimos à canonização de um santo. Visitamos todas as Basílicas. O Coliseu. As catacumbas de Santa Inês. As fontes de Trevi.

No Santuário de Pádua, vimos a língua de Santo Antônio. Daí fomos a Veneza. A seguir, Nápoles, Pompéia, onde admiramos as ruínas de Herculano e Pompéia, destruídas pelo vulcão do Vesúvio, que lançava uma fumacinha. Visita à igreja de São Genaro.

Assis nos impressionou, recordando São Francisco e Santa Clara. Esta conservava o corpo incorrupto. Igreja da Pouciúncula.

Em Loreto, tive a graça de celebrar na Santa Casa de Nazaré, que se encontra dentro da Basílica. A casa de Jesus, Maria e José, que, segundo a tradição foi transportada até Loreto.

Indo a Cascia, Santa Rita operou um milagre para nós. Estávamos sem gasolina e não havia postos por lá. Aí Maria Marques da Cruz, grande devota de Santa Rita, começou a rezar o terço pedindo a graça de chegar até a cidade. Quando fomos abastecer, o tanque estava vazio, completamente vazio. Entrando na Basílica, do Terço de Maria Marques da Cruz, começou a desprender suavíssimo perfume que impregnou toda a igreja. Perguntamos às freiras o significado daquele perfume. Responderam que era sinal de uma graça que Santa Rita teria dado ou que iria dar... Um mês depois, em Portugal, o rosário ainda exalava perfume.

Aqui também obtive a graça especial de celebrar missa no altar da

Santa dos Impossíveis, cujo corpo incorrupto, com as cores da saúde, se encontra deitado numa redoma de vidro. Disseram que ao chegar lá um bispo ou superior religioso, a santa vira a cabeça e faz uma saudação. Vimos a imagem de Cristo donde se desprende a seta que abriu a ferida na fronte da santa.

Visitamos ainda Florença, Pisa, com sua torre inclinada. A seguir, transpusemos a fronteira da França, perto de Marselha. Depois desta cidade, um enorme rebanho de ovelhas interrompeu nossa viagem. Perguntei a um dos condutores: *combien?* Respondeu: *trois mil*.

Barcelona, onde visitamos várias igrejas e o grande estádio de futebol. Em Madri, visitamos o museu do Prado, admirando as famosas pinturas dos mais célebres artistas do mundo. Enfim, Portugal, havendo percorrido 8 mil km em 33 dias.

* * *

CICLISTA CEGO

Na Páscoa de 1948, fui auxiliar o pároco de São Mamede do Coronado, Pe. Joaquim Ferreira da Silva, que reencontrei mais tarde no Brasil, durante o Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro.

Chefiei a bênção das casas, que ali chamam de *compasso*. A piedosa e louvável tradição é observada escrupulosamente nas aldeias do norte de Portugal. Acontecimento celebrado com pompa. O sacerdote, revestido de sobrepeliz e estola, acompanhado por várias pessoas envergando opa, com a cruz e a caldeirinha da água benta, faz orações e sai da igreja.

Os membros da família estão todos reunidos. A casa, profusamente enfeitada. Flores atapetam o chão, diante da residência, até a rua. Casa sem flores, já se sabe, não recebe a bênção. É o sinal.

Todos, de joelhos, recebem a bênção do cerimonial, os votos de boas festas de páscoa; e a comitiva visitante saboreia bolos, vinho do

Porto. Sentados na sala, batem um papo, estalam a língua com o gostoso aperitivo. O último senhor da comitiva recebe a esmola. Mas não pode perder tempo. É trabalho que se mete noite a dentro.

* * *

Era um esplendoroso domingo de primavera. Festões de rosas, debruçados sobre os muros e as latadas, davam uma saudação perfumada e alegre. O sol cantava a aleluia da Páscoa com intenso fulgor.

Andando pela rua central da aldeia, alguém me chama a atenção para um ciclista que vinha pedalando em nossa direção. Disseram:

- Aquele senhor ali, de bicicleta, é cego.

- Não é possível - respondi.

- Completamente cego, sr. abade.

- Quero falar com ele. Como é seu nome? - perguntei.

- Augusto. Augusto Moreira da Silva, seu criado.

- Escute, Seu Augusto, como vai?

- Ah, é o senhor padre brasileiro? - perguntou ele.

- Sim, senhor.

- Mas como sabe?

- Eu logo conheci pela fala. Já me disseram que o senhor abade anda por aqui fazendo o compasso.

- Escute, Augusto, mas isso é incompreensível. Você não vê nada mesmo?

- Nada, senhor padre.

- Eu preciso falar com você, Augusto. Quero que me conte a história da sua vida, como é que pode andar assim sendo cego, andando

de bicicleta; vou tirar-lhe uma fotografia para publicar nos jornais do Brasil.

- Está bem, sr. abade. Eu até já dei entrevista a um jornal do Porto. Eu vou emprestar-lhe o jornal.

- Então, até qualquer dia, Augusto. Hoje não tenho tempo.

Prossegui no compasso, tecendo comentários com o regedor acerca daquele incrível ciclista cego. Depois de meia hora, chega o Augusto trazendo o “Comércio do Porto”, jornal que trazia a entrevista com foto do ciclista a guiar a bicicleta.

Augusto residia em Leça da Palmeira, perto da cidade do Porto. Sua mãe morava lá em São Mamede do Coronado.

Dias após, tomei o bonde de Matozinhos e rumei para Leça da Palmeira, ao pé da praia. Encontrei o Augusto trabalhando na carvoaria, onde estava empregado. E: em frente da casa, encostada ao cordão do passeio, uma bicicleta com uma grande cesta, suja de carvão, presa na bagageira.

- Augusto, - pedi. - Ande de bicicleta por aí. Quero bater uma foto.

Embarcou e saiu numa corrida regular. Foi até a esquina e deu volta sem apear.

Parou a três passos de mim. Perguntei:

- Desde quando você é cego, Augusto?

- Desde os quatro anos. Tive uma doença e o médico foi obrigado a queimar-me as vistas. Se fosse hoje, não precisava.

- Não enxerga nada, nada?

- Nada, sr. abade.

- Não se lembra de alguma coisa, das cores, por exemplo.

- Só me lembro do vermelho. Sei que é da cor do lume. Não sei o que seja branco nem preto.

- E anda muito de bicicleta pela cidade?

- Ando todos os dias. Faço a distribuição do carvão. Peso. Cobro, dou o troco do dinheiro. Às vezes, vou ao centro da cidade. Já tenho prática. Estive no estádio de Lima. Vou a São Mamede do Coronado, a 20 km daqui.

- Mas o que eu não compreendo, sr. Augusto, é como não esbarra nas casas, nos carros, nas árvores, nos transeuntes. Como é que você nota a aproximação do obstáculo?

- Eu percebo pelo ouvido. Pelo ouvido eu me guio. Sei a que distância me encontro das casas, das árvores, das pessoas...

- E quando não há casas, árvores?

- Aí eu puxo pela memória Quando eu vou à casa de minha mãe em São Mamede do Coronado, eu me oriento pela memória, nos lugares onde não há casas, árvores ou muro. As primeiras vezes eu ia junto com um companheiro. Colocava a mão no ombro. Anotei as curvas, em tal e tal lugar, depois daquelas casas, daquelas árvores, que eu percebia com o ouvido...

O famoso escultor José Ferreira Tedim, autor das imagens de Nossa Senhora de Fátima da Cova da Iria e da Peregrina no Mundo, disse-me um dia: Certa ocasião encontrei o Augusto caminhando sozinho pela rua. Aproximei-me, sem dizer palavra. Parei. Ele também parou e falou:

- Bom dia, sr. Tedim.

- Como e que você sabe, Augusto, que sou eu?

- Ah, eu conheci logo.

- Mas como?

- Conheci pelo caminhar.

Publiquei o fato na imprensa do Brasil. Quase ninguém deu credito

às minhas declarações, como não deu o Frei Bernardino. Então, levei-o a Leça da Palmeira um dia. Encontramos o Augusto trabalhando. Como estávamos sem filme, o cego indicou a loja onde havia. Frei Bernardino viu e fotografou as corridas do ciclista cego. E viu mais algo espantoso, inacreditável. Viu um companheiro do Augusto ali sentado, com o braço e a perna esquerdos enfaixados.

- Que foi? - perguntamos. - Augusto esclareceu:

- Domingo, fomos passear os dois de bicicleta. Em dado momento, encontramos um caminhão que vinha em nossa direção. Vinha meio desgovernado. O motorista estava bêbado. Eu, com o ouvido, percebi que o carro viria sobre nós. E atirei-me à sarjeta. Mas o meu colega, que não é cego, pensou: o caminhão vai passar na sua mão. E continuou a pedalar. Foi atropelado e jogado longe. Ali está ele daquele jeito...

Augusto possuía radar nos ouvidos, como os morcegos.

MARIA DULCE

Fui um dia, num cinema do Porto, ver o filme *Frei Luís de Sousa*, reprodução do belo poema em versos brancos de Almeida Garrett. Manuel de Souza Coutinho, ao retornar de Argel, onde estava cativo dos mouros, casou com D. Madalena de Vilhena, viúva de D. João de Portugal, morto em Alcácer-Quibir. Ao perder sua única filha, Manuel de Souza Coutinho resolveu abraçar a vida religiosa no convento de Benfica, adotando o nome de Frei Luís de Sousa. A esposa, por sua vez, professou no convento do Sacramento.

No filme, quem fazia o papel da filha do casal era Maria Dulce Ferreira, uma linda garotinha de uns dez anos. Desempenhou tão artisticamente seu papel, que me deixou encantado e não resisti a tentação de ir a Lisboa para conhecê-la pessoalmente. Era filha única.

Surgiu daí uma grande amizade com a família e, sobretudo, com a

filha, a ponto de nos considerarmos irmãos. Nas dezenas de fotos que me ofereceu colocou sempre esta dedicatória: ao meu maninho Padre Fidélis. Com estas belíssimas fotos, grandes e pequenas, minhas alunas do Duque de Caxias, em Lagoa Vermelha, Leny e Ione Dal Molin, encheram um álbum, que ainda conservo.

Durante a filmagem da história de Nossa Senhora de Fátima por Rafael Gil, em Madrid, eu estive presente, a convite de Maria Dulce, que fazia o papel de Jacinta, 10 lado de Inês Orsini, no papel de Lúcia.

Uma revista de Lisboa promoveu certa vez um concurso de frases sobre Maria Dulce. Particpei do concurso com a frase - *personificação da arte no encanto de uma criança*. Esta frase, que não podia exceder de oito palavras, foi classificada em primeiro lugar, entre várias centenas de concorrentes.

Voltando ao Brasil, mantivemos longa correspondência, até que, um dia Maria Dulce deixou o cinema para fazer parte de uma companhia de teatro internacional, cessando então a nossa correspondência. Em Agosto deste ano de 1995, fiquei sabendo por Maria das Pedras que ela se encontra em Lisboa.

* * *

VIDENTES - Durante todo o tempo em que estive em Portugal, tomei conhecimento da existência de duas videntes, que passei a visitar. A primeira, residente numa aldeia do norte do país, chamava-se Alexandrina Costa.

Era uma jovem que não se alimentava sequer de água. Recebia apenas um pedacinho de hóstia, pois não podia engolir. Estava sempre de cama. Fui visitá-la várias vezes, junto com um amigo que me levava em seu automóvel. Pedi a ela que rezasse por mim.

Alexandrina Costa já faleceu, tendo sido publicada uma biografia, visando dar a conhecer ao mundo o perfil de uma futura santa.

A segunda vidente era uma senhora viúva de um senhor de origem russa. Chamava-se Maria Boretz e residia no centro de Lisboa. Fui visitá-la várias vezes. Numa destas visitas, ela me disse: eu sabia que o senhor vinha me visitar.

Logo que voltei para o Brasil, principiei a corresponder-me com ela. Recebi muitas cartas, algumas das quais ainda guardo. Mostrei-as a algumas alunas, uma das quais passou a escrever-lhe, surgindo daí uma grande afinidade. Tanto assim que Maria Boretz propôs casamento desta lagoense com um grande médico de Lisboa. Este médico chegou a vir para Lagoa Vermelha, com vistas no casamento. Durante vários meses trabalhou no Hospital São Paulo. Entretanto, o casamento não chegou a se concretizar. A moça, apesar de interessada em casar, permaneceu solteira até hoje e vive com a mãe doente em Porto Alegre.

Uma professora muito minha amiga, ciente de minha amizade com Maria Boretz e sabendo que era vidente, pediu-me que escrevesse a ela, solicitando informá-la do sexo do terceiro filho que estava para nascer. A professora já tinha duas filhas, desejava ter um filho. A vidente, consultada por mim, respondeu que seria do sexo feminino o terceiro herdeiro desta professora.

A professora não acreditava que assim acontecesse e me propôs um negócio. Se fosse menina, ela me daria uma camisa; se fosse homem, eu lhe daria um vestido. Está claro, ganhei a camisa. As três filhas desta professora estudaram em universidades e contraíram casamento.

Outra professora, irmã da anterior, encontrava-se diante de sério problema. O médico declarava que ela não poderia ter mais filhos, correndo o risco de morrer ela e o filho. Consultei a vidente, que respondeu dizendo que ela seria feliz na gestação e no parto, com o nascimento de outra filha. Esta nasceu sadia, assim como sadia se encontra a mãe. A filha, hoje professora, e diretora de uma escola estadual em Lagoa Vermelha.

* * *

CAPELA DOS OSSOS - ÉVORA

Évora, a Capital do Alto Alentejo, uma das cinco cidades de maior evidência de Portugal, alastra seu casario baixo e típico, onde residiam em 1950 mais de 30 mil habitantes, sobre amplo coxilhão de declives brandos, a 150 metros do nível do mar.

Daqui, a vista se derrama em largos horizontes e se diverte num panorama de surpreendente beleza, enfeitado de quintas e courelas, verdejante de olivais e vinhedos, emoldurado de campos e herdades, onde pasce o gado e o trigo loureja, ondulando ao cálido sopro da brisa.

Em todo o país, é a terra de mais evocadores ambientes e de mais poéticos recantos, donde se evola o mais forte perfume do passado. Verdadeiro paraíso dos amantes da história e da arte.

O seu nome latino - *Ebora* - vem da época brilhante do império romano, no tempo de Augusto. Ainda hoje, admiramos o templo de Diana, no ponto central da cidade. Envolvida por muralhas medievais, possui um castelo forte e uma mesquita catedral, atestando a passagem romana e a ocupação muçulmana.

Reis e príncipes mantiveram assento aqui, donde partiam os exércitos em socorro ao rei de Castela, Afonso XI, desbaratando completamente os mouros na batalha de Salado.

Em tempos de D. Fernando, deram-se em seus paços as escandalosas cenas entre a rainha D. Leonor Teles e o conde Andeiro, a prisão do mestre de Avis e os tumultos e desmandos que provocaram o cruel assassinato da abadessa de São Bento, Joana Peres Ferreirim.

O condestável D. Nunes Álvares Pereira residiu em Évora cerca de 26 anos. Durante a dinastia de Aviz, ocupava Évora categoria de cidade *mui nobre e sempre leal*, imediatamente a Lisboa, tendo sido sede da corte portuguesa.

A Catedral de Santa Maria, de estilo romano-gótico, com a sua

célebre torre-lanterna, é, no gênero, o maior monumento do sul de Portugal. Nesta admirável obra de arte, nas centenárias ogivas, oraram reis, rainhas e príncipes. Em seu púlpito soou a voz eloquente de D. Domingos Jardo, fundador da Universidade de Coimbra; D. Álvaro da Costa; São Francisco de Borja; Frei André de Rezende; e os cardeais infantes D. Afonso e D. Henrique.

* * *

O que mais me impressionou, todavia, na cidade de Évora, foi a capela dos ossos, junto à real igreja de S. Francisco. Uma tétrica visão, uma visão macabra que jamais esquecerei.

Entro na igreja, repleta de preciosidades artísticas. Atravesso a sacristia. Depois, um corredor. Dobro a direita. Ao lado, enormes missais e breviários antigos, relíquias históricas da antiguidade monástica. Paro diante de uma porta. Sobre a verga do portal renascentista, com duas colunas deslocadas de outra pane, o célebre dístico:

Nós ossos que aqui estamos

Pelos vossos esperamos.

Soltei uma exclamação, assim como acontece com todos os turistas que visitam a estranha capela dos ossos.

Transponho o umbral. Encontro-me na capela de três naves. Contemplo aquele espetáculo terrífico, horripilante. As paredes completamente revestidas de ossos humanos. Costelas, úmeros, fêmures, tíbias, ilíacos. Tudo harmonicamente disposto.

Os Ângulos das colunas, dos cantos, dos arcos, são cordões de caveiras simetricamente ordenados, oferecendo curioso ornamento. À direita, presos à parede, dois cadáveres inteiros. Um adulto e outro pequeno. Diz o guia:

- São pai e filho. O pai assassinou o filho e a terra não quis devorar

suas carnes. Estão aqui para o escarmento da humanidade.

No chão, na nave central, uma lousa com inscrição me surpreende: Aqui jaz D. Jacinto Carlos da Silva, Bispo de São Luís do Maranhão, Brasil, morto às mãos dos franceses de Loison, no saque de Évora em julho de 1808.

Esta capela foi construída nos princípios do século XVII e restaurada em 1840. Servia para meditação e contemplação dos monges.

Em Portugal, existem outros exemplares desses carneiros, embora em menores proporções, como em Campo Maior, em Arronches e Lagos. Em Roma, na via Barberini, num convento de Capuchinhos, existe uma galeria com muitos cadáveres em bom estado de conservação. Fiz uma visita em 1950. O mais impressionante, todavia, encontra-se no convento dos Capuchinhos na cidade de Palermo, na Itália.

* * *

FÁTIMA

Logo que cheguei a Portugal, tratei de visitar Fátima, a Cova da Iria, os pais dos pastorinhos videntes. Viviam ainda os pais de Francisco e Jacinta. Entrevistei-os. Bati fotografia junto. Fiz algumas perguntas. Disseram que a princípio eles não acreditavam no que os filhos e a sobrinha Lúcia afirmavam, de terem visto Nossa Senhora.

Visitei o cemitério, onde tinham sido sepultados Francisco e Jacinta, cujos restos mortais se encontram hoje na Basílica de Fátima. Visitei o poço, onde o anjo apareceu e ensinou a Oração: *Meu Deus! Eu o creio, adoro, espero e vos amo. Peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam.*

Mais tarde, estive várias vezes em Fátima nos dias de romaria. A primeira vez, vendo lá do alto da Basílica, onde eu estava atendendo as confissões, aquela multidão que lotava toda aquela enorme esplanada, não pude conter as lágrimas. Depois em qualquer lugar, quando ouvia

aquele cântico - na *Cova da Iria* - eu me lembrava do momento emocionante e tomava a chorar.

Tive a honra de entrevistar pessoas que viram o milagre do sol. Mas conversei com uma que declarou estar lá naquele dia e nada viu... Escrevi para os jornais do Brasil acerca do que vi e ouvi em Fátima.

Quis também falar com Lúcia, que a princípio era Irmã Dorotéia e a seguir Irmã Carmelita. Fui, então, um dia até o convento das Carmelitas em Coimbra, onde se encontra a Irmã Lúcia. As religiosas que me atenderam informaram que eu só poderia conversar com ela mediante autorização do sr. Bispo. Pedi, então, que transmitissem à Ir. Lúcia meu pedido de orações.

Lúcia, que nasceu em 22-3-1907, filha de Antônio e Maria Rosa dos Santos, encontra-se atualmente, em 1995, com 88 anos de idade. Ela, a pedido do sr. Bispo de Leiria, escreveu suas memórias.

No livro "Anjos Prisioneiros", faço um histórico minucioso da perseguição e prisão dos três pastorinhos por parte das autoridades civis de Vila Nova de Ourém.

* * *

IMPrensa - Durante todo o tempo em que estive em Portugal, remetia artigos para os jornais e revistas do Brasil, principalmente para o *Correio Riograndense*, *Diário de Notícias*, de Porto Alegre; revista *Vozes de Petrópolis*; jornais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Em Portugal, colaborava com os jornais do Porto e de Lisboa; colaborei na fundação da revista dos Capuchinhos do Porto "Paz e Bem".

Auxiliado pelo Frei Francisco de Farias, traduzi e editei o livro de Schmidt - *Genoveva*. Editei um livro de Soares de Azevedo.

Remeti livros para a Província do Rio Grande do Sul, como a coleção das Obras de Vieira e de Bernardes. Adquiri na Espanha a grande

enciclopédia *Spasa Scalpe*, com cerca de 100 grossos volumes. Ao chegar na alfândega de Vigo, a enciclopédia ficou retida. Não sei que fim levou.

* * *

FREI JOSE NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA

Frei José de Besalu, da Província de Barcelona, era nosso superior em Portugal. Foi duas vezes superior provincial. Sacerdote de peregrinas virtudes, era de muita bondade. Ele me dava licença para viajar à Espanha; fui duas vezes em Tânger, Marrocos Internacional. Naquela zona livre, adquiri o 1º rádio portátil que entrou em Lagoa Vermelha, o 1º relógio despertador de pulso, o 1º óculo de espelho, os primeiros brinquedos japoneses hoje muito conhecidos, a primeira filmadora... Chegando em Lagoa Vermelha fiz sucesso com tais novidades.

Frei José enfrentou em 1936 a sangrenta revolução comunista da Espanha. Contou-me ele: Eu andei nas garras da hidra comunista, mas graças a Deus e Nossa Senhora da Ajuda, salvei-me. Já não aconteceu para muitos dos nossos confrades que foram barbaramente assassinados.

Resolvemos retirar da igreja a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Ajuda, do nosso convento em Barcelona, e guardá-la em casa particular. A presidente da Ordem Terceira de S. Francisco apressou-se a receber a preciosa relíquia em sua casa, comprometendo-se a zelar pela sua custódia, enfrentando mesmo, se fosse preciso, a própria morte.

Todos nós religiosos andávamos disfarçados, à paisana, trabalhando como funcionários em firmas comerciais e industriais. Eu exercia a profissão numa perfumaria de um bom amigo. Andava pela rua com uma mala repleta de sabonetes, perfumes, pastas dentífricas... Carteira profissional, com nome trocado...

A vida rolava em contínuos sobressaltos, contemplando horrores, mortes de sacerdotes e religiosos, profanações de igrejas, conventos...

Até que um dia, pessoa amiga veio dizer-me: Padre, soube de fonte certa que já o identificaram e amanhã vão prendê-lo.

Levei um susto, mas não perdi a confiança em Nosso Senhor. Fui à casa onde se encontrava a imagem de Nossa Senhora da Ajuda e contei o caso:

- Padre, - disse a presidente da Ordem Terceira - amanhã venha aqui em nossa casa. Nossa Senhora da Ajuda está conosco e nada lhe acontecerá. Nossa Senhora não permitirá que lhe façam mal.

Prometi voltar no dia seguinte. Compareci acompanhado do Pe. Guardião do convento. Sempre à paisana. Não tardou muito, bateram à porta. A filha, moça de coragem intrépida, a presidente dos Terceiros, encarregou-se de atender. Era um oficial vermelho escoltado por dois soldados de fuzil.

- Que desejam? - perguntou a moça.

- Desejo saber se nessa casa se encontra um frade.

- Aqui está apenas o meu tio, junto com outro senhor.

- E este senhor não é um frade?

- Não sei. Não o conheço.

- Quero falar com eles.

- Entraram. Apresentei-me.

- O senhor é frade? - perguntou o oficial.

- Então - respondi - o senhor quer que todos os que andam pelas ruas sejam frades?

- Parece incrível como um frade possa mentir assim. Dê cá seus documentos de identidade.

- Apresentei-lhe minha carteira profissional.

- Mentiroso! - respondeu. - Isso é falso.

- Pois, então, - retruquei - queira ir à loja e perguntar ao proprietário se eu não sou funcionário daquela firma.

- Quero falar a sós com você - acrescentou o oficial.

Entrou comigo no quarto, ambos sozinhos. Fez ainda uma porção de perguntas, tentando cavar uma declaração que me compromettesse. Não consegui. Irritou-se. Praguejou. Saímos.

- Agora é com você - disse ao Pe. Guardião.

Fecharam-se no quarto. Disse o oficial:

- O seu colega já está livre porque me revelou toda a verdade. O mesmo acontecerá com você se me disser o seu nome, quem é e onde trabalha. Já sei que aquele é seu superior provincial. Contou tudo. Não é assim?

- Sim senhor, - respondeu o Guardião.

- E você quem é?

- Eu sou o Guardião do Convento dos Capuchinhos.

- Muito bem. Vamos sair.

Saíram. O oficial, com olhar fulminante, aproximou-se de mim, o dedo em riste e voz muito alta, esbravejou:

Quero ver se agora ainda teima em mentir, quando o seu colega acaba de confessar que você é o Provincial dos Capuchinhos.

Eu, apesar do abalo que no momento sofri com aquela inesperada declaração do oficial, animei-me e respondi com energia:

- Eu, mentiroso?! Faça o favor de provar que menti.

- Então, você me apresentou um falso documento de identidade, sustentando que aquele é seu nome.

- Mas, escute, meu amigo - retornei - o senhor que se mostra tão grande sabichão, não sabe que nós religiosos temos dois nomes, um civil

e outro religioso? Não sabe? Aqui, nesta carteira está o meu nome civil, ouviu? E o meu nome religioso é Frei José de Besalu, Provincial dos Capuchinhos, às suas ordens.

O chefe vermelho ficou em silêncio, meio atrapalhado, meio envergonhado. Já fazia mais de uma hora que andávamos às voltas com a história. Os soldados mostravam-se impacientes. Davam demonstração de querer sair. O oficial animou-se e falou:

- Bom, agora eu quero saber onde está o dinheiro da Ordem. Porque vocês, frades, têm muito dinheiro. Ainda nestes dias os jornais trouxeram a notícia de um convento de freiras que recebeu muitos milhões de pesetas.

- Pois então - respondi - se os benfeitores oferecem para as obras de caridade, educação e saúde, bem que fazem em receber tais esmolas.

- Bobagem! - exclamou. - Eu quero saber onde está o dinheiro da Ordem.

- O nosso dinheiro? Quer saber mesmo onde está o nosso dinheiro? Já vou dizer-lhe. É no Banco Hipotecário. Pode ir lá ver quantas dívidas possui a nossa Província.

Ficou furioso. Resmungou. Praguejou. Começou a passear pela sala. Abriu armários, gavetas. Remexeu em tudo. Encontrou, por acaso. Uma caixinha com dinheiro. Junto, um bilhete com estas palavras: para o tuberculoso do quarto nº 12.

- O que é isto? - perguntou. A moça respondeu:

- São esmolas que recolhemos para pagar o hospital de um pobre tuberculoso.

- Bonito! - exclamou ele. - Mas com certeza é um dos vossos clericais.

- Não, senhor, - retrucou a moça. - Por sinal, é o maior inimigo da religião que existe naquele hospital. Passa o dia praguejando contra Deus,

Nossa Senhora e os padres.

- Duvido - voltou ele.

- Pois então, faça o favor de ir ver. Dou-lhe a minha palavra. E assim. Os senhores nos tratam como inimigos, porém nós vos tratamos como irmãos.

A lição surpreendente e destemida da mais genuína caridade cristã, foi um raio do céu, que sacudiu fundamente o coração daquele chefe comunista. Sentiu-se vencido, derrotado. Irremediavelmente derrotado. Fez uma pausa. Caminhou, cabeça baixa. Devia ser uma boa alma conquistada pelos vermelhos. Depois, meio brusco:

- Está bem. Podem ficar. É para que saibam que nós também temos um bom coração.

Saíram. Soltamos um profundo suspiro de alívio. Caímos de joelhos. Oramos e agradecemos a Deus e a Nossa Senhora da Ajuda... Eu me salvei, mas o Pe. Guadião foi assassinado dias depois, quando tentava atravessar a fronteira da França. Como ele, aconteceu com muitos dos nossos religiosos.

* * *

A TENTAÇÃO - Antes de concluir a narração de minhas atividades em Portugal, não posso fugir da tentação de contar a história da tentação, que me foi narrada por um amigo, companheiro de travessia a bordo do Santa Cruz, José Pacheco da Rocha, da freguesia de Negreiros, norte de Portugal.

Joaquim, pai de José, narrou a seguinte história. Antigamente - dizia ele - durante umas guerras no norte de Portugal, dava-se o lamentável caso de terríveis assaltos a mão armada às indefesas famílias. Se os bandidos encontrassem resistência, a morte entrava naquele lar.

Os meliantes vasculhavam todos os cantos da casa. Limpavam os

cofres, as velhas arcas revestidas de couro. E o dinheiro todo passava para as fundas balsas dos bandoleiros.

A febre dos assaltos alastrava-se de forma alarmante. Não havia mais como contê-la. Os pobres davam graças a Deus pela sua pobreza. Esta constituía a sua defesa, a garantia contra os assaltantes. Os ricos viviam em sobressalto. Estremeciam pálidos, ao lado de seus tesouros que num instante podiam desaparecer. Não havia mais sono tranquilo.

Tornava-se mister descobrir meio de assegurar a fortuna, de ocultar as moedas de ouro aos ardis dos ladrões.

O remédio era enterrar o arame, como, aliás, se fazia nos tempos mais antigos quando os mouros invadiam e dominavam a Península Ibérica.

Altas horas da noite, ricos fidalgos metiam-se pelas florestas, a lua a derramar-se pelas ramadas. Iam derreados sob o peso dos grandes tesouros. Longe de seus velhos casarões, sozinhos, silenciosos, confiavam ao segredo da terra o mistério do paradeiro de toda uma fortuna.

* * *

Numa retirada herdade, viviam dois fidalgos. Eram irmãos. Donos de farto capital, dispunham de abundante soma de dinheiro em ouro que guardavam avaramente fechado no cofre.

A notícia dos assaltos alarmou-os profundamente. E, numa noite de ventania e pouco luar, dirigiram-se para a mata, na encosta do monte. Caminhavam vergados ao peso do imenso panelão repleto de ouro. Era um tacho tão grande, tão grande, que nele se podia preparar a boia para fartar duzentos soldados famintos. Vinha atopetado de libras. Tão atopetado, que nem tilintava.



Um pobre camponês, que morava nas vizinhanças, viu os fidalgos passar. Viu o fardo. Teve um palpito. E escondeu-se. Observou e disse consigo: Vão esconder o panelão de dinheiro... Os ladrões andam por aí, e eles se apressam a enterrar o seu tesouro.

O compônio, coberto de molambos, voltava de longo jornada, em busca de serviço, pois sua chacarazinha não dava para nada.

Os dois fidalgos, cautelosos, sempre em silêncio, deslizam na sombra. O pobrezinho, agachado, ocultando-se atrás das árvores, esgueirando-se, o sussurro das folhas agitadas pelo vento encobrindo o ruído dos passos, o coração aos pinotes, segue o vulto negro dos milionários.

Chegam a uma clareira. Param. Dão mais uns passos. E, ali, sob as primeiras árvores, junto a um pequeno penedo, pousam o fardo e começam a cavoucar. Em poucos minutos, o caldeirão baixa à cova. Cobrem-na de terra. Espalham pedras, gravetos. E retiram-se, silenciosos, mudos.

O homem de molambos, enquanto contemplava o estranho funeral, sentiu quase um baque. Benzeu-se e rezou um Pai-Nosso. Era um hino de ação de graças pelo que acabava de ver e uma prece para que pudesse levar facilmente aquele tesouro.

Estou a dois passos da fortuna - disse com seus botões. É só cavoucar, encher os bolsos de libras... E, quando estas terminarem, cá voltarei de novo.

* * *

Mas o coração que há pouco rezara e, especialmente, aquelas palavras: "Não nos deixeis cair em tentação", deram de produzir efeito no coração daquele homem bom, temente a Deus. Ouviu uma voz que lhe segredou: Esse dinheiro não te pertence. Ele não pode dar-te felicidade. Foge. Foge daqui.

Relutou mas voltou para casa. Voltava contente por ter vencido

uma grande tentação. Contente ainda por saber onde se encontrava uma fortuna, que a qualquer momento podia fazê-lo feliz.

Puro engano. Contente? Feliz? Nunca mais sentiu contentamento. Nunca mais foi feliz. Nunca mais teve sossego. O tesouro, cujo paradeiro ele conhecia, tornou-se para ele eterno tormento. Tormento cruel.

No dia seguinte, contempla a mulher rota, os filhos famintos, a gemer. Triste vida, a vida dos pobres! E uma voz soa-lhe ao ouvido: a panela esta ali, cheia de ouro, e tu aqui a morrer de fome. Não sejas bobo. Anda, desenterra o tesouro.

O som daquela voz não cessava de martelar-lhe o cérebro. Varou a noite com aquela cantilena no ouvido. Tomou uma resolução. E, de manhã cedo, mal começava a clarear o dia, saltou da cama e se tocou para o monte. Andou, andou pelo mato. Descobriu o rumo. Chegou-se à clareira. Dobrou os joelhos. Rezou o Pai-Nosso, pedindo proteção do céu para sair-se feliz daquela empreitada.

Tocou nas pedras, nos gravetos. Esgaravato. Terra mole, sem resistência. O coração aos pulos. E nesse instante, um voz. Uma voz diferente, a voz do anjo bom: Olha isso não te pertence. Não te dará felicidade. Foge. Foge daqui.

E o pobre homem, apavorado, desarmado, não se atreve a prosseguir na tentativa. Lá deixa a panela. E volta ao seu duro trabalho.

* * *

A miséria continuava reinando em sue cosa. Os filhos esfarrapados, a chorar de fome... À noite, todas as noites, quando deitava, ouvia o convite daquela voz estranha. Mas agora não era mais voz. Era um canto. Canto melodioso de sereia que fascinava, que o arrastava para o maldito local do tesouro. Não resistiu. Voltou outra vez ao bosque.

Curioso! - pensou. - Quando me encontro longe daqui, sinto vontade louca de me apoderar do tesouro. E agora, aqui, ao pé dele, sou um fracassado. O desânimo, apodera-se de mim. Sinto um mal-estar.

Quisera não ter saído de casa. Diacho! Eu preciso vencer essa covardia. Anda.

Começou a escavar o chão. Já os dedos tocavam a panela. Um calafrio correu-lhe o corpo todo. E a voz reboou: Larga! Isso não te pertence. Foge. Foge daqui.

Pronto, - murmurou sozinho. - Perdi mais uma batalha.

Voltou para casa aliviado, radiante. A felicidade cantava no seu coração. Cantava na voz dos pássaros, nas flores do campo. E - estranho! - encontrou alegria até na miséria do seu rancho. Sim, ele não perdera a batalha. Ganhara, isto sim, ganhara, no rude combate, esplendorosa vitória. Estava disposto a jurar que nunca mais voltaria ao bosque.

Naquela noite, rebolou-se na cama. A tentação voltou. Mas repeliu-a gargalhadamente. No dia seguinte, tornou a ouvir a canto da sereia, a voz do demônio. Armou-se de coragem. Foi ao tesouro. E, assim, continuou durante dias e semanas, ouvindo a voz do mal e a voz meiga da consciência e do bom Anjo da Guarda.

Um dia contente por haver obedecido à voz do Bem. Outro dia triste por não lá ter apoderado do dinheiro, com o qual acabaria a miséria, com a qual formava luxuosos castelos no ar.

* * *

Aquilo não podia continuar. Era um tormento cruel. Crudelíssimo. Antes a morte. Orou. Rezou muitos Pai-Nossos. Até que uma tarde decidiu-se de acabar com a história. Dirigiu-se à casa dos fidalgos. Encontrou-os no pátio, jogando a bisca, à sombra dos cinamomos.

- Boa tarde, meus senhores.

- Boa tarde, amigo, que deseja?

- Desejo um grande favor. Necessito de vós com toda a urgência. Ainda hoje. Preciso que me ajudeis a vencer uma terrível tentação. Eu sou pobre, muito pobre. Minha família vive na miséria. Mas isto não é nada. O

pior é que eu sei onde os nobres fidalgos esconderam a panela de ouro, lá no mato, perto da clareira, ao pé da fraga.

- O quê?! - exclamaram num sobressalto inaudito. - E o senhor...

- Não, não vos assusteis. Eu não toquei no tesouro, graças a Deus. Ainda não cometi este crime. Deus louvado! Mas a tentação não me larga um só momento. Por isso, eu peço aos bons fidalgos quer retirem a tesouro daquele lugar. Levai-o para onde quiserdes, contanto que eu não saiba onde o colocais.

- Bom amigo, como e grande e correto o seu coração! De hoje em diante, nós o serviremos. Nunca mais lhe faltará o pão em casa.

O pobre campônio era uma alma cristã, temente a Deus. E um dos fidalgos lembrou-se do verso de Virgílio que diz que a honradez mora entre os pobres. Sim, os pobres que temem a Deus.

Daquele dia em diante, jamais faltou pão na casinha do honesto camponês. A tentação desapareceu. O sossego voltou àquele lar e àquele coração, que agora dormia tranquilo o sono dos justos. A paz inalterável da sua consciência era o seu maior consolo. O maior prêmio que Deus lhe deu.

Os filhos, os netos e todos os demais descendentes, jamais passaram fome.

Este senhor - concluiu o velho Joaquim. - Este senhor foi o bisavô do meu avô. A história eu a ouvi pessoalmente da boca do meu avô.

E, realmente, a nossa família, apesar de pobre, nunca passou miséria. Todos fervorosos católicos, tementes a Deus. Tenho um filho que e sacerdote, e hoje monsenhor. Que Deus continue a abençoar-nos e proteger-nos.

* * *

BEJA - Nos últimos meses em Portugal, trabalhei na casa de Baja, Igreja do Salvador que hoje já não pertence aos Capuchinhos. Eu tinha por

companheiro o Frei Salvador, um apaixonado da filatelia. Fui superior da casa e vigário da paróquia. Lá fui confessor de alguns sacerdotes e do próprio Bispo diocesano.

Um triticultor, no tempo da caça, trazia-nos perdizes que ele caçava. Dias antes de deixar Beja, uma jovem, Maria Avelina, apaixonou-se loucamente por mim. Na despedida, na estação ferroviária, chorava desesperada. Nunca mais tive notícia dela.

Em Ferreira do Alentejo morava uma família que nos visitava com frequência. Fiquei grande amigo. A filha mais velha, Maria das Pedras Alvas dos Santos Lança, depois que voltei ao Brasil, passou a corresponder-se comigo. Em agosto de 1995, eu e o Pe. Ignácio Dalcin, fizemos-lhe uma visita em Évora, onde mora atualmente.

Nos 43 anos longe de Portugal, encontrei agora o País inteiramente transformado, cortado de esplêndidas autoestradas. População de mais de 10 milhões de habitantes. Fátima tornou-se uma grande cidade. Lá o Pe. Otto Popp, meu velho amigo, nos deu carinhosa hospedagem no grande hotel do Verbo Divino.

Reencontrei meus antigos alunos. Em Lisboa, na casa provincial, o Frei Manuel Gameiro; no Porto, o Frei Herculano Alves me ofertou uma máquina de escrever Olympia de teclado português, agora em desuso. Em Barcelos, o Frei Miguel de Negreiros ainda se lembra das aulas de Português que eu ministrava no Seminário.

Visitamos Guimarães, onde se encontra a grande igreja de Nossa Senhora da Oliveira, padroeira da Diocese de Vacaria. O meu velho amigo Antero Nogueira, dono da Padaria Africana no Porto, nos levou em seu Toyota. Passando por São Mamede do Coronado, fiquei sabendo que o meu amigo Ferreira Tedim, o escultor das imagens de Nossa Senhora de Fátima da Cova da Iria e da Peregrina do Mundo e de uma que me ofereceu, falecera; mas a oficina continua funcionando. Lá também faleceu meu amigo Pe. Joaquim Ferreira da Silva, pároco, tio do atual bispo de Leiria, D. Serafim.

Visitamos Santiago de Campostela, que recebe romeiros de todo o mundo. Em Viseu, as Irmãs Jesus Maria José ficaram muito contentes de conhecer pessoalmente o autor do livro RITA AMADA DE JESUS, a linda história da fundadora da Congregação, com sede geral no Brasil. A Superiora Geral, Ir. Margarida Rossi, governou o Instituto em três mandatos, sendo agora substituída por outra gaúcha de Rondinha. A Ir. Provincial de Portugal, Maria Belém Pereira Gonçalves, que foi aluna do meu antigo discípulo Frei Joaquim Monteiro, irmão do Bispo de Viseu, D. Antônio Monteiro, esta simpática superiora, junto com a Ir. Maria de Lurdes Lopes Felipe, superiora da casa de Viseu, nos levou até Casalmendinho, freguesia de Ribafeita, a 15 km de Viseu, onde visitamos a casa em que faleceu a fundadora, casa agora da sobrinha neta Belmira Leitão Lopes. Lá estava, em casa do irmão Joaquim Rodrigues Marcelo, a Ir. Serafina Marcelo, natural daquele lugar. No dia seguinte, visita ao túmulo da Madre Rita onde oramos. A seguir, as Irmãs nos levaram à estação Rodoviária, onde nos presentearam com duas garrafas de vinho do Porto.

Em Évora, em casa de D. Maria das Pedras, tivemos carinhosa acolhida por parte dela e da filha Filipa, cujo esposo nos levou a visitar a cidade. Ficamos impressionados diante da suntuosidade da Catedral, da igreja de S. Francisco, com a célebre capela dos ossos. Vimos lá na cidade um gigantesco vulto arbóreo, único em Portugal; era um pinheiro araucária!

A seguir, em Faro, a Maria Lúcia, filha da exímia poetisa Maria Leonor Gomes de Mello Horta, nos acolheu de braços abertos, junto com seu culto esposo Fernando Alves, filho e neto. Abracei dois irmãos da Lúcia, o José César e a Filomena, casada com Júlio Santos.

Sagres, com restos da fortaleza da antiga Escola de Navegação, recebia a visita de muitos turistas. O Algarve, nestes 40 anos de minha ausência de Portugal, progrediu espantosamente, sobretudo as cidades de Faro e Lagos. Suas praias são disputadas pelos turistas. Portugal recebe anualmente mais de 20 milhões de turistas. O turismo representa a maior fonte da renda lusitana, a por do vinho do Porto, azeite de oliva, mármore, tecidos, e, sobretudo, cortiça. 90% das rolhas do mundo sai de Portugal,

produto do sobreiro. No Alentejo há também grandes planícies com pastagens; fazendas de pecuária como as do Rio Grande do Sul.

Ao longo do caminho do Alentejo e Algarve, vimos numerosas autoestradas em construção. Neste ano de 1995, há lá mais de 500 pontes em construção. As estradas oferecem segurança aos motoristas.

À nossa despedida de Faro, a Maria Lúcia e sua família nos cumularam de presentes, como nos cumularam de mordomias. Presentes da terra. Presentes até para a Cármen.

Viajando rumo de Lisboa, vimos ao longo da ferrovia, grandes plantações de laranjeiras, bergamoteiras; granjas de arroz e de milho, irrigadas pelo volumoso rio Tejo, que divide o País.

Em Lisboa, visitamos ainda o majestoso Mosteiro dos Jerônimos e a célebre Torre de Belém, sempre no meio de muitos turistas. Na Casa Provincial dos Capuchinhos, na Av. Barjonas de Freitas, 12, abracei meu velho companheiro Frei Francisco Leite de Faria, já velhinho, mas muito lúcido, brilhante escritor. O secretário Provincial, Frei Américo dos Santos Costa, que nos acolheu carinhosamente naquele edifício de sete andares, ao lado da igreja matriz, fez ainda a gentileza de nos transportar ao aeroporto. Em caminho, nos mostrou o estádio do Benfica, o maior da Europa, com capacidade para 1.500 torcedores; mostrou-nos também o estádio do Sporting. Em Portugal jogam diversos atletas brasileiros, muito admirados pelos portugueses. No dia 26-8-95, embarcamos de volta ao Brasil.

Voltamos encantados de Portugal, onde não há violência, assaltos, sequestros, marginais, favelados. São raros os acidentes de trânsito. Não há homicídios, pois ninguém pode usar arma, nem sequer a polícia.

* * *

Em maio de 1952, eu embarcava no navio Vera Cruz, rumo do Brasil. Desembarquei em Recife. Eu trazia duas imagens de madeira de

Nossa Senhora de Fátima, que ficaram retidas na alfândega. A Casa Roma, especializada com artigos religiosos, tratou de pagar os direitos alfandegários e retirou as imagens. Sofri muito, havendo até apelado para o Prefeito Municipal, sem conseguir libertar as imagens.

De Recife fui de ônibus até Natal, onde me hospedei na casa dos Capuchinhos. Daí prossegui visitando todos os Estados do Nordeste. Parei em Fortaleza, São Luís do Maranhão e Belém do Pará. Aqui estive na casa de um grande amigo desde Portugal, cuja filha, Maria Angelina Teixeira, recebeu em Portugal a Primeira Comunhão, ministrada por mim.

A seguir, de avião fui até Paulo Afonso, conhecer a cachoeira e a usina em construção. Estando lá, apareceu uma pessoa pedindo que eu fosse atender um moribundo no interior. Fui de jipe. Cheguei a tempo para administrar os últimos Sacramentos àquele homem, que não queria morrer sem reconciliar-se com Deus.

Visitei depois Salvador da Bahia, Belo Horizonte e outras cidades. Sempre de avião. Nesta viagem cheguei a viajar em dez aviões, um dos quais me trouxe do Rio até Passo Fundo. Daí, de ônibus, até Lagoa Vermelha, onde era aguardado para professor no Ginásio Duque de Caxias e redator do jornal *Eco Lagoense*.

Desta viagem pelo Brasil, fiz um detalhado histórico para o jornal *Correio Riograndense*. Foi uma série de reportagens.

18. LAGOA VERMELHA - GINÁSIO DUQUE DE CAXIAS

Em 1951, era solenemente inaugurado o prédio do Ginásio Duque de Caxias, construído sob as ordens e responsabilidade do Frei Celestino Dotti. Situado no centro da cidade, na avenida Afonso Pena, no lugar onde hoje se ergue o edifício Duque de Caxias, do empresário Dr. Ivo Bassani, ao lado do Hospital São Paulo, era o maior edifício da cidade de Lagoa Vermelha na época.

Infelizmente, sob protestos, o prédio foi demolido para dar lugar à construção da ampliação do Hospital São Paulo. Este seria o maior de toda a região. Quando o edifício se encontrava em fase de conclusão, os Superiores da Ordem resolveram desistir da manutenção de hospitais.

A empresa *Integral*, do referido Dr. Ivo Bassani, adquiriu o prédio e, posteriormente, o terreno do campo de vôlei, onde, em 1995, está sendo construído um belo edifício de seis andares.

O campo de futebol do ginásio cedeu lugar para a construção do edifício do INSS e da Escolinha Estadual Duque de Caxias. A antiga escola Duque de Caxias, pertencente ao Ginásio Duque de Caxias, foi demolida para dar lugar ao estacionamento do supermercado SUITASA, dos Maffessoni, ex-Camilão, ocupando o prédio do antigo clube, pertencente, ultimamente, aos Capuchinhos. Estes possuíam uma enorme chácara, hoje transformada em zona residencial da cidade, a partir da avenida Circular, ultrapassando a atual BR-285.

Na década de 1950, o Ginásio Duque de Caxias era o único educandário de 1º grau de toda a Grande Lagoa Vermelha, com cursos ginásial, técnico de contabilidade e datilografia. Dispondo de internato, estudavam nele jovens de Passo Fundo, como o médico Dr. Plácido Scussel, cunhado do Dr. Carlos Madalosso; de Paim Filho, como o Dr. Alevino Refosco, ex-prefeito daquele município, assim como o Dr. Moacir José Favetti, duas vezes secretário Estadual da Segurança Pública do Paraná; de Machadinho, como os ex-prefeitos Raul Vecci e Valdir Ventura;

de Cacique Doble, como os irmãos Bruno e Dr. Hermes Bittencourt, de Sananduva, como os irmãos Tumelero (Melson, Venício, Milton e Maximino); de Esmeralda, como o Dr. João Kuze e o Dr. Milton Tigre; do Barracão, como o Dr. Odilair Dal Prá; de Veranópolis, como Fiori e Casanova; de Ibiraiaras, como o empresário Jaime Guerra, os Stella, os Guadagnin, os Catapan, os Fabris, os Piva; de São José do Ouro, como o historiador Américo Gelain; de Antônio Prado, como Lia Mara Furlin; de Bom Jesus, Ibiaçá...

Em 1952, quando eu assumia o cargo de professor, secretário e vice-diretor do Ginásio Duque de Caxias, lecionavam os Capuchinhos: Frei Renê Onzi, seguido de: Frei Brás Rodighieri, Frei Eurico Bolzan (1929-1988), Frei Leopoldo Moccelin, Frei Henrique Casteganaro, Frei Rufino Ceron, Frei Sílvio Dal'Agnol, Frei Dario Piccoli, Frei Egídio Ferronato, Frei Juvenal Dal Magro e Frei Tomé Michelin. Professores leigos: Aldemiro Antônio Leso, Demétrio Dias de Moraes, Dr. Elói Lenzi (ex-deputado federal), Dr. Cezar Muliterno, Terezinha Ducroquet Capri, Otilia Kramer Baggio, Oílita Sbroglio Ferreira e outros. O educandário contou, desde a fundação, com a valiosa colaboração da prof. Geni Ávila Reis, secretária do ensino municipal, cujos filhos – Celeste, Lúcia, Régis e Adeodato -, foram alunos do Ginásio Duque de Caxias.

* * *

De manhã eu lecionava Português e História do Brasil no curso ginásial e de noite no curso técnico de contabilidade das disciplinas Português e Organização e Técnica Comercial. De tarde, na secretaria da escola. Exercia ainda o cargo de coadjutor da paróquia, auxiliando o vigário Frei Huberto Mattana e seus coadjutores: Frei Anastácio Ferreto, Frei Félix Castagna (que foi encontrado morto no quarto no dia 2-1-1964, havendo-se preparado para a morte com uma confissão geral no dia anterior); Frei Antelmo Piccinini (1924-1954) que adoeceu e foi morrer em Veranópolis, era um santo; Frei Pedro Bianchi e Frei Vitor Danielli (1916-1995). Percorria toda a paróquia celebrando nas capelas. No Natal presidia a festa do padroeiro em Clemente Argolo, hospedando-se na casa do amigo Valdomiro Muliterno. Durante as férias e na Semana Santa,

auxiliava os párcos de Barracão, S. José do Ouro, Machadinho, S. João da Urtiga, Sananduva, Paim Filho. Na década de 1960 fui capelão da Escola Rainha da Paz, onde celebrava missa todos os dias bem cedo.

Para obter registro definitivo de professor, tive de frequentar vários cursos de férias promovidos pela CADES, visando o exame de suficiência. Estes cursos foram realizados em Porto Alegre, com os professores Albino de Bem Veiga e Isolda Paes; em Passo Fundo, com o prof. Aloísio Grinz; em Ana Rech, tive como prof. de História o ex-aluno em Pelotas João José Planella, prematuramente falecido. Finalmente, em Florianópolis, onde obtive registro de Português e História do Brasil. A prova escrita de Português, com examinadores da Universidade de Campinas, muito exigentes, de mais de 100 professores fomos aprovados apenas cinco, e entre eles o escritor Afonso de Santa Cruz. Fui orador da turma no encerramento do curso. Em Porto Alegre, fiz curso de secretário do ensino médio e comercial. Tomei parte do Congresso do Ensino Comercial em Belo Horizonte e Porto Alegre.

Junto com o Frei Lauro Reginatto (1922-1991), de Vacaria, participei do Congresso do Movimento Familiar Cristão em Montevidéu, tendo como colegas o atual Cardeal Primaz do Brasil, D. Lucas Moreira Neves, e o atual Bispo de Passo Fundo, D. Urbano Allgayer. Aproveitamos para visitar Mendonça e a Cordilheira dos Andes. Fiquei tão encantado por esta região, que cheguei a promover seis excursões, sendo uma com meu pai e o Pe. Firmino; outra com o irmão Amândio e família, outra com o Pe. Casimiro Zafonato.

Em julho de 1961, fiz curso de extensão universitária sobre Dinâmica do Jornalismo Moderno, na PUC de Porto Alegre, com os professores: Cláudio Candiota, Ernesto Correia, Ir. Elvo Clemente, Aloysius R. Scheneider, Hugo Madureira, Agostinho Braul, Alberto André, Pe. Tarcísio Vieira, Roberto Xavier, Nélson Dimas Filho, Antônio Carlos Ribeiro, Ruy Rodrigo Azambuja, Salvador Bruno, Edgar Luiz Scheneider, Cláudio Furtado, Cap. Erasmo Nascentes... Estou registrado como jornalista profissional sob o nº 2869.

Durante 20 anos de magistério no Ginásio Duque de Caxias, promovi dezenas de excursões de estudantes deste educandário, da Escola Rainha da Paz, da Escola Regina Coeli, de Veranópolis, de Machadinho, Paim Filho... ao Taimbezinho, praias de Torres, Arroio do Silva. Aqui Ana Amélia Lemos, que desde estudante se impunha como líder, subiu à capota do ônibus e proferiu discurso inflamado para os turistas. Numa destas excursões ao Taimbezinho, o ônibus do sr. Juvelino Colussi avariou na estrada, obrigando-nos a pernoitar em Cambará do Sul, onde os estudantes de lá improvisaram um bailão, fazendo surgir daí grandes amizades entre estudantes de Lagoa Vermelha e daquela cidade, que andaram trocando correspondência durante longo tempo. Promovi excursões também para a Foz do Iguaçu.

Acerca destas excursões, Cármen Busatto, de Veranópolis em 15-12-1964, escreveu: "Foi uma das maiores alegrias que tive em muito tempo o passeio que fizemos ao Taimbezinho. Aquela excursão, os passeios, as maravilhosas paisagens, o inesquecível dia de praia, deixaram em mim marcas profundas de alegria e motivo de eterna saudade. Porém não teria sido tão bom, se não estivesse com uma turma bastante divertida e o Pe. Fidélis, que nem por um momento sequer deixou de nos proporcionar alegrias, dando em tudo uma expressão nova, que nós não iríamos perceber..."

As festas de formatura no Duque de Caxias tinham fama de serem soleníssimas, lotando sempre o salão de festas do educandário. Eu fui escolhido paraninfo de várias turmas. Uma vez, fui escolhido paraninfo de duas turmas, uma de Lagoa Vermelha e outra da Escola de Notre Dame de Passo Fundo; sendo obrigado a desistir desta, remeti mensagem escrita, que foi lida por meu representante.

Famosos também eram os festivais organizados pelos estudantes do Duque, contando, por vezes, com artistas como os Irmãos Bertussi.

* * *

O ensino do Duque foi sempre de alto nível. Os Jovens formados nele são hoje brilhantes profissionais. Centenas de políticos, médicos, advogados, engenheiros, empresários, bancários, professores... Durante meus 40 anos de magistério, lecionei em sete escolas públicas e particulares e em três seminários. Então, contam-se aos milhares os alunos que se destacam na sociedade, na maioria alunos do Duque de Caxias. Torna-se impossível citar o nome de todos. Vai uma relação, além dos já citados.

NA POLÍTICA - Dr. Paulo Lacerda, Ministro do Trabalho; Dr. Jarbas Lima, deputado federal; Edivar Francisco Appio, dinâmico deputado estadual; Dr. Léo Lima, desembargador do Estado; Dra. Vera Lúcia Andrighi Alves, juíza federal em Brasília, casada com um filho do ministro Aloísio Alves; sua irmã Nanci Fátima, 1ª juíza federal do Brasil, hoje desembargadora da Justiça Federal de Brasília; Dr. João Pereira Neto, ex-suplente de deputado federal, secretário de Obras do Estado, diretor da CEASA, diretor financeiro da COHAB, membro do Conselho de Administração da CORSAN; Dr. Laércio A. Berthier, Juiz de Direito de Vacaria; Dr. Victor Hugo Garcez, promotor de Vacaria; Dr. Augusto Borges Berthier, ex-chefe da Casa Civil e duas vezes da Secretária da Segurança Pública do RS e procurador; Dr. Aramis Garcez, procurador Geral do Estado; Antônio Mércio de Andrade, ex-diretor do INPS; Dr. Caio de Andrade, Delegado de Polícia de Porto Alegre; Adão Kramer Borges, idem; Dr. Jones Raymundi. Procurador do Estado; Dr. Nilson Paim de Abreu, Juiz Federal de Direito e atual Juiz de Alçada; Dr. Nelsi Astolfi, Juiz Federal de Direito de Chapecó e Joaçaba, SC, e sua esposa Rosinha Donida; Dr. Mário Menegaz, Juiz de Direito em Passo Fundo; Dr. Darci Consalter. Juiz de Direito em várias cidades; Dr. Milton José Stella, ex-prefeito de Lagoa Vermelha; Dr. Paulo Moysés de Andrade, ex-prefeito de Lagoa Vermelha; Dr. Rômulo A. Moojen, ex-vice-prefeito e atual secretário da Saúde; Silvano Dutra Leite, ex-prefeito de Caseiros e sua esposa Iracélia Lunelli; Miguel Dutra Leite, vereador de Ibiraiaras; João Ibanor Bombassaro, ex-secretário da Administração de Caseiros; Dr. Germano Ferri, advogado, empresário, duas vezes vereador, líder da bancada de

PMDB e ex-candidato a vice-prefeito; Pedro Macari, empresário, vereador, atual secretário de obras, ex-candidato bem votado a deputado estadual; Dr. João Batista de Mello Filho (Batista Filho), radialista e ex-secretário do Turismo do RS; Rosalino Vieira, ex-vereador e atual leiloeiro em vários Estados; Salete Holleben, vice-prefeito de Sananduva e sua irmã Jaci; Milton Moojen, escrivão do Fórum de Caxias do Sul; Renato Dolzan, ex-vereador, candidato a prefeito e deputado federal.

JORNALISTAS E ESCRITORES - Ana Amélia Lemos, diretora da sucursal da RBS em Brasília; Dr. Pércio de Moraes Branco, geólogo, autor de vários livros sobre Geologia e História; Dr. Davino Rodrigues Nepomuceno, advogado, diretor do Jornal Gazeta Popular; Dr. Aldoir Rodrigues Nepomuceno, advogado, diretor do jornal Folha do Nordeste; Dra. Jovita Esquina, autora do livro “Torres minha paixão” e seu irmão Érico Esquina, poeta; Barthira Bettancourt, poetisa de renome e patrona da Biblioteca Municipal; Joabel Pereira, rádio e TV Guaíba; Iracir José Barreto; Bambina Fonseca, poetisa; Sérgio Lovatto, historiador e gerente da CEF em Caxias do Sul (1995); João Anselmo A. Moojen, que faleceu em 31-8-1995, *Rádio Cacique*: Antônio Rodrigues da Luz, ex-secretário do ensino de Ibiraiaras; Ademar Fagundes Teixeira; Magno Cândido de Oliveira; Alfredo Edson Guimarães; Laura Helena Pacheco e a falecido Sebastião Leite do Prado.

MÉDICOS - Dr. Protásio Lemos da Luz, cardiologista de renome Internacional, chefe da Unidade de Choque do Instituto do Coração de São Paulo, autor do importante trabalho sobre infarto do miocárdio, colaborador de várias revistas científicas com penetração em todo o mundo. Outro médico de fama mundial: Dr. Sérgio Francisco Piola, residente em Brasília, percorre o Brasil e o estrangeiro em missão oficial. Outros médicos: Dr. João Garcez; Dr. Idelso Gazola; Dr. João Carlos Comiran; Dr. Jaime Brollo; Dra. Elisabete Gazola Brollo; Dr. Aristeu Luchese (Realeza-PR); Dra. Ondina Bonotto Tavares (Belém do Pará); Dr. Mário Bonotto (Passo Fundo); Dr. Nereu Melo, e suas irmãs Maria Laura e Alice; Dr. Eraldo Domingues e sua esposa Ede Palm, formada em Ciências Físicas e Biológicas, suas irmãs: Edena Paim (nutricionista) e Eda Paim, veterinária;

Dr. Eraldo Pacheco a sua esposa Ana Catarina Lenzi, fundadora a diretora do Grupo de Arte Nativa, que em julho de 1995 fez sucesso na Polônia; Dr. Antônio Celso Bossler (Vacaria) e seu irmão Vital; Dr. Hildebrando Bittencourt e sua esposa Sirlei Caon; Dr. Arduíno Sartori; Dr. Victor de Moraes Branco; Dr. João Artidor Franklin da Silva; Dr. Eraldo Trein e seu irmão Dr Luiz Carlos Kramer...

ADVOGADOS - Nereu Lima e seus irmãos Jarbas e Jair; Germano Ferri; Amaury Nery; João Carlos Castellano, Victor Hugo Lacerda, ex-vereador de Passo Fundo; Vilmar A. Durante e seu irmão Valdecir; Ari de Almeida e sua esposa Lourdes Vanzin; Ari Bueno de Almeida (Caxias do Sul); Daniel Barreto Júnior (Caxias do Sul); Delci Barreto Vieira; Adonis Vassalli; Atílio Luiz Nicolodi e seu irmão José Fernandes Nicolodi, ex-secretário municipal da Fazenda, ex-exator e atual coordenador da administração financeira do Estado; Valdir Scalabrin e sua esposa Agda Argenta; Sérgio Menegaz; José Stefani; João Alberto Berthier Vieira; Jessé Araújo; João Celso Garcez; Erico Miguel Moreira de Lima; João Antônio Alves Godinho (Rondônia); Albano Berthier; Ubiratan Berthier, engenheiro; João Horácio Barreto da Costa; Alberto F. Capri, engenheiro; Paulo Dolzan e sua esposa Valci Hausen e a cunhada Delci Hausen; Luiz Ulisses Sbroglio; Ademar Bonotto; Solange Bonotto, Agenor Possan; Jurema Muliterno Possan; Joel A. Muliterno; Eron Berthier; Alda Berthier Pinto; Diógenes Melo Lobo; Adair Mendes; Elisomero Moura; Ilza Maria Moura...

PROFESSORES - São mais de mil. Franklin Trein, que lecionou na Alemanha, é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Nelson Benvenuto, Reitor da UCS do Campos de Vacaria; Bárbara Juraci de Moraes, diretora do Campos de Vacaria; Bárbara Juraci de Moraes, diretora do Campus da UPF em Lagoa Vermelha; João Miguel Messina da Cruz, Vice-Reitor da PUC de P. Alegre; Nilza Argenta Moreira, ex-delegada do ensino, auxiliada por Jandaia Candeia Donin; Teresinha D. Capri, ex-delegada do ensino; Paula Ivoti Vassalli, ex-diretora do Colégio Estadual, tendo como vice sua irmã Rosa Marli Mânica; Maria Oraide Pinto, ex-diretora da Escola Estadual Fagundes dos Reis, em Passo Fundo, e sua irmã Sílvia Isabel Pinto Teixeira, ex-diretora de uma escola

em Porto Alegre; Érico Costa, ex-diretor da E.E. do Barracão; Dr. Adonir de Lima Gargioni, ex-diretor da E. T. D. Duque de Caxias; Sabino Marini, ex-secretário do ensino de L. Vermelha; Dr. Aino d'Ávila Jacques, diretor da Faculdade de Agronomia da Ufrgs, de renome Internacional, irmão do Dr. Aido Jacques, de André da Rocha; Idílio Baivatti, ex-diretor da Casa do Menor de L. Vermelha; Soloni Rech, diretora da E.E. de Ibiraiaras; Ilse Vanzin Boeira, ex-secretária do ensino e da Casa da Cultura e seu marido Josué Boeira; Suely Barreto da Costa Hoffmann, diretora da E.E. de André da Rocha; Vera Casanova Argenta e Cleni Accorsi Ranghetti, do CPRS Sindicato; Olivo Costella, ex-diretor da E.E. de São José do Ouro; Delci Hausen, professora universitária no PR e SC e sua irmã Valci Hausen Dolzan; Rosalina Peluso Collet, ex-secretária do ensino de S. José do Ouro e seu marido Antônio Collet, escrivão, atualmente residentes em Araranguá, SC; Daisi Barreto Magro, diretora da EE de Barretos; Volmar Fernandes e seu irmão Valdir.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO - Dr. Ivo Bassani (Integral Construções); Irmãos Bonotto (Gradany do Brasil S.A.), filhos de Júlio Bonotto: Valtuir, Victor, Ademar, Gaspar, Solange, Maria Luísa B. Paim e o + Valmor Bernardo; os Irmãos Salman: Tail (Casa São Paulo), Gamal (Sapatolândia) e Neifel (Passo Certo); Pedro Gobatto (móveis); Irmãos Pasqualli (móveis); Gomercindo Manente (móveis); Saul Dal Castelli (móveis); Dirceu Rauber (Metalúrgica RC Ltda) e seus irmãos: Ilce, Bianca, Dra. Sueli, médica, Laidi, escritório de contabilidade com Cláudio Manente, Eliseu, (Camboriú), José Alfeu, bancário, Alceu, Banco do Brasil em Itajaí; Mirian (+) e seu marido Jorge de Almeida, Beatriz e seu marido Belmiro Zamecki, (fazendeiro em Campo Grande), Silvana, BB em Camboriú; João Francisco Heinek (Anatex Magazine); Maria Bonotto Giglioli (Casa Omega); Setembrino Alves Valente (Relojoaria Ascalabrin); Ivomar Rech Nunes (Ratinho Auto Peças); João Maria Hoffmann da Silva, economista (Móveis Rodial); Gelson A. de Oliveira (Relojoaria Safira); Raimundo Mendes Mello (Auto Mecânica Raimundo); Valter Campana (Funerária Campana); João Celso Zilio (Codesul, Guaíba); Mário Vanzin e seu irmão Romário (Jomabi); Dr. Ari Dionísio Dalmolin, ex-presidente da Fecotrigo;

Irmãos Dal Molin, filhos de Antônio: Ivo (Laguna), Deusdedit (Lages), Nívio e Ildo (Carazinho), Flori (Cachoeira do Sul), Leny, Ione e Iva; João Batista Pereira Bozza e Artidônio Dutra (Escritório de Contabilidade e Despachante); Enecyr Spolti, (Jóia Car) e seu sócio Dr. Cláudio Cavalheiro Assis: Elio Dalazen (concessionária SLC); Leonir Rech (Posto Tangará); Honorina Scalabrin Rovani e Corina Scalabrin Gazola (Ferragens Amadeo Scalabrin); Pedro Macari (Cantina Macari); Antônio Gasperin (Brutus Auto Som); Oilita Sbroglio Ferreira (Loja Sonho & Cia); Renan e Álvaro Zanin (supermercado, padaria e matadouro); Vilson Dal Lago (supermercado); Victor Hugo Casarin (Rodama); Ivanil do Prado (Boutique Iva); João César e Marlene Moreira (Vídeo Kyt); João Francisco Lobo (Farmácia Popp); Irmãos Stedile (engenharia, indústria e comércio: loja, hotel, materiais de construção e fábrica Scala); Paulo Ranghetti (loja e agente do Correio do Povo); Euler Bertelli (Novo Hotel); José Nilson Boschirolli, um dos fundadores de Alta Floresta, MT, madeireiro, cafeicultor, criador e garimpeiro no Mato Grosso, Pará e Rondônia, ex-candidato a prefeito e a vice-governador; Clenemar Boschirolli, administrador de empresa em Belém do Pará; Laércio Nezello, contador e fazendeiro em Alta Floresta; Olívio Pedro Biasi, comerciante (Casa Tamoio) e agropecuarista; Álvaro Piola (Acessori); Claudiomar Tomasini (Livraria Líder); Emília Costa e seu falecido esposo Antônio Costa (Gráfica Planalto); Marlene da Luz Piloni (La Luti) e seu esposo Jaime Piolni; Aldair F. Sanson (Posto Ipiranga); Dionísio Slaviero e suas filhas Evelise e Ana (Materiais de construção); Valdevino Monteiro da Silva (escritório de contabilidade); Sejalmo Falkenbark, responsável pelo serviço de meteorologia; Leodário Schuster (Camila e granjeiro); Maria Walesca Salomoni Barreto (S. Paulo); Daniel Finco (S. José do Ouro); Érico Campos (Sulcartonagem Ltda); Volmar Ferreira (cartório em Farroupilha); irmão e filho de Alcides Provenzi, madeireiros; Antônio Carlos Soares, comerciante em Porto Alegre; Isaías Camozzato (supermercado); Jaime Aimoré Barbizan (Ibiaçá, na firma da família Carra); Luiz João Pedro Britz e sua irmã Vera, topógrafo em Porto Alegre; Orildo Viali (Bar Viali), Biguail Scalabrin e esposa Beatriz Bicca (Florianópolis); Irmãos Oldra, filhos de Pedro, escritório de contabilidade em S. Paulo; Cândido Norberto e José Gomes Nogueira, distribuidores de

produtos farmacêuticos; João Tagliari, hoteleiro em André da Rocha; Benício Amantéa e esposa Beatriz Reis (P. Alegre); Odila Astolfi, titular do Registro Civil de Caseiros; Caetano e Benito Peluso (Peluso & Cia Ltda e transporadora); Altair Sbesse (oficina mecânica); Nédio e Neusa Atolini (Vidraçaria Lagoense Ltda); Sérgio Caon (eletrônica); Benito e Edgar Argenta (engenharia); Victor Bigarella, Estação Rodoviária; Ariosto Berthier (Martinazzo Materiais de Construção; Alberto Berthier (restaurante, Vacaria) Doraci Terres de Almeida (City Modas); Ivone Ribas (Ky-Lanches-Bar); Paulo Fortuna e Romeu Benetti (Representações); José Tadeu Veloso (caminhão boiadeiro); Alcides Bortolin (Transportadora ISARA, Canoas); João Alceu e Clewis Alegretti, empresários em Marabá, Pará.

BANCÁRIOS - Odilon Cardoso de Aguiar, gerente do Banco do Brasil; João Carlos Silveira, um dos fundadores do BB em L. Vermelha; Dr. Agenor Possan, advogado e fiscal do BB; Jorgue de Almeida e esposa Mirian Rauber (+); Vilson Stedile; Jair Bittencourt; Evelise Salvadori Borba; Edener Fracasso; Arnaldo e Judite Camozato; Carlos Crivello; Pedro Maciel Bueno; Paulo Evandro Machado, gerente do Banrisul em várias cidades e por fim em P. Alegre, gerente, inspetor regional e Subintendente; Guaraci Silveira e esposa Gládis, Banrisul em Passo Fundo; Edison Pinto, gerente do Banrisul em várias cidades; Daltro Bombassaro, gerente do Banrisul em Itaqui; Sérgio Lovatto, gerente da CEF em várias cidades; Udo Paes, gerente da CEF em Marau e L. Vermelha; Junno Berthier; Rogério Catellano; Carlos Roberto Heinek; Jonas Roberto Lorenzoni; Maria Ivete Nunes Berthier; Ceres Moreira Smaniotto; Arlete de Lima Cordeiro; Ana Lúcia Jacques; Júlio César e Júlio Cícero Vieira Andrade, Banrisul em P. Alegre e Estrela; Tadeu Berthier; Nildo Moresco; Luiz e Lanei Langaro; Élvio Lenzi e seu irmão Dario, Banrisul, Brasília; Paulo Affonso Guimarães; Egeu e Alceu Lima; Zózimo Zanuzzi e sua irmã Neli; Ido Corazza, gerente do Banrisul em Porto Alegre; Joaquim Nunes da Silva Filho; José Amoretti (Banrisul, Passo Fundo); Anselmo Machado e seu irmão Aloísio; Damaceno Eschenatto; Neris Francisco Solano e seus irmãos Alexandre e Jorge José e Sandra Machado Reis; Arquimedes Sassi e Haidée Sassi;

Ricardo Dalle Mulle.

PREFEITURA MUNICIPAL - Jair Bittencourt, presidente da Câmara de Vereadores; Pedro Macari, secretário de Obras Públicas; Dr. Rômulo A. Moojen, Saúde; Luiz Antônio Muliterno, vereador; Aldérico Boeira da Luz; Danúncio Ravadelli; Marília Dorneles; Alzira Boeira (Incra); Tânia Gasperin Valente; Sílvio Renato Lobo (Museu); Odilon Nunes de Freitas; Sérgio Mello; Antônio Sérgio Noé Borges; Luiz Antônio dos Santos, ex-contador; Victor Hugo Muraro; Maria Beloni A. Hartmann, presidente dos funcionários públicos; Cap. José Carlos Muraro, ex-delegado da Junta Militar; Dimas Ferreira, tenente em Curitiba Ilse Vanzin Boeira, ex-secretária do ensino e seu marido prof. Josué Boeira.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL - Romeu Bresolin e Vera Moreira. FÓRUM: Tadeu Oliveira, Eunice Pires, Fernando Cirino, Carlos Moreira (o rei da gaita), Sérgio Cirino, José Algeu da Silva, Franklin Barros Pinto, ex-escrivão e chefe dos músicos, Sérgio Pertile da Silva, oficial de Justiça. Ilse V. Boeira: Casa da Cultura. CORREIOS: Renato Pereira, Ilário Roman e João Pedro Ferreira. CRT: Pedro Jaime Nogueira e Aides Nunes de Oliveira. IPE: Luiz Antônio Ribas e José Carlos de Oliveira. INSS: Celso Nezello, Edanil Monteiro, e sua Irmã Donzília; Helena e Elisa Vezaro, Beatriz Francescato. HOSPITAL SÃO PAULO: Arlindo José Vezaro, Nilva Ribeiro da Silva, Terezinha Ribeiro da Silva, Marlei Borges. CORSAN: Ricardo Rosa. IPE: Luiz Antônio Ribas e José Carlos Campos. DELEGACIA DE POLÍCIA: Inspetor Paulo Frederes e José César Antunes.

AGRICULTURA - Adriano e Alzira Bonotto Machado (Granja três Pinheiros, com dois enormes armazéns graneleiros); Luiz Antônio B. Tramontini, forte granjeiro e agropecuarista em Lagoa Vermelha e Bahia; José B. Tramontini, granjeiro na Bahia; Antônio Carlos Dolzan, o maior produtor de sementes da região, que em 1995 construiu um edifício e um hotel de três estrelas no centro da cidade; Leodário Shuster, ex-funcionário da CAMILA e atual granjeiro; Luiz Fernando Ortiz, forte granjeiro e agropecuarista; Marcos Comiran, engenheiro agrônomo e granjeiro em Roraima; Celso Gazola, agropecuarista; Cássio Vieira de Andrade, criador de minhocas.

FAZENDEIROS - Sebastião e Altamiro Nunes Hoffmann; Joaquim Nunes; Agenor Amaral; Décio e Oneide Godinho; Dr. Paulo e Dr. José Carlos Andrade e seu irmão Lucas, o rei da gaita; Ulisses Teodomiro Andrade; Ari Stormwski e irmãos; Gercino Pinto (Vacaria; Dr. João Horácio Barreto da Costa e seu irmão Danilo (Fazenda Santa Lúcia); Jairo e Jari Reginini.

* * *

Fui paraninfo religioso dos formandos de 1953, a saber: Alberto Carlos Berthier, Alceu Machado Ferreira, Alice Terezinha Mello, Amaury Fernandes Nery, Antônio Jacques da Silva, Antônio Vicente Vecchi, Arcy Darcy Marodin, Bartira da Silva Bittencourt, César Alves Maciel, Deusdedit Dal Molin, Edisson Padilha Anzolin, Emilce Maria De Nardi, Érico da Silva Moreira, Genyr Crestani, Jacintho Lunardi, Ivar Souza Nunes, João Miguel Messina da Cruz, Joice Zordan, Maria de Lourdes Ducroquet, Maria Laura de Melo, Paulo Afonso Guimarães, Remy Gentil Fabris, Ruben José Acauan, Sérgio Júlio Reali, Yolandina Pereira e Zelir Morlardi.

A turma de 1954, da qual fui também paraninfo religioso, ao completar 40 anos de formatura, organizou uma linda festa de confraternização. Dos professores estava presente apenas eu. Eis a relação destes alunos: Adiles M. Argenta, Athenógeno Folly, Benício de Souza Norte, Benito Peluso, Ione T. Dal Molin, Jurandyr Zordan, Luizinho Donida, Maria Eunice Pires, Maria K. da Luz Amarante, Mariazinha Caponi, Milton da Costa, Victor Hugo Lacerda, Yara L. Baungarten e Zilma Molardi.

Estes e muitos outros foram alunos meus em Lagoa Vermelha.

* * *

BODAS SACERDOTAIS - No mês de agosto de 1965, completei 25 anos de vida sacerdotal, sendo alvo de grandes homenagens em Lagoa Vermelha, Passo Fundo e Bento Gonçalves. Os festejos no Ginásio Duque de Caxias, a cargo do prof. Egídio Ferronato, culminaram com a disputa

da Copa Frei Fidélis.

Em Passo Fundo, as alunas do Colégio Notre Dame organizaram uma linda hora de arte. Ao meio-dia, almoço na mansão do amigo empresário João Grazziotin, cuja filha Tamar fazia parte das 39 afiliadas. Tamar é atualmente esposa do vereador Ivânio Bernardon, que chegou a esboçar um início de namoro com a santinha Maria Elizabeth de Oliveira.

Em Bento Gonçalves, meus irmãos, tendo a frente o Domício e suas três filhas Ana Alice, Vânia e Eunice, organizaram uma festa notável. Missa na igreja matriz de Cristo Rei, na cidade alta, e, ao meio-dia, banquete no pavilhão da empresa Dalcin S.A., na localidade conhecida pelo nome de Busa. Contou com Banda Musical, presença das autoridades, havendo o prefeito municipal pronunciado vibrante saudação. Por fim, uma linda hora de arte, a cargo das filhas do Domício. Na ocasião recebi muitos presentes, que distribuí entre os confrades. Meu irmão Amândio e família organizaram um álbum de fotografias deste evento.

Na Escola Rainha da Paz, de Lagoa Vermelha, sendo diretora a Ir. Luísa Antonieta Zanchetta, foi-me também prestada uma grande homenagem, havendo a aluna Rita Dambrós cantado para mim a linda canção da Liturgia da Missa. Naquele ano, eram noviças: Delmira Maria Slongo, Maria Leonor Panissoon, Maria Graciema Sartor (atual diretora), Izaura Maria Maciel, Jurema Joana Bottini, Normélia Zilá Lorezzetti, Maria Irmã Zago, Otilia Maria Brusamarello, Maria Noraci Godois da Silva, Celita Maria Morez, Clementina Isabel Piovesan, Genoveva Salete Nilson, Adiles Rosa Basso, Salete Maria Zago, Lourdes Maria Giaretton, Elsa Maria Dartora, Lourdes Maria Pasinato, Zelci Antônia Bocca, Edi Maria Berticelli, Odila Maria Basso, Inês Maria Berté, Eronilda Marieta de Paula Nery, Adila Maria Milani, Maria Teresa Filippini, Ortenila Maria Radaelli e Geny Lourdes Benetti.

Formandas do Curso Ginásial em 11-12-65: Aides Nunes Hoffmann, Ana Maria Piloni, Ana Maria B. Paim, Anarosa G. Campetti, Antônia Melânia Vieira, Beatriz Reis Hoffmann, Carmelinda Zago, Claudete M. Grazziotin, Chirlei Ventura, Deonéa C. de Mello, Dirley Terezinha

Ranghetti, Elci Barrinuevo, Ilda Castagna, Iraci L. Dellavalle, Ivone Piva, Ivonir Mello dos Santos, Isaura Favero, Izete Maria C. Moura, Juçara Maria D. Vieira, Juraci Toledo Da Silva, Leda Maria Donato, Léa Beatriz M. Quadros (+), Lorena Maria Dametto, Lídia Penna, Maria Inês Monteiro, Maria Luíza B. Tramontini, Marlene Ângela Casanova, Márcia D. Moojen Cunha, Mafalda Grison, Malvina Menegaz, Maria Lourenço de Lima, Nelsi Maria Crestani, Nelita Cármen Brtelli, Nereida Lourenço de Lima, Noaba M. Paim Golin, Onira Cristina Conte, Rita Dambrós (oradora), Solange F. Pinotti, Sérgia de Toledo Bozza, Suzana Regina C Lobo, Terezinha M. Berthier, Terezinha Pedrotti, Terly M. de Lima Schenkel, Vera M. Borges Paim, Verena Eneida Boscari e Iara Maria Ely.

19. CORREIO RIOGRANDENSE E CANELA

Em 1963, foi fundado em Lagoa Vermelha o Colégio Estadual, que passou a funcionar no prédio do Grupo Escolar Presidente Kennedy. Como escola pública gratuita, passou a absorver muitos alunos do Ginásio Duque de Caxias, escola particular com ensino pago. Em vista disso, com a matrícula sempre mais reduzida, os Capuchinhos viram-se obrigados a suspender o curso ginásial, mantendo apenas o curso técnico de Contabilidade.

Em convênio com o Estado, o prédio do Ginásio Duque de Caxias cedeu lugar, em 1968, ao Colégio Estadual. Eu e os demais companheiros da Ordem fomos, então, contratados pelo Estado. Eu, com dois contratos, lecionava no curso ginásial de manhã e de noite, além da Escola Técnica de Comércio.

Em fins de 1969, por haver eu, como secretário e vice-diretor, abonado as faltas da aluna Ivete Kramer, que havia contraído casamento com Flori Dal Molin, tendo ido residir na fazenda, longe da cidade, cassaram-me o registro de professor do ensino comercial. Esta medida, injusta e extremamente humilhante, juntava-se a outra, de suspensão a *divinis*, imposta por D. Cláudio Colling, Administrador Apostólico da diocese de Vacaria. O motivo desta suspensão era absolutamente descabível. Por haver eu publicado no Diário de Notícias de Porto Alegre a notícia de que as Religiosas que lecionavam na Escolinha Duque de Caxias foram afastadas por ordem da autoridade eclesiástica, recebi aquela incrível pena, que me afastava de qualquer atividade pastoral na paróquia.

Os superiores transferiram-me para Caxias do Sul, a fim de exercer o cargo de repórter do Correio Riograndense. A partir de dezembro daquele ano de 1969 até 1971, fui percorrendo os três Estados do Sul, visitando dezenas de municípios.

A seguir, por interferência do Frei Rovílio Costa, fui nomeado

professor da Escola Normal Danton Correa da Silva, de Canela, que então funcionava no Ginásio Marista. Passei então a exercer atividade de professor e jornalista, residindo no Convento Imaculada Conceição em Caxias do Sul. Três vezes por semana me deslocava para Canela de ônibus e depois de carro de uma professora filha de meus amigos da família Cesa, a qual, mais tarde, casou com um senhor cujo sobrenome é Fracasso e passou a residir em Porto Alegre.

Foram minhas alunas as normalistas: Adelaide Pulsz, Cármen Rosângela C. Dias, Clair Rodrigues, Cenira de Oliveira Machado, Elena Perotoni. Evandir Teresinha Machado, Ieda Beatriz dos Santos Colmann, Justina Inês Deitos, Leonice Reis, Maria Erondina da Silva, Maria Luíza Pacheco, Maristela de Oliveira Batista, Marli Teresinha Wiltgen, Neusa Terezinha Schmitt, Teresinha de Oliveira, Vera Beatriz Carvalho de L. Prux, Zaida M. Pereira Amaral, Anilda Amador dos Reis, Clara Regina Lírio, Dioni Rizzo, Helena Valquíria Corso, Leila Antônia Lazaretti, Loris Maria Rossi, Lúcia de Fátima Kraieski, Margarete Henke, Maria Ceni dos Reis, Vera Lúcia Foss, Yolanda Teresinha da Silva, Ana Lúcia G. de Andrade, Bernardete Soeli Ghesla, Cármen Luíza Pinto, Celço Néelson Ferreira, Cleusa M. de M. Velho, Eloci Teresinha dos Santos Machado, Eloya Callas, Éricson Juarez Braga, Izolma da Fátima Mello, Leda Maria Martins Jardim, Liberaci M. dos Santos, Maria Cristina da S. Nunes, Maria de Fátima Prux, Maria Elisabeta Roos, Maria Goreti Rodrigues, Maria Leda Rosado Bueno, Maria Lorena dos Santos, Marilda Martins Jardim, Marivete C. P. da Conceição, Mirtes Éster Holdorf, Oledina Soares da Silva, Silvana Cecilia Stange, Sirlete Wagner, Sueli Inácio de Souza, Terezinha Bernardete Manica, Vidalvina Ivone da Silva, Clarice Gallas, Gelsi de Castro, Liberaci M. dos Santos, Cármen Luíza Sousa Pinto, Maria Cristina da Silva Nunes, Maria Elaine Pacheco, Marileia Corrêa de Sá, Marivete C. Prux da Conceição, Nara de Fátima Oliveira, Neoli Teresinha S. da Silva, Silvani Wagner, Serlete Wagner, Cármen Rosângela C. Dias, Leoni Bruno Simon, Ioni Maria Cochinel, Loraine Margarete Prux, Maria Elisabete Conte, Beatriz M. Selestrin, Eloísa Perotoni, Iracy Cechinel, Loire Maria Prux, Sônia Beatriz Marcadanti, Vera Lúcia do Amaral, Zaira M. Scheifler,

Elenita Dias de Mello, Francisca Inácio de Souza, Helma Hencke, Izaura de Souza Rodrigues, Leda Schuiz Port, Luiz Inácio de Souza, Maria Elizabete Hoffmann, Janete Beatriz Muller, Laura Krauspenhar, Luciana Secco, Maria Augusta Alves, Maria do Carmo Almeida Saul, Maria Ruth Lucna de Oliveira, Marília Beatriz Zini, Marlene Alves Ferreira, Marlene Hass, Marlene de Oliveira, Mirna Theresinha Raimann, Silene Marli Arend, Tânia Regina Ferreira, Teresinha Grins, Yeda Maria Klauck, Ir. Angelina Anna Toniolo, Arlete Teresinha Lopes, Beatriz Isabel Pacheco Marques, Cármen Regina Ritter, Elaine Maria Bazzan, Érica Zang, Lurdes Kich, Maria do Carmo de C. Wasem, Maria Liseth da F. Prux, Maria Luiza Ruschel, Marlene Noeli Wiltgen, Maria Teresinha Staudt, Nadir Elena Kehl, Nair Arnadt Butelli, Neusa Maria Catuci, Odete Maria Deitos, Teresinha Catuci, Teresinha Marchesan, Vera Lúcia Moraes, Vera Maria Perotoni e outras.

A seguir, passei a lecionar no Seminário Filosófico e Teológico dos Servos da Caridade, cujo diretor era o Pe. Renato Chiapinato. Entre meus alunos de três series foram: Dirceu Dorneles, Hélio Ioris, Ivanor Antônio Ecker, José Cumioto, José Luiz Ferreira, Miguel Antônio Durlo, Odair Balem, Osmar Avelino de Castro, Pery Dinis Correa, Sadi Antônio Turra, Valdemiro Fingler, Valdir Antônio Barella, João Dalla Rosa, Olderi da Silva, Waldir Johann, Artêmio Tibola, Celsio Cerioli, Nélcio Appio, Nelso Cerioli, Suelcir Stieven, Vilson Carati.

De 1971 a 1973 lecionei no curso técnico de contabilidade do Centro Educacional “Cidade das Hortênsias”, cujo diretor era o prof. Egon Ermírio Jung.

Por fim, lecionei no curso ginásial do Colégio Imaculada dos Irmãos Maristas que tinha, a princípio, como diretor o Ir. Mário. Aqui cheguei a lecionar a turmas com mais de cem alunos, todos do sexo masculino. Na Escola Normal, lecionei Religião.

Um dia, o Cônego João Marchesi, pároco de Canela, pediu-me que desse uma mão ao chileno Abdala Lopes Taha, filho de pai libanês e mãe chilena, o qual havia escrito a história de sua vida. Fiquei empolgado



com a riqueza de aventuras vividas pelo autor. não hesitei; abracei a causa. Corrigi as originais, datilografei e mandei editar por minha conta. Foi um sucesso. O obscuro autor criou fama, indo até à Feira do Livro em Porto Alegre. A seguir, com ele, traduzimos um livro de Gibran Kalil Gibran, que ao ser editado pela Sulina, teve a publicação embargada em vista dos direitos autorais.

A seguir procedi à revisão dos originais do livro "Padres, Viajantes, Médicos" do referido Cônego Marchesi. Um livro de memórias, que fazia espantosas revelações. Infelizmente, teve sua publicação embargada, dizem que por ordem do Cardeal Vicente Scherer.

20. LAICIZAÇÃO

Surpresa? A maior foi a minha. Apesar da gigantesca e contínua opressão em que vivia e dos conflitos do coração, em virtude da ausência da vocação para o celibato, nunca me passou pela cabeça a ideia de abandonar a vida religiosa e o ministério sacerdotal.

Para as outras pessoas, mesmo para aquelas que ignoravam meus problemas sentimentais, não houve nenhuma surpresa. Tive inteiro apoio do meu pai e dos irmãos. A psicóloga Ir. Luíza Antonieta Zanchetta, que forneceu esplêndida declaração para o processo, disse-me: faz tempo que eu sabia que isto iria acontecer. Você escreveu tudo em seu livro "O Prisioneiro da Montanha". Você é o prisioneiro. Prisioneiro do convento. Assim como o personagem do seu belo romance, vivendo preso na montanha, encontrou um tesouro, você na prisão do convento encontrou o tesouro para com ele se defender na vida. Aprendeu a ser professor e escritor. Todo aquele gigantesco trabalho que o Pedro realizou na montanha, você realizou na Ordem...

Todas as pessoas a quem eu relatava a decisão me apoiavam plenamente Padres, professores, as alunas normalistas. Estas vibraram. Com isso, eu me sentia mais animado e seguro de que realmente era a vontade do Senhor.

A longa história vem narrada com detalhes no romance "Caminhos do Senhor". Eu, como declarei naquele livro, sempre insatisfeito, sempre adoentado, encontrei o maior e decisivo apoio no meu confessor Frei Ambrósio Tondello. Declarou: Você não pode continuar na Ordem. Você, no século, fará muito mais bem às almas com seus livros do que permanecendo nela sem vocação.

O atual Cardeal Arcebispo de Aparecida, D. Aloísio Lorscheider, meu grande amigo, consultado por mim, respondeu: Se o Frei Ambrósio apoiou, eu também apóio.



Foi em fins de 1970. Ao retornar de Caçador e Videira, onde acabava de colher os dados e fatos para a reportagem, fui diretamente para Lagoa Vermelha, onde se encontrava uma jovem, a única com quem eu podia trocar beijos e abraços. Ao chegar, tive a maior decepção. Ela recusou-se terminantemente, misteriosamente. Isto fazia parte dos planos de Deus.

Sentindo uma vontade louca para conversar com alguma moça, deu-me na cabeça de visitar aquela que seria minha companheira. Ela, a quem eu um dia havia declarado, brincando, que casaria com ela, atendendo apelo de outra moça sua companheira de trabalho no Hospital São Paulo, fez a mais surpreendente proposta de casamento. Declarei:

- Mas eu sou muito velho. 57 anos.

- O que tem? O Djalma era mais velho – respondeu.

- Mas eu sou doente - insisti.

- E daí? Eu não sou enfermeira? Cuidei do Djalma e saberei cuidar de você muito bem. Veja, nós temos tudo. Tenho casa. Eu estou aqui sozinha. Você tem o seu emprego. E agora vou comprar um fusca. Como vê, não falta nada para nós.

Eu não tinha mais argumento algum. Saí da casa dela, onde ainda moramos, sentindo um bem-estar incrível, uma euforia como nunca senti na vida... E pronto, mudei de ideia. O que me parecia impossível, o que me parecia pecado, tornava-se agora a coisa mais linda, algo divino, caído do céu...

Não tive mais sossego. Sentia que devia seguir aquela voz, que vinha de Deus. Armei-me de coragem e fui ter com a Superior Provincial em Caxias do Sul. Ele ficou surpreso. Hesitou. Relutou, achando que eu poderia mudar de ideia.

Mas aquela força me impelia irresistivelmente. Uma força maluca me fazia prosseguir naquela libertação, que, conforme declarou meu irmão, o Pe. Firmino, se tratava de conversão. Seria a minha segunda

conversão. Eu deixava de ser pecador. Deixava os amores proibidos, que tanto me angustiavam, para abraçar um amor autêntico, abençoado por Deus.

E Nosso Senhor encaminhava as coisas de maneira maravilhosa. Tudo, tudo estava dando certo... Todavia, eu comecei a chorar. Rezava a missa com muito fervor chorando. Tomava o café chorando, chamando a atenção dos confrades. Passei dias neste estado de muita lágrima. Mesmo, ao falar com o Provincial, eu chorava. Chorava, certamente, por deixar a Ordem e tantos companheiros, com quem convivi durante mais de 30 anos. O que eu mais lamentava, era não poder continuar celebrando. Eu, muito piedoso por natureza, sentiria imensamente não poder mais celebrar o santo sacrifício da missa. Por isso, ao escrever ao Santo Padre, pedi que me autorizasse a continuar celebrando.

Por fim, as lágrimas foram estancando. Um dia de fevereiro daquele ano de 1970, chega no convento o Provincial, acompanhado de seu Conselheiro, futuro Bispo. Chegava para conversar comigo ao lado do superior local, um superior muito querido, muito cordial para mim. O Provincial declarou que por haver eu anunciado ao público que deixaria a Ordem para casar, não poderia mais permanecer no convento.

Era verdade. Assim como me aconteceu na primeira conversão, eu sentia uma vontade louca de relatar aos outros a minha decisão. Fazia-o com muito prazer.

Diz, então, o Provincial:

- Você não pode ficar aqui no convento. Deve sair e ir para uma pensão.

Eu, então, puxei do bolso 300 cruzeiros do meu ordenado de professor, que havia recebido naquele dia, e fiz questão de entregar. Mas o superior local se recusou a receber. Eu, então, aleguei:

- Mas é do mês passado.

- Não faz mal- disse o Provincial- fica para pagar a pensão.

300 cruzeiros foi tudo quanto levei ao deixar a Ordem, para a qual trabalhei afanosamente durante 30 anos. Mas eu deixava a Ordem de consciência tranquila neste ponto, convencido de que ajudei bastante. Durante os 30 anos de ministério e de magistério, amealhei uma verdadeira fortuna. Tudo eu deixava agora à Ordem. Pessoa de perna fina, sempre fui de uma atividade exorbitante. Nos 20 anos em que trabalhei em Lagoa Vermelha, dava aulas de manhã e de noite. De tarde fazia o serviço da secretaria, serviço que hoje demanda cinco pessoas. Trabalhava até meia noite e, muitas vezes, levantava, como ainda agora, de madrugada. Além disso era correspondente e colaborador de mais de meia dúzia de jornais e revistas. E ainda escrevi duas dezenas de livros, como direi adiante. Os direitos autorais corriam por conta da casa religiosa.

Ainda sobrava tempo para caçadas e pescarias. Nas décadas de 1950 e 1960, a região de Lagoa Vermelha era um viveiro de aves, de veados, de capivara... Um domingo, depois de celebrar missa no Hospital São Paulo, saí de espingarda e logo ali adiante, no mato dos Guimarães, perto do aeroporto, matei dois jacus. Cheguei em casa. O Frei Celestino estava tomando café. Perguntei: É muito tarde voltar agora da caça? - E levantei os dois jacus.

Aos domingos de tarde, junto com meus confrades e algum amigo, como o Dorvalino Della Valle e seu filho Carlos, saíamos a caçar pombas nas granjas a pedido dos granjeiros, que suplicavam fossemos defender a semente dos bandos de milhares de pombas carijós. Por vezes, saía a acompanhar os caçadores de perdiz, como o Vitório Zanchi, o pintor Emílio Zanon. Meus irmãos e companheiros vinham de Bento Gonçalves a meu convite. Agora só me limito a pescarias com o compadre e primo Olímpio Battistin ou o Pe. Ignácio Dalcin, meu primo e nosso vigário.

Nossa situação financeira, embora um tanto preocupante, nunca chegou a perturbar nossas andanças, nossa missão. Nunca nos faltou o indispensável para enfrentar a vida, as doenças, as hospitalizações, o tratamento médico com remédios caríssimos, para a Cármen com o terrível Mal de Parkinson, para mim enfartado. Deus, com grande generosidade, com muito carinho, nunca permitiu que nos faltasse alguma

coisa. Cuidou e cuida de nós como cuida dos passarinhos. Assim podemos editar livros, viajar, adquirir condução. O fusca da Cármen, com o andar dos anos, foi dando lugar a três Variants e três Belinas e agora, uma Parati 95. Eu só fui aprender a dirigir automóvel aos 57 anos. Antes minha condução dependia dos outros. Tive bicicleta e três motos. A primeira Lambreta que entrou em Lagoa Vermelha foi a minha.

* * *

Obrigado a deixar o convento, saí à procura de casa entre parentes de Caxias. De balde. Por fim, os bondosos Irmãos Maristas de Canela me deram hospedagem até que eu pudesse alugar casa, depois que viesse de Roma a necessária dispensa, que demorou muito, muito. De mês em mês, eu aparecia na Cúria Provincial para saber se a dispensa tinha chegado.

Em 14-8-1971 escrevia eu ao Frei Martinho, secretário provincial:

"Faz mais de dois meses que estive aí na Cúria para entregar meu pedido de dispensa dos votos. O senhor observou os documentos, em três vias, e achou que estava tudo em dia e que havia demais. Disse-me, como aliás me havia afirmado o Pe. Provincial, que a dispensa viria sem demora.

"Voltando a Cúria, depois de alguns dias, indaguei se o Pe. Provincial havia encaminhado o pedido. Respondeu V. Rvma, dizendo que vira o Superior dando andamento. Depois disso, voltei outras vezes à Cúria, sem encontrar o Pe. Provincial nem V. Rvma.

"Fiquei convencido de que para fins de julho viria a dispensa de Roma. Por isso, tratei de alugar casa em Canela. No dia 1º de agosto fizemos a mudança de tudo quanto a Cármen possui. Em Lagoa Vermelha, encaminhamos a habilitação para o civil. D. Cármen demitiu-se do seu emprego, alugou a casa e passou a morar com pessoas amigas. E eu estou morando sozinho na casa em Canela.

"Visto que até fins de julho nada nos comunicaram, julgamos que a dispensa viria nos primeiros dias de agosto, e acertamos o dia 21 para a realização do enlace no civil. Ontem passei por Caxias, na esperança de

encontrar uma resposta favorável. Visto como não encontrei ninguém na Cúria, voltei hoje. Da Estação Rodoviária, telefonei e falei com o Pe. Provincial, que me disse não haver ainda encaminhado o pedido nem sequer para o visto do Sr. Bispo. E, pelo que disse, nem mesmo viu os documentos.

"Caríssimo Frei Martinho: Como sabe, é desde janeiro que venho tratando junto dos Superiores para realizar o que sinto em consciência ser a vontade de Deus. Em fevereiro recebi ordem de sair do convento. Passei sete meses andando de cá pra lá, mendigando pousada e comida. Para conseguir a documentação exigida, fiz duas viagens a Porto Alegre, fui pessoalmente pegar a declaração do pai e depois a Livramento para obter a do Pe. Firmino... Agora estou sozinho em casa, devendo fazer comida e cuidar de todos os afazeres domésticos. Isto para não fazer as refeições em restaurante, pois meu ordenado de professor não comporta a despesa. Com as despesas da instalação da casa, vejo-me em apuros. Ainda hoje meu pai me deu dinheiro para ajudar. D. Cármen deixou seu emprego e vive incomodando pessoas amigas para dormir e comer.

"Como bem deve compreender, eu devo tomar uma atitude. Imagine alguém morando sozinho de dia e noite. Ainda nesta semana fiquei mal de noite, pensei até que ia morrer. Por isso, peço desculpa para dizer que se dentro de 15 dias eu não tiver alguma notícia que me anime, escreverei diretamente ao Papa e ao Cardeal D. Agnelo Rossi, meu grande amigo desde que prefaciou o livro "A Coloninha". Vou declarar tudo bem direitinho. Afinal, se me puseram na rua, espero que me deem liberdade de andar, não acha? Desculpe a franqueza, meu caro Frei Martinho. Reze por mim. Um cordial abraço do muito seu em Nosso Senhor".

Visto como fora marcado o dia 21 de agosto para a realização do casamento civil, fomos obrigados a cumprir a ordem do cartório e do Juiz de Paz. Em seguida, com o fusca, levando de motorista o amigo e ex-aluno Sílvio Renato Lobo, fomos a Canela definitivamente.

Após várias consultas acerca da nossa situação, casados só pelo

civil, fiquei de consciência tranquila. Eu pensava: se for pecado, os culpados são os Superiores que retardaram o encaminhamento do processo a Roma.

Instalados numa casa dos amigos Ademar Faller e Neli Secco, irmã de nossas grandes amigas Rosa e Adélia e do Roberto, ex-seminarista capuchinho, vivíamos contentes, eu dando aulas e a Cármen cuidando dos afazeres da casa.

Tínhamos ao lado uma senhora viúva, D. Leonilda Feltmann, de religião evangélica, que praticava fervorosamente. Ficamos grandes amigos. Quando saímos de Canela, ela chorou muito ao despedir-se da Cármen. Depois, ao visitá-la, ela abraçava a Cármen chorando. Era uma santa, muito devota de Maria Elizabeth de Oliveira. Rezo a ela todos os dias, pedindo que nos acompanhe lá do céu.

Outro vizinho maravilhoso era o Remi Gonçalves, casado com Maria Almerinda Petry. Tinham quatro filhos: Paulo, Cláudio, Ari e Clóvis. Acabamos ficando compadres, como padrinhos de crisma do Paulo e do Ari. Este, um rapaz muito inteligente e de conduta irrepreensível, faleceu prematuramente, vítima de uma infecção pulmonar motivada por uma bolada durante o jogo de futebol.

O Remi, esposa e filhos foram nossos melhores amigos em Canela. Remi e os filhos foram meus companheiros de pescarias e caçadas. Infelizmente, perdemos este grande amigo e compadre, que chegou a construir três casas. Ao concluir a última, na rua João Manuel Correa, 183, Remi veio a falecer, ainda bastante jovem. Volta e meia, visitamos a comadre Almerinda, que reside na linda casa de alvenaria junto com o filho Cláudio, enquanto o Paulo e Clóvis moram na praia de Bombinhas em Santa Catarina.

Quase todos os anos, vamos a Canela na festa de Nossa Senhora do Caravagio participando da romaria a Saiqui. Por sua vez, a comadre Almerinda nos visita de vez em quando, chegando a parar algum tempo em nossa casa, auxiliando-nos. Ela muito nos auxiliou por ocasião da enfermidade de Cármen.

Visto que não vinha resposta de Roma, apelei de novo para D. Aloísio Lorscheider, que em 13-12-1971, desde Santo Ângelo, me escreveu:

"Meu caro Fidélis. Recebi suas duas cartas. E me mexi. Resultado: o seu p depressa. Não há outro jeito. O tempo passa. Quando menos o senhor espera, estará com a licença nas mãos. Por isso, é bom ir se preparando. Aceite o meu abraço. (ss.) + Aloísio L."

Finalmente, em maio de 1972, chegava de Roma a tão suspirada dispensa. O documento encontra-se arquivado na Cúria Episcopal de Caxias do Sul. O bispo, D. Benedito Zorzi, que durante três anos foi meu companheiro em Pelotas, forneceu o seguinte atestado, quando presidiu o nosso casamento religioso:

"Caxias do Sul. 12 de maio de 1972. Atesto, para os devidos fins, que nesta data de doze de maio de 1972, aqui na sede do Bispado de Caxias do Sul, compareceu o senhor FIDÉLIS DALCIN BARBOSA, sacerdote professor na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, desta Província do Rio Grande do Sul, o qual me apresentou o Rescrito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, com data de 17 de março de 1972, Prot. Nº 3559/71, Rescrito que lhe concede a dispensa de todos os encargos e votos assumidos, seja com a profissão religiosa, seja com o sacerdócio, inclusive o encargo de guardar a lei do sagrado celibato.

"Atesto, outrossim, que o sr. Fidélis Dalcin Barbosa, por mim interrogado se tinha conhecimento do presente Rescrito e das obrigações que lhe impõe, bem como das dispensas concedidas, se o aceitava, me respondeu afirmativamente e como sinal de sua aceitação, o firmou de próprio punho com a assinatura que usa: FIDÉLIS DALCIN BARBOSA.

"É ele filho de Antônio Dalcin e de Maria Dalcin nascido na paróquia de Garibaldi a 14 de dezembro de 1915; batizado com o nome de FIDÊNCIO GIOCONDO, a 16 de janeiro de 1916 pelo Padre Miguel, tendo sido padrinhos Giocondo Deitos e Adelaide Gedoz. Recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de Dom José Baréa a 11 de agosto de 1940, em Garibaldi.

"Atesto também que nesta mesma data, no oratório doméstico do mesmo Bispado de Caxias do Sul, perante mim e as testemunhas Padres Adolfo Fedrizzi e Ernesto Brandalise, contraiu matrimônio com a senhora CARMELINA CAMATTI, filha de Raymundo Camatti e Luíza Fasolo, nascida a 20 de setembro de 1923, na paróquia de Antônio Prado, tendo sido batizada a 12 de outubro do mesmo ano, com os padrinhos Luiz Fazolo e Duzolina Maito, tendo sido o celebrante o Pe. Félix Fusatta, sendo ela viúva de Djalma Pinto, falecido em Lagoa Vermelha, a 28 de junho de 1968.

"E para que isto constasse, lavrei o presente documento em duas vias, uma para o interessado; outra para o arquivo neste Episcopado, após comunicação à Província Capuchinha a que pertencia Fidélis Dalcin Barbosa e à Sagrada Congregação da Doutrina da Fe. Dom Benedito Zorzi, Bispo de Caxias do Sul (Pe. Nilo De Cesero, p/Secretário do Bispado)."

* * *

Em princípio do ano letivo de 1973, obtive transferência para lecionar no Colégio Estadual de Lagoa Vermelha. Viemos, então, embora de Canela e passamos a residir na casa que e de uso-fruto da Cármen, na qual ainda moramos neste ano de 1995. Aos poucos, fomos reformando a casa, ampliando a cozinha, nova garagem de alvenaria, calçada, casinha da lenha, lavanderia...

Em 6 de abril de 1976, fui convocado pelo secretário de Educação e Cultura, Airton Santos Vargas, para lecionar em regime especial de 33 horas semanais. Nos anos de 1975, 76 e 77, lecionei Português e Literatura na Escola Normal Rainha da Paz. Lecionei estas disciplinas no Curso pré-vestibular, dirigido por Paulo Endres. Ao completar 65 anos de idade, fui aposentado pelo INPS como jornalista. Pelo Estado, fui aposentado com 42 anos de magistério. São duas aposentadorias pequenas, que vem nos prestando importante ajuda.

Antes de me aposentar, enfrentamos certa dificuldade de ordem financeira, a fim de poder equilibrar nossas economias, apesar de ser eu

um tremendo pão-duro, bem ao contrário dos meus irmãos. Nos primeiros anos, chegamos ao absurdo de fazer compras no Paraguai para comercializar, sempre correndo o risco de sermos assaltados, como me ocorreu uma vez, quando perdi a mercadoria e a mala. Por vezes, eu ia sozinho de ônibus; outras vezes era a Cármen. As mais das vezes, íamos ambos de condução própria. Era uma situação arriscada e humilhante. O trabalho era facilitado pelos irmãos e sobrinhos da Cármen, que moram perto da Foz do Iguaçu.

Fui sempre dominado por espírito mercantilista, como se fosse mesmo descendente de ciganos, segundo se supõe. Não apenas comercializava livros, mas também objetos religiosos e outros, tanto em Portugal como no Brasil.

21. CARMELINA CAMATTI

A escolha de minha companheira de vida matrimonial e de minha missão apostólica faz parte do maravilhoso plano divino. Foi Nosso Senhor e não eu quem determinou que eu devia abraçar a vida conjugal. E foi Nosso Senhor que escolheu aquela que deveria ser minha esposa.

As pessoas do sexo feminino que se apaixonaram por mim e, às vezes, eu por elas, eram todas jovens e virgens. Nunca tive amizade com mulher casada ou viúva. Se eu, com 57 anos, casasse com uma jovem, certamente enfrentaria problemas futuramente.

Por outra, para quem tivesse 57 anos de idade, sem algum recurso financeiro, impunha-se uma pessoa com certos recursos e com idade mais ou menos como a minha. Pois a mulher que Deus me destinou era pessoa com apenas sete anos de diferença; dispunha de casa mobiliada e de automóvel. Era enfermeira altamente capacitada, com dezenas de anos de experiência. Excelente dona de casa, da arte culinária e fabricante do melhor tricô e croché. Com seus lindos trabalhos de tricô, ela reforçava nossas fracas economias. Um dia, quase chorei ao ver que ela, em vez de pedir dinheiro para mim a fim de comprar flores que depositou na sepultura de seus pais no dia de finados, ela trabalhou fazendo tricô...

Nascida em Antônio Prado, a 20-9-1922, filha de Raimundo Camatti (4-11-1898 - 1-8-1964) e de Luísa Fasolo (6-3-1899 - 25-8-1946), estudou no Colégio São José de Antônio Prado. Fez o noviciado em Garibaldi, onde emitiu votos religiosos na Congregação de São José, tomando o nome de Ir. Raimunda. E, em seguida, sem outros estudos, principiou a trabalhar como enfermeira no Hospital Nossa Senhora da Oliveira em Vacaria. A seguir, no Hospital Santo Antônio de Esmeralda e, por fim, em Veranópolis.

Jovem de rara beleza, olhos azuis e extremamente carinhosa com os doentes, trabalhava sem descanso, dia e noite. Vários homens se enamoraram dela, assim como eu quando fui hospitalizado em Vacaria,

como ficou dito.

Sem vocação para o celibato, acabou deixando a vida religiosa, não sem enfrentar problemas advindos de preconceitos da época, quando a desistência da vida religiosa e sacerdotal se constituía num escândalo.

O fazendeiro Djalma Martins Pinto, de tradicional família de Vacaria e residente em Lagoa Vermelha, enamorou-se dela culminando por recebê-la como esposa. Pessoa doente, Djalma tratava-se com o Dr. Ivo Sasso em Veranópolis. Durante uma destas hospitalizações, conseguiu convencer a linda freirinha a casar com ele. Casamento apenas religioso. Como, naquele tempo, o casamento religioso não sortia efeitos de herança, ela só ficou com a casa de uso-fruto e algum dinheiro.

Viúva em 1968, passou a trabalhar no Hospital São Paulo de Lagoa Vermelha, como auxiliar do Dr. Agustin Nieto Rey, hoje radicado em Brasília, casado com uma antiga aluna minha, Mariazinha Campetti. Foi quando, em 1970, Deus a colocou no meu caminho, como ficou narrado neste livro e, mais detalhadamente, no romance autobiográfico "Caminhos do Senhor".

* * *

Depois que voltamos para Lagoa Vermelha, a Cármen, nome por que é conhecida, além do serviço da casa, fazia de enfermeira de várias pessoas. Cuidou carinhosamente de numerosas pessoas na sua enfermidade e assistiu-as na hora da morte. Entre estas pessoas, figuram: D. Julieta da Costa e Silva; Crescêncio Ferreira e sua esposa; Pierina Appio; a mãe de D. Elvira Araújo; o sr. Epaminondas Paim, como fizera para seu pai em Veranópolis.

Todos os nossos vizinhos, precisando de médico, recorriam a Cármen primeiro. Todos os dias, aparecia gente aqui em casa para receber injeções ou ver a pressão... Tudo ela fazia com carinho e gratuitamente. Depois, atingida do temível Mal de Parkinson, ficou impedida de fazer esta caridade.

Logo que casamos, viajamos ao Uruguai e Argentina. A seguir, já

em Lagoa Vermelha, fizemos uma grande viagem de ônibus por vários Estados do Brasil, indo até Belém do Pará.

Com o primo Atilio Dalcin, pai do Pe. Ignácio, e D. Dosolina, fomos a Gurupi, naquele tempo Estado de Goiás, hoje Tocantins. Ficamos lá 15 dias em casa do primo Ari Dalcin, durante os meses de agosto e setembro.

Três vezes, passamos parte do inverno na casa do sobrinho da Cármen, José Francisco Camatti, em Alta Floresta, e de seus dois cunhados José e Marino Disner. Durante as minhas férias escolares, íamos todos os anos ao Paraná, onde, em Medianeira, moram quase todos os irmãos da Cármen. Depois que me aposentei, vamos várias vezes durante o ano, hospedando-nos em casa do cunhado Rovílio Costa.

Junto com o Pe. Firmino, passamos uma temporada de verão no Rio de Janeiro, hospedados no Instituto Santo Antônio em Nova Iguaçu, cuja diretora e superiora era nossa prima Ir. Yeda Dalcin. Com ela passamos uns 15 dias na praia, parando na casa das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Maria de Bonlanden. A seguir, visitamos a fazenda do irmão da Yeda, empresário Júlio Dalcin (1935-1993), proprietário de uma bela criação de cavalos da raça Campolina, hoje ao cuidado do filho Juliano Dalcin.

A Cármen tem oito irmãos, a saber: João, Luís Sebastião, Albino, Benvenuto, Gema, Ir. Luísa Margarida, Ir. Teresinha de Lourdes e Olívia.

João Camatti Sobrinho (4-4-1921-16-6-1971), residia em Santana, Antônio Prado, agricultor e pomicultor; casado com Rosalina Caon, filhos: Ivo cc, Vicença Furlan, duas filhas; Liduvina cc Antônio Benetti, três filhos; Inês, costureira em Vacaria, cc Alfeu Panisson, 5 filhos; Lurdes, professora, cc José Guinzelli, três filhos; Arlindo cc Nivalda Furlan, 4 filhos; Ir. Narciso, Maristela, residente em Dourados MS, atualmente estudando em Roma; Ir. Zélia, da Congregação de São José, trabalha na pastoral em Jaquirana; Avelino Luís Camatti (18-11-1952 - 9-3-1980), professor, líder da comunidade de Santana, jovem exemplaríssimo, faleceu tragicamente, teve funeral soleníssimo: "As flores do jardim de nossa casa murcharam todas de saudade de você; ajude-nos a fazê-las reviver". Na enfermidade



do João, estivemos várias vezes prestando assistência, assim como fizemos quando faleceu no Hospital São José, de Antônio Prado.

Luis Sebastião Camatti faleceu em 18-1-1994; em sua enfermidade nós o visitamos três vezes, havendo assistido ao seu funeral na capela do Represso Medianeira; grande produtor de cereais, era casado com Rosa Bernardi e a seguir com Ana Maria Begnini; 5 filhos vivos: José Francisco cc Ivete Viapiana, f. Eleni, Odair, Luciano, Loreni e Bruno; reside no interior de Matelândia, PR. Ermelinda cc Marino Disner, trabalha com aviário e possui fazenda em Alta Floresta; f. Leandro e Leonardo. Santina cc José Disner, empregado, f. Marcelo e Marcos, residiu em Alia Floresta. Casimiro cc Filomena, f. Clair, Leide e Elizabete; agropecuarista e avicultor, no Represo, Medianeira. Saule cc Marlene, f. Maurício e Sueli; agropecuarista. Ivone (1955-1980).

Gema Camatti Carissimi, viúva de Orosimbo Carissimi, falecido a 5-3-1993.10 filhos: Francisco José, cc Marlene, caminhoneiro e agropecuarista, reside na cidade de Medianeira. Hilário cc Marlene Begnini. f.: Anacleto, Ivanete e Jocimar; caminhoneiro. reside em Flor da Serra, PR. Natalina cc Gualtério Begnini, dono da Eletrônica Librason em Cascavel, PR; f. Juliano e Jovilene. Afonso cc Ondina, forte agropecuarista, reside em Santa Teresa do Oeste, PR; f. Dorilde, Jocilene e Daniel. Ivone cc Otacílio Viapiana, agropecuarista e avicultor; f.: Ivani, César, Adriano e Fernando. Luísa cc Tarcísio Begnini, bombeiro, e ela doceira na cidade de Medianeira; f.: Cátia, Cristiana e Franciele. Félix, agropecuarista, cc Lorena, faleceu tragicamente no dia 3-3-1992, deixando o filho Marciel. Filhos solteiros: Luiz, Vicente e Valdomiro; fortes agropecuaristas em Santa Teresa e Matelândia, PR.

Benvenuto Camatti cc Maria Longhi, ex-capuchinho, residiu no Paraná, como comerciante e granjeiro; atualmente mora na cidade de Antônio Prado, onde exerce a profissão de horticultor, sendo ainda Ministro da Eucaristia.

Albino Camatti forte agropecuarista em Medianeira, PR, casado com Maria Furlan, tem os filhos: Vicente, José, Otacílio, Carlos. Clóvis,

Terezinha e Elisa. Todos casados e bem estabelecidos com agropecuaristas, com exceção de Carlos e Elisa, que residem com os pais.

Ir. Luísa Margarida Camatti (24-1-1921-16-6-1971), era Religiosa da Congregação de São José; enfermeira, trabalhou em hospitais de várias cidades, vindo a falecer quando trabalhava no Hospital de São Pedro em Porto Alegre; ao seu funeral estiveram presentes todos os irmãos e cunhados; era uma Religiosa exemplar, e teve morte santa.

Ir. Teresinha de Lourdes Camatti, religiosa da Congregação de São José, enfermeira, trabalhou em várias casas da Província de Porto Alegre, em Matelândia, no Paraná, em Rio Grande; atualmente atua como enfermeira e motorista na Casa de Nazaré, em Porto Alegre; ela vem nos prestando importantes serviços, sobretudo no tratamento da Cármem; viajou numerosas vezes conosco em visita aos irmãos no Paraná.

Olívia Camatti Costa, casada com Rovílio Costa, forte agropecuarista no oeste do Paraná, nos municípios de Medianeira e São Miguel do Iguazu; nove filhos: Inês casada com Pedro Biassi, agropecuarista em Medianeira, filhos: Claudir, Adjalme e Marinês; Sérgio, agropecuarista no oeste do Paraná, casado com Santina Rosso, três filhos: César Augusto. Maria Elizabeth e Kelen Cristina; Luísa, casada com Pedro Paulus, agropecuarista e suinicultor, Em Medianeira, no Paraná, 3 filhas: Roselaine, Pricila e Franciele; Helena, cc Inácio Wernke, agropecuarista e avicultor em Medianeira, PR; filhos: João Célio, Ivan. Teresinha, casada com Nereu Viapiana, forte agropecuarista em Medianeira,PR, duas filhas: Caroline e Elisamare. José e Jorge Pedro, solteiros, moram com os pais. Olívia é Ministra da Eucaristia.

Tinha a Cármem 60 anos, quando foi acometida do Mal de Parkinson, logo diagnosticado pelo nosso médico, Dr. Geraldo De Boni, que nos encaminhou ao Dr. Paulo Mattana, de Caxias do Sul. A seguir, a Cármem continuou fazendo tratamento com outros médicos em Porto Alegre, ficando hospedada no apartamento do Dr. Paulo Evandro Machado, casado com Helena, filha da Nely Pinto Lacerda, filha de Djalma Pinto. Sempre em busca de recuperação, consultamos médicos até no

estrangeiro. Fomos a Jacarezinho, no Paraná, receber a benção do Sr. Antônio da Silva; em Santo Amaro da Imperatriz, recebeu a benção do Frei Hugolino Back por duas vezes. Continuamos com rigoroso tratamento, sempre em busca de cura. Desde que ela foi acometida do mal, não parei um dia de rezar. Fui a Portugal pedir a graça da cura a Nossa Senhora de Fátima e à serva de Deus Madre Rita Amada de Jesus.

No dia 28 de outubro de 1988, sábado, estando a Cármen em tratamento em Porto Alegre, sofri infarto do miocárdio. Atendido pelo Dr. César Nezello, fui internado na UTI do Hospital S. Paulo, permanecendo lá três dias. Domingo de manhã, uma surpresa que me comoveu. Apareceu a Cármen, trazida pelo Dr. Paulo Evandro. Ela fez, então, promessa de mandar restaurar a imagem de São Pelegrino pelo escultor Antônio Augusto Borges. A imagem fora danificada sacrilegamente por iconoclastas.

Em abril de 1994, a Cármen adoeceu com infecção intestinal. De noite, ela ficou mal e, de manhã, tratei de transportá-la ao banheiro, onde caiu. Saí de casa, dei um grito e logo meia dúzia de mulheres apareceram para nos socorrer. Hospitalizada em Lagoa Vermelha e a seguir em Passo Fundo, onde a equipe do Dr. Carlos Madalosso achou o caso muito difícil, alegando mesmo que ela corria risco de vida ou ficaria parálitica a vida inteira.

Indo a Passo Fundo, visitamos primeiro a capela de Maria Elizabeth, onde a Cármen deixou rosas. Ao receber alta do hospital, voltamos à capela, quando a Cármen viu um belo sorriso no rosto da foto da santinha, um esplendor na cabeça e três rosas no peito... Era, certamente, o sinal de que Maria Elizabeth a socorreu.

A Cármen, em função do rigoroso tratamento, em função de tantas orações, sempre foi capaz de me auxiliar, fazendo todo o serviço da casa, roupa, horta, com ajuda, duas vezes por semana, da diligente Sueli Bernardi. No entanto, época houve em que a Cármen caía com facilidade, na rua e em casa, devendo ser socorrida. Um dia, ao voltar do correio, encontrei-a caída perto do fogão, tendo permanecido assim por quase uma

hora...

No dia 13-9-95, consultou-se com o Dr. Murilo Meneses em Curitiba, visando submeter-se a uma cirurgia. O médico achou que ela não esta assim tão mal para submeter-se a cirurgia; apenas alterou a medicação, declarando que haveria de melhorar, uma vez que a cirurgia - declarou - ainda não consegue curar completamente o Mal de Parkinson.

22.LIVROS

Com 14 anos, no Seminário de Veranópolis, lendo a poética introdução do livro "Iracema" de José de Alencar; lendo contos de Monteiro Lobato, principiei a gostar da literatura desejando tornar-me escritor. Desde então, nunca mais deixei de perseguir este sonho, apesar da falta de livros e de mestres. Como já declarei, durante o Noviciado, fui até impedido de ler livros em língua portuguesa, causando-me profunda angústia e passando a buscar leituras clandestinas, correndo sério risco de vir a ser expulso.

Sou, por isso, um modesto escritor autodidata. Embora, na minha ingenuidade, almejasse tornar-me até um candidato à Academia Brasileira de Letras, sempre estive convencido de que não passaria de um escritor medíocre, do gosto popular. Sem meios e ambiente de frequentar cursos e mestres em literatura, não foi fácil para mim realizar o ambicionado sonho de tornar-me um grande escritor.

Apesar de tantas limitações, não faltaram escritores que me apoiaram.

Aloísio de Azevedo publicou no dia 13-8-61 no jornal "Cruzeiro do Sul" de Sorocaba um artigo com o título "Enfim, um escritor". Diz entre outras coisas: "Vai contando, vai contando tão bonito, que dir-se-ia estar cantando os episódios de um poema em prosa moderna".

O laureado romancista Deonísio da Silva, ao autografar um de seus livros, escreveu esta dedicatória, capaz de orgulhar um Jorge Amado e um Paulo Coelho: "Ao meu companheiro de armas, Fidélis Dalcin Barbosa, em cujos livros aprendi a amar a leitura..."

A propósito do livro "A Coloninha", a Ir. Ilze Mees, Superiora Geral da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, escreveu-me em 10-5-1995: "Seus escritos são leves e vivazes, pelo que agradam ao leitor. Descreve os fatos cheios de movimentos e coloridos, com grande



imaginação; é mesmo um carisma muito especial. Por isso, a grande difusão e aceitação do público. Parabéns por tão grande sucesso".

Guilhermina Moura, redatora da revista "Primavera em Flor", de São Paulo, escreveu: "É difícil encontrar um escritor com estilo tão leve e quase... feminino como o seu".

Vilson Aragão, professor da Faculdade de Filosofia de Vitória, a propósito de um artigo meu publicado na revista "Vozes de Petrópolis", escreveu: "Acabo de ler e reler, sempre com extrema admiração, a belíssima, encantadora, fotográfica descrição que fez dos Aparados em seu conto "As Maravilhas dos Aparados". Traz-nos um primor de descrição simples, pictória das incríveis maravilhas dos Aparados".

A comissão julgadora da Livraria do Globo, de Porto Alegre, escreveu: "O autor, bastante viajado, psicólogo, bom observador, bem humorado, evidencia-se pela maneira entusiasta com que descreve as belezas naturais da região serrana, e pela maneira desembaraçada com que trata dos assuntos históricos, descreve com relativo conhecimento de causa alguns fatos interessantes na vida do imigrante italiano... Literatura realista e ao mesmo tempo romântica. O estilo do autor é fluente, sua linguagem é simples, sem retórica. É agradável de ler e o autor se torna simpático".

Antônio Guilherme Grings (Jornal do Comércio, 24-2-75), a propósito do livro "Semblantes de Pioneiros": "É obra de literatura e vale a pena ser lida e estudada pelos alunos que gostam dum belo fraseado que faz sentir o odor fresco e balsâmico das terras gaúchas..."

* * *

Principei a publicar artigos e poemas na revista "Jardim Seráfico" dos estudantes de Teologia de Garibaldi. A seguir, concluídos os estudos, e absorvido inteiramente na atividade apostólica nas paróquias, sem tempo para ler e escrever, cheguei a perder a esperança de realizar meu sonho de escritor. Mas, continuei sempre colaborando em jornais e revistas, especialmente em Pelotas, como ficou dito.

Meu sonho começou a transformar-se em realidade, na década de 1950, quando lecionava em Lagoa Vermelha. Um dia, remeti o conto "Carreiros" ao Correio do Povo. Foi publicado no suplemento literário deste matutino. Daí por diante, o jornal publicou uma série de contos. Revistas, como "O Eco" do Colégio Anchieta; "A Voz de Assis", de Caxias do Sul; "Vida Doméstica", do Rio de Janeiro, que premiou com o 1º lugar o conto "Direito de Nascer" e outras, foram publicando contos e artigos.

Por fim, mediante interferência de Mansueto Bernardi, foi publicado o livro "Semblantes de Pioneiros", pela Editora São Miguel de Caxias do Sul, lançado durante a Festa da Uva em 1961.

Minha estreia foi bem recebida pela crítica literária, a ponto de se esgotar a edição de 4.000 cópias em pouco tempo. Agora, em 1995, o Frei Rovílio Costa reeditou o livro em homenagem aos meus 80 anos.

A seguir, o livro "O Prisioneiro da Montanha", do qual falo adiante, fortaleceu minha confiança junto a setores editoriais. Imediatamente, a Editora Lar Católico, dos Padres do Verbo Divino de Juiz de Fora, MG, publicou sete livros cada um com tiragem de dez mil cópias. Eis os livros: "O Primeiro Beijo", "A Rebelião das Águas", "O Rapaz que não fumava", "Rainha da Beleza", "Anjos Prisioneiros" e "Prisioneiros de Vila Velha"; e, mais tarde, a 3ª edição de "O Prisioneiro da Montanha".

As Edições Paulinas, quase simultaneamente, editaram e reeditaram os livros: "A Mais bela Miss", "O Anjo de Cinzano", "São Paulo Apóstolo", "Prisioneiros do Abismo" e mais duas edições de "O Prisioneiro da Montanha". Editaram ainda uma tradução feita por mim. Todos estes livros tiveram duas edições, cada uma de dez mil exemplares.

A Editora Prelúdio, de São Paulo, publicou "São Tomas de Aquino" e "São Domingos Sávio", edições de dez mil cópias cada uma.

Com o advento da Televisão, a leitura entrou em decadência, fazendo com que as editoras limitassem suas publicações. Tornou-se, então, muito difícil encontrar editores, apesar de ingentes tentativas.

Apelei, então, para o meu poderoso protetor, Frei Rovílio Costa,

com sua editora EST. Começou lançando "Campo dos Bugres". Daí por diante, as Edições EST não pararam mais de lançar livros de minha autoria, livros que em 1995 atingem o número de cinco dezenas, com mais de 300 edições, na média com cinco mil cópias.

Houve, neste entretanto, outra editora católica que me honra com a publicação destes livros, todos reeditados: "A Coloninha, Madre Paulina"; "Clélia Merloni, Apóstola do Amor"; "Santa Maria Goretti"; a 8ª edição de "O Prisioneiro da Montanha"; e "A Missão de uma Jovem". Trata-se das Edições Loyola, de São Paulo.

O PRISIONEIRO DA MONTANHA - Residindo em Lagoa Vermelha, tratei de ir a bom Jesus a fim de conhecer os Aparados, maravilha capaz de me empolgar como apaixonado que sou das belezas naturais e da ecologia. Conduzido por Frei Alexandre Pestka, fui ao Silveira, atual município de São José dos Ausentes. Daí, acompanhado de Sebastião Velho, visitei os Mangueirões, o Chiqueiro. Daqui fiquei admirando o Realengo, montanha de 1.500 metros de altitude, cercada de abismo por todos os lados e projetando contra o firmamento seu pico altaneiro de basalto.

Fiz diversas reportagens descrevendo as belezas desta Serra Geral. Entretanto, eu desejava escrever uma história com aquele fabuloso cenário. Durante oito anos, quebrei a cabeça tentando descobrir um acontecimento que se prestasse a tal objetivo. Por fim, numa noite de insônia, véspera de uma caçada, surgiu-me a ideia de isolar um rapaz naquela montanha... No dia seguinte, contei a história aos companheiros da caçada. Ficaram encantados.

Tratei, então, de subir no Realengo. Por várias vezes, sofri decepção. Quando chegava lá perto, a cerração encobria a montanha. Foi necessário acampar por perto, e de manhã cedo, antes da chegada da viração, visitar aquele que seria o cenário da minha história.

Um dia, de tarde, fui a pé até a casa do agregado da fazenda, a cerca de um quilômetro do Realengo. Pernoitei. De manhã cedo, num cavalo emprestado e acompanhado de um filho daquele capataz, fui até o



sopé do monte. Dali o rapaz voltou para casa com os dois cavalos. Eu, a pé, galguei a montanha, fiz um levantamento completo da topografia. A seguir, desci a pé pela Estrada do Pilão até Morro Grande, cenário parcial da história. No dia seguinte, de ônibus, fui até Tubarão, ponto inicial da história. Fui ao Colégio São José, pedi às Irmãs da Divina Providência autorização para escolher dois personagens na pessoa de um casal de alunos.

Em poucos meses, o romance estava escrito. A revista "Primavera em Flor", das Irmãs Auxiliadoras de São Paulo, foi publicando o romance em capítulos, o que provocou curiosidade, abrindo caminho para a divulgação do livro.

Fui a São Paulo propor à Editora Flamboyant a publicação do livro. Uma bela edição, capa colorida, com seis mil cópias. Lançamento solene na filial da editora em Porto Alegre, com cobertura jornalística, rádio e TV. Foi um sucesso, a ponto de se tornar durante dias o livro mais vendido na Feira do Livro em Porto Alegre.

Numerosos colégios e mesmo universidades começaram a adotar o livro para trabalhos dos alunos. Os colégios que mais me empolgaram foram o Sacré Coeur de Marie, de Belo Horizonte, e Notre Dame, de Passo Fundo.

As mineirinhas começaram a se corresponder comigo. Montanhas de volumosas cartas chegavam quase todos os dias. Um dia fui visitar o colégio em Belo Horizonte. A seguir, tratei de homenagear as alunas que me escreviam colocando seu nome no livro "Prisioneiros de Vila Velha". Eis o nome das alunas: Ronise Vieira de Paula, Elisabete Teixeira da Costa, Maria das Graças Araújo dos Anjos, Eliana Aguiar Mourão, Maria de Lourdes Novais Alves, Jane Moreira, Maria Lúcia Paiva, Ana Lúcia Lucena, Ozitha Teatini, Júlia e outras, sempre acompanhadas da Ir. Maria dos Anjos, de Belo Horizonte, e da Ir. Bom Pastor do Colégio Sacré Couer de Marie de Curitiba.

As alunas da 4ª série ginásial do Colégio Notre Dame, de Passo Fundo, foram mais longe, orientadas por sua regente, Ir. Maria Lúcia

Librelotto, hoje missionária no Amazonas. Entre as numerosas homenagens, figura uma hora de arte por ocasião de minhas Bodas Sacerdotais, conforme ficou dito. Escolheram-me paraninfo de formatura e fundaram um Clube de Classe com o nome de Frei Fidélis.

Preciso declinar o nome destas queridas afilhadas: Maria Luci Fernandes, Regina Klein, Ângela Dal Castel, Isolde Werlang, Maria do Carmo R. Maraliga, Tamar Grazziotin, Ana Maria Saphnemberger, Maria Elisabeth Alovise, Clemiris Morbini, Ieda Matos de Moraes, Marinei Lima, Loiva Urban (P.S.N.D.), Teozene Magagnin, Lúcia Clara Kuhn, Sônia F. Silveira, Glaci Lúcia Werlang, Agnes Rambo (J.N.D.), Mara Elizabeth Sá, Silvana Ioner, Irene Pavin, Neli Klein, Beatriz Librelotto, Tercila Bertoldo, Rosângela Machado, Cleusa Rejane Schottfedt, Sandra M. Ughini, Maria Célia Dias, Clecy Souza, Araci Maria Ludwig, Alzira Inês Balenssiefer, Maria Célia Giongo, Elizabeth Morsch, Ione Tasca, Marlusa Lima, Nádia Machado, Juracy Silveira, Jussara Oliveira e Maria Terezinha Cruz.

Os alunos do Ginásio São Tiago, de Farroupilha, de cujo Grêmio Literário eu era patrono, na sua formatura em 1965, prestaram-me homenagem especial Foi orador da turma Pedro Grendene Bartelle, irmão gêmeo de Alexandre, os quais, mais tarde, fundaram a maior fábrica de calçados do Brasil, a GRENDENE, fabricante da famosa sandália RIDER. Eis a relação destes meus afilhados: Alexandre Grendene Bartelle, Carlos Antônio B. Comassetto, Carlos Dal Vesco, Cláudio A. Egger, Cláudio P. Trevesan, Cláudio Rhein, Claudino Valmor Brambilla, Danilo Eugênio Vanzin, Danilo A. Bridi, Divandir A. Felli, Domingos Pasqual Sandrin, Flávio A. Stefani, Francisco Heitor Fontanella (presidente), Gilberto Moresco, Itacir Rombaldi, Jaime Poloni, João Carlos Zanco, João Paulo Cecconello, José Carlos Felicetti, José Luiz Rizzo, Júlio Fernandes Mangoni, Leonel Bortoli, Marco Antônio Perotoni, Mauri Mário Bonet, Naviglio Tasoniero, Pedro Grendene Bartelle, Raul Chiele, Renan Farinon, Renato Gabriel Fabro, Romeu Valandro, Rubem Carlos de Lucca, Sérgio Cláudio Noro, Sérgio Marchetto, Túlio O. Beltrami, Ugo Crippa, Victor Hugo Francischini, Vilson Bonnet, Vitor Hugo Cigerza, Volmar Frozi e Wilson João Cignachi.

O Ginásio Municipal D. Pedro II, de Veranópolis, em junho de



1966, escolheu meu nome para Patrono do Grêmio Literário. O presidente Raul Oscar Cavedon, a vice-presidente Dalva Jane da Silva, e a secretária Iara Breitemback, vieram a Lagoa Vermelha, a fim de concretizar pessoalmente o convite.

Outras escolas, como Fagundes dos Reis, de Passo Fundo, escolheram-me para patrono do Grêmio Literário.

Seguem algumas apreciações do livro O PRISIONEIRO DA MONTANHA. O jornal "A Cruz" do Rio de Janeiro, em 3-12-1961: "Estamos em presença de um romance singelo e desprezioso, mas bem escrito, recheado de imagens felizes, em extremo descritivo, leve, ameno, com muita observação da paisagem e muito capaz de enriquecer o folclore nacional".

João Porfírio, na revista O ECO de 1-6-1962, entre outras observações, escreveu: "O estilo desta obra-prima, desta joia literária, é um capítulo à parte. Procurei, procurei, mas não achei uma obra tão isenta de barbarismo, cacofonias, ecos, redundâncias e estrangeirismos".

Pe. Raulino Reizt, botânico da fama Internacional, ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 17-6-1963: "Faz uma semana que me caiu em mãos o fantástico livro "O Prisioneiro da Montanha". Li-o de um fôlego. Mandei-o ler no refeitório dos seminaristas... Apreciei muito os toques de ciências naturais que o autor dá a seus fascinantes capítulos. Uma pitada aqui, outra acolá de botânica, geologia, zoologia, climatologia dá ao livro um gosto todo especial".

Celestino Sacchet: "Livro escrito numa linguagem essencialmente poética e de agradável fluidez". Oscar Mendes, no "Diário" de Belo Horizonte: "O livro é atraente e emocionante, constituindo-se leitura fascinante para jovens leitores pelo seu lado aventuresco e de luta do homem solitário para vencer as dificuldades de uma natureza bela mas hostil. Destinado a jovens brasileiros, tem o livro a finalidade de exaltar as nossas belezas naturais e de, por meio da narrativa de ficção, inculcar nos leitores aqueles princípios de coragem, de moralidade, de honradez, de temor de Deus, que devem formar as estruturas básicas de um caráter".

Há pessoas, como o superior provincial dos Capuchinhos, Frei Basílio de Bragance, que disseram: "Eu nunca pude terminar de ler um romance; mas este eu devorei até o fim". Há quem declare, como o Frei Vitor Danielli: Li o livro 20 vezes. Declarou mais este Capuchinho: em Flores da Cunha, um homem afastado da prática da religião, depois de ler o livro, converteu-se.

Edições do livro: 1º Flamboyant, 6.000 exemplares, 2º edição, Lar Católico, 10 mil exemplares. Duas edições Paulinas, com dez mil cópias cada uma. EST, dois mil exemplares. Edições Loyola, 3 mil cópias.

A COLONINHA - MADRE PAULINA - Curiosa a origem deste livro. Em Janeiro de 1964, a convite da professora Marina Moraes, que conheci durante o Congresso do Ensino Comercial em Belo Horizonte, fui a São Carlos, interior de S. Paulo. No ônibus, em que viajava da Capital àquela cidade, encontrei umas Irmãzinhas muito atenciosas, que me convidaram a me hospedar na Santa Casa, atendida por elas. Fiquei fascinado pela carinhosa acolhida que me dispensaram. Quis, então, saber a que Congregação pertenciam.

- Somos Irmãzinhas da Imaculada Conceição, uma Congregação brasileira, fundada pela Madre Paulina em Nova Trento, Santa Catarina.

- Beleza, Irmãs! - Respondi. - Eu quero escrever a história da vossa Congregação.

Seis meses depois, nas férias de julho, acompanhado pelo Frei Eurico Bolzan, de fusca, fui a Nova Trento. Fiz amizade com as Religiosas. Colhi todas as informações, livros e outro material... O livro foi editado em Portugal, por iniciativa do Pe. Otto Popp, ex-provincial dos Padres do Verbo Divino, e em 1995 residente em Fátima, Portugal. Ele também editou o livro o ANJO BRANCO, que é a história das Irmãs da Divina Providência.

O livro mereceu especial atenção por parte das Irmãzinhas da Madre Paulina, que, logo, trataram de reeditar no Brasil, em São Paulo, e, a seguir, outra edição pela EST do Frei Rovílio Costa. A seguir, as Edições

Loyola, de S. Paulo, lançaram várias outras edições, assim como um resumo do livro com o título de "A Missão de uma jovem no Brasil". O livro foi logo traduzido para o italiano e, mais tarde, para o espanhol.

A COLONINHA provocou a publicação da história das fundadoras de mais duas congregações. A Ir. Dinorá Ribeiro, da Congregação de JESUS MARIA JOSÉ, depois de ler o livro da Madre Paulina, empolgou-se e tratou, a pedido da Superiora Geral, Ir. Margarida Rossi, de descobrir o meu endereço... Surgiu daí o livro RITA AMADA DE JESUS, narrando a belíssima história da fundadora das Irmãs JESUS MARIA JOSÉ, congregação fundada na diocese de Viseu, Portugal.

O livro RITA AMADA DE JESUS, com uma tiragem de cinco mil cópias, foi lançado na Casa Geral e no Colégio anexo em Santo Amaro, São Paulo. Dei, então, cerca de 400 autógrafos. Visitei na ocasião a Bienal do Livro Internacional no Ibirapuera, ocasião em que eu e a Cármem fomos filmado e aparecemos no programa da TV Globo "Fantástico". A superiora geral, Madre Margarida Rossi, gaúcha de Bento Gonçalves, foi reeleita várias vezes, deixando o cargo em setembro deste ano de 1995. Fiz o lançamento do livro, com grande solenidade, no Colégio São José de São Miguel do Oeste, SC, cuja superiora era a dinâmica Ir. Maria Neli da Rosa Vieira. A seguir, outro solene lançamento no Colégio Pio X, em Palmeira das Missões, RS, cuja superior era a Ir. Alda Michelin.

Passado algum tempo, a superiora provincial das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus de Curitiba, por intermédio da Ir. Marta Dalcin, minha sobrinha, recebi convite para escrever a história da Madre Clélia Merloni, e fundadora desta Congregação. Escrevi o livro CLÉLIA MERLONI - APÓSTOLA DO AMOR com verdadeira paixão, empolgado pela fascinante história desta santa fundadora. O livro, lindamente publicado com fotos coloridas e papel de primeira qualidade pelas Edições Loyola com uma tiragem de cinco mil cópias e, pouco tempo depois, com outra edição, foi traduzido para o espanhol e publicado na Argentina e no Chile.

UMA ESTRELA NO CÉU - No dia 28 de novembro de 1965, em

Passo Fundo, faleceu tragicamente MARIA EUZABETH DE OLIVEIRA, que eu não cheguei a conhecer em vida. Dias após, o pai, sr. Alcides de Oliveira, fez-no, uma visita no Ginásio Duque de Caxias e, a chorar, nos contou a tragédia que vitimou sua única filha. Narrou a imponência do funeral e a ocorrência de povo à sepultura da filha, pedindo, alçando e agradecendo favores.

Fiquei sumamente empolgado e deu-me a vontade de escrever a maravilhosa história desta milagrosa santinha, já canonizada pelo povo. Foi um sucesso, o maior sucesso de todos os meus livros. Mais de 20 edições. O livro corre o Brasil, penetrou em Portugal, México, Itália, Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia...

O livro foi e continua sendo o surgimento de contínuas romarias à sepultura da Santinha no cemitério de Vera Cruz em Passo Fundo. Chegam excursões até do estrangeiro, para agradecer e pedir graças. São milhões de graças, são centenas de milagres, quase sempre com prévio aviso de rosas ou perfume.

De tantas graças e milagres atribuídos a Maria Elizabeth, vai aqui apenas uma em favor de Antônio Carlos Giacomelli, de Santana do Livramento. Ele estava desenganado pelos médicos do Hospital da PUC de Porto Alegre, vítima de aneurisma cerebral. A família fez novena e logo apareceu no hospital uma jovem com vestido de rosinhas; verificou a pressão arterial e saiu no meio de um clarão, que todos viram. Verificou-se pela foto tratar-se de M. Elizabeth. Giacomelli recuperou-se. O Dr. Domingos, do Hospital São Lucas, a propósito, declarou: Trata-se de um milagre; de 100 casos como este não se salvou uma pessoa.

BIOGRAFIA DE SANTOS - Escrevi a biografia de mais de uma dezena de Santos e candidatos ao altar, a saber: São Tomás de Aquino; São Domingos Sávio; Santa Maria Goretti; Santa Rita de Cássia; São Paulo Apóstolo; São Paulo Eremita; Santa Margarida de Cortona; Maria Teresa Quevedo, prima do grande parapsicólogo Pe. Oscar Quevedo; Luís Comolo (O Anjo de Cinzano); Maria Teresa Muller, a Santa Goretti gaúcha; Mariazinha Pena; João Luís Possobon; Emerson Cini; Sebastião Pires;

Juarez Carra; Mônica Bonotto; Delvino Tieppo; Pe. Narciso Zanatta, fundador do Santuário de Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá; Mãe Augusta Zanatta; Carlos Thessing; os três Pastorinhos de Fátima; Pe. Manuel Gomes Gonzalez e seu Coroinha Adílio, de Nonoai; João Maria; João Luís Pozzobon (1904-1985). A história das Congregações Religiosas: Irmãzinhas da Imaculada Conceição, Irmãs Jesus Maria José, Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, Irmãs da Divina Providência e Irmãs Carmelitas da Caridade.

HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS - e do Rio Grande do Sul, está em 4º edição. Sobre Lagoa Vermelha, escrevi várias obras, sendo que "Lagoa Vermelha e sua História" recebeu o prêmio Gerdau, conferido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, sendo diretor Dante de Laytano e comissão julgadora composta de: Prof. Astrogildo Fernandes, Dr. Tarcísio Taborda e Ascânio Ilo Frediani.

Durante longos anos, pesquisei as fontes da História de Lagoa Vermelha. Entrevistei muitas pessoas idosas, inclusive o casal Alcibíades Rodrigues Moreira e Bertolina Nunes Moreira, que falaram várias vezes com o monge João Maria. Ninguém conhecia fotos do fundador de Lagoa Vermelha, cap. José Ferreira Bueno. Entrei em contato com a escritora Selene do Amaral Di Lenna Sperandio, descendente do fundador, a qual me forneceu importantes informações e a foto de José Ferreira Bueno, ao lado do filho Serafim e esposa. Depois disto, a foto começou a ser publicada em livros e jornais.

VACARIA DOS PINHAIS - no lançamento deste livro, durante a Feira do Livro em Vacaria, dei cerca de 400 autógrafos. Na Feira do Livro de Porto Alegre, dei autógrafo para o poeta Mário Quintana e o cantor Agnaldo Rayol.

ANTÔNIO PRADO E SUA HISTÓRIA teve igualmente solene lançamento no Clube União de Antônio Prado. O mesmo aconteceu com REALEZA - 20 ANOS DE HISTÓRIA, SÃO VIGÍLIO DA SEGUNDA LÉGUA, DANIEL BERTELLI, HOTELEIRO, no Jandaia Turismo Hotel, de Santana do Livramento; VICTORIO RIGHI, UM VENCEDOR, na mesma

cidade. PRISIONEIRO DO CAMPO, solene lançamento em Passo Fundo, presidido pelo prefeito Wolmar Salton, ocasião em que autografei para o meu antigo médico em Marau, Dr. Elpídio Fialho.

Todos estes livros deram-me ingente trabalho de pesquisa, com muitas viagens. O livro que me deu mais fadiga foi A DIOCESE DE VACARIA, a mais volumosa de todas as minhas obras. PRISIONEIRO DO ABISMO e PRISIONEIRO DE VILA VELHA, igualmente exigiram muito trabalho e numerosas visitas ao local do cenário. Assim como CASEIROS, ÁGUAS DE PIRATUBA, SENHOR BOM JESUS DE ESMERALDA, PE. NARCISO ZANATTA...

CAMINHOS DO SENHOR - romance autobiográfico, levou 20 anos para poder ser publicado, enfrentando terrível campanha de editores e leitores. Fiz, então, umas dez redações, sempre atenuando as passagens mais escabrosas, sacrificando, desta maneira, a autenticidade dos fatos.

Publicado, recebeu calorosa acolhida por parte dos leitores. Livro para rir e chorar. Sobretudo, para chorar. Quase todos os leitores não podem conter as lágrimas, diante daquilo que acham impossível de ter acontecido. A escritora Elita Facchini declarou que chorou durante toda a leitura, da primeira à última página. Outra escritora, Florice Dias dos Reis, paranaense, autora do livro "Transplante-a Arte de Renascer", escreveu em 8-11-94: "Foi o melhor romance que caiu em minhas mãos. Uma história que em momento algum tive vontade de parar de ler".

Em função dos livros, participei de numerosas Feiras do Livro em vários Estados. A convite, proferi palestras em muitíssimas cidades de sete Estados. Percorri todo o município de Carlos Barbosa dando palestras sobre a História da Imigração em todas as escolas...

Durante os 40 anos de Magistério, nas aulas de Português e Literatura, sempre procurei inculcar amor à leitura, visando criar o hábito. Uma aula por semana era dedicada exclusivamente a leitura. Obrigava os alunos a adquirirem livros de Literatura, que eu mesmo encomendava das editoras.



Mandava fazer trabalhos, com ficha e resumo dos livros de autores brasileiros e portugueses. Fazia decorar trechos de prosa e verso como de Vieira, Camões, José de Alencar, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Mário Quintana...

Entre meus alunos, tanto no Brasil como em Portugal, há uma legião de jornalistas, poetas e escritores. Alguns tornaram-se escritores por minha interferência e colaboração. Entre estes, devo citar Luiz Carlos Alves, autor de vários livros, que acabou tornando-se nosso compadre, hoje residente em Florianópolis. Quando lançou o romance GUARICANA, no Paraná, estive presente, proferindo palestra.

* * *

POLÊMICAS - Entre as polêmicas que mantive na imprensa, não posso deixar de relatar duas. A primeira deu-se com o meu companheiro e amigo Antônio Hohlfeldt, o qual no dia 22-1-1977 publicou no "Caderno de Sábado" do Correio do Povo uma apreciação do meu livro CAMPO DOS BUGRES. Tratei de me defender, sem, contudo, citar o nome do articulista, o qual contrariando as anteriores manifestações da imprensa, faz certas afirmações desabonatórias como esta: "O texto leva-nos a facilitar a compreensão errada do fenômeno da imigração". A bem da verdade e da justiça, impõe-se um esclarecimento.

O livro "Semblantes de Pioneiros", de minha autoria, com exceção do primeiro capítulo, foi todo publicado no suplemento literário do Correio do Povo. Archymedes Fortini, imigrante italiano, pediu então que se enfeixasse aquela série de artigos num volume. Mansueto Bernardi, outro imigrante italiano, exigiu com tanta insistência, que o livro acabou sendo publicado.

Ele mesmo, Mansueto Bernardi, procedeu à revisão, forneceu o título, o subtítulo e o prefácio. Publicado o livro, numerosas pessoas insistiram junto ao autor no sentido de organizar uma obra com maior unidade, formando uma história, formando uma história só, a história de

uma família, aproveitando os fatos de "Semblantes de Pioneiros".

"Campo dos Bugres", como bem observa Aldo Obino, é no fundo o próprio "Semblantes de Pioneiros", com a transformação de personagens reais em personagens fictícias. Eu, descendente de imigrantes italianos, nascido e criado na região colonial italiana, trabalhei durante vários anos no interior de vários municípios fundados por imigrantes italianos. Em visitas familiares, entrevistei centenas de velhos imigrantes, tanto assim que Aldo Obino disse com acerto que o livro é fruto da vivência do autor.

Além de entrevistas, li vários diários de imigrantes italianos, alguns ainda inéditos. Li praticamente tudo quanto se publicou sobre a imigração e colonização italianas. Até a transcrição feita pelo articulista consta de em poesia publicado em livro.

"Campo dos Bugres" é um livro de cunho eminentemente popular, sem pretensões literárias. Apesar disso, o comentarista condena certas formas literárias, bem ao gosto do povo, usadas por mim, como se a crítica moderna ainda se ocupasse com cacofonias e lugares-comuns.

Itálico Marcon, acadêmico e autoridade incontestada no assunto, assim se expressou sobre "Campo dos Bugres": "Livro belo e saboroso, escrito com simplicidade, poesia e desenvoltura. Nele transparece, através da roupagem da ficção, toda a saga do colonizador italiano sobremodo aliciante, fecunda e civilizadora. A sua leitura jamais cansa, cativando e instruindo..." Leia-se outra vez: "Nele transparece" toda a saga do colonizador italiano".

Nenhum outro comentarista, a não ser o apontado, achou que o livro desvirtue o fenômeno da imigração. Curioso, ele não admite a afirmação do progresso na região do imigrante italiano. Diz textualmente: No livro "aparece latente o mito do progresso". Quer dizer: o progresso na região italiana é um mito, uma lenda, coisa que não existe.

Para o comentarista do "Caderno de Sábado", parece que a autêntica história deva cingir-se ao colono que trabalha na roça, que não deixa a enxada, que não progride. Imigrante que não seja comerciante e

industrialista. A ascensão econômica e social de milhares de famílias italianas no Rio Grande do Sul não passa de um mito. Para ele parece que inexistem tantos grandes empresários, como Eberle, Triches, Stedile, Corsetti, Gazzolla, Randon, Guerra, Bellini, Zatti, De Zorzi, Nicola, Calcagnotto, Monaco, Salton. Guazelli, Ughini, Tumelero, Zampronga, Prativiera, Vacchi, De Boni, Pettenatti...

O comentarista, tão zeloso em não desvirtuar o fenômeno da imigração, lamenta a falta, no livro, de condenação do processo de desmatamento praticado pelos, imigrantes. Será então necessário cair no ridículo de condenar a derrubada da mata e obrigar os colonos a construir suas casas, cultivar seus vinhedos, edificar as cidades, à sombra dos pinheiros, sapopenas e caneleiras, no meio da floresta?

Comentando o capítulo "Bugreiros" de "Semblantes de Pioneiros", o articulista invocando razões de ordem moral, condena a narração da luta entre os índios botocudos e os imigrantes italianos do Sul de Santa Catarina... É um fato, narrado em outros livros, que o maior obstáculo à colonização daquela região catarinense, foi a hostilidade do indígena. Se o governo não autorizasse a defesa, a região não teria sido colonizada, pois as famílias principiavam a abandonar suas terras.

Mansueto Bernardi, que foi o censor do livro, não opôs a menor restrição à publicação daquele capítulo. Com base em tal princípio de moral, devem ser condenadas todas as histórias de guerra, inclusive as que narra a Bíblia.

O comentarista vai mais longe. Condena agora uma obra popular minha sobre os Muckers. Ninguém mais autorizado para falar deste assunto que o historiador Leopoldo Petry. Ora todas as observações feitas por ele na obra de Ambrósio Schupp, foram rigorosamente aproveitadas em "Os Fanáticos de Jacobina".

O articulista aponta ainda sua artilharia contra o livro "O Prisioneiro da Montanha", qualificando-o de muito pior. Parece que ele não leu o livro, mas apenas *manipulou*, como declara expressamente.



A primeira edição deste livro, pela Flamboyant, edição de seis mil exemplares esgotou-se em poucos meses. Foram feitas mais três edições de dez mil cópia cada uma. Ora um livro festejado sem restrições pela imprensa do Brasil e Portugal, livro, que esgotou em poucos anos quatro edições com 36 mil exemplares, livro adotado como texto em centenas de escolas do ensino médio e superior, livro que alguns leram com deleite dezenas de vezes, livro considerado por muitos o melhor que já leram, é qualificado agora, sem mais nem menos, com a maior cara-de-pau, de MUITO PIOR!!..

* * *

Em outro artigo, escrevi eu: “Haverá ainda hoje lugar para a crítica literária? A crítica dos tempos de Agripino Grieco? Crítica despótica, insolente iconoclasta? Hoje, com todas as contínuas transformações na arte de escrever? Hoje, quando em literatura vale tudo, como aliás em todas as artes?

Atualmente surgiram os concursos literários. Acontece que obras premiadas nestes concursos não raro estacionam na primeira edição. Por que não passam da primeira edição? Não é o caso de perguntar: não será talvez por que certos críticos vivem longe da realidade? Há críticos por aí que, para valorizar seu ponto-de-vista, lançam mão de qualquer expediente, até de equívocos maldosos, de má fé. Equívoco é eufenismo. O termo exato, preciso, seria mentira, calúnia, autêntico crime de imprensa.

Falo *ex cathedra*. A crítica publicada no Caderno do Sábado, foi contra o livro "Campo dos Bugres", de minha autoria. Os equívocos, as inverdades, são de espantar um frade de pedra. Começa fingindo ignorar o caráter popular da publicação. Finge ignorar que o livro se destina a um público pouco exigente em literatura, a leitores de poucas letras, que não a intelectuais, como são as obras de Vianna Moog e Josué Guimarães. Então, o comentarista revolta-se contra a forma simples, demasiadamente simples e popular, como se as obras populares devessem ser escritas à



Guimarães Rosa.

Aldo Obino, Itálico Marcon, Luiz A. De Boni, Rovílio Costa, reconheceram o fato, por isso puderem escrever, por exemplo: “Livro belo e saboroso, escrito com simplicidade, poesia e desenvoltura...” Estas manifestações de Itálico Marcon e Aldo Obino, além de serem publicadas na imprensa periódica, vão estampadas na contracapa de outro livro meu, livro que o crítico fustiga com implacável audácia. Ele leu, mas agiu como quem diz: “Eles não tem autoridade. Quem sabe sou eu. Quem manda aqui sou eu. Eu sou o rei”.

Revolta-se contra o tom romaneado e demasiadamente dramático da narrativa, como se ignorasse que o povo gosta de romance, de drama. Que seria das novelas de televisão se não fossem dramáticas?

A seguir o crítico estranha o qualificativo de romance dado ao livro. Ora, por quê? Não se trata de romance? Ou será porque, segundo ele, o personagem principal é verdadeiro? Declara ele expressamente “o personagem principal, verdadeiro, aliás”. É outro equívoco. Equívoco maldoso. Ou podemos admitir num crítico literário a possibilidade de confundir personagem fictício com personagem real?

O editor, na apresentação da obra, declara que eu sou “antropólogo e historiador”. O crítico, para dramatizar, escreve: o autor “que se diz antropólogo e historiador”.

Outro equívoco. O crítico afirma que o livro apresenta uma ideia errada do fenômeno da imigração e insiste dizendo que o progresso na região colonial italiano e um mito. Mito, sobretudo, em Caxias do Sul de cuja fundação se ocupa “Campo dos Bugres”. Então, em Caxias do Sul, a cidade que mais progride no Estado o progresso é um mito?

Por suposta ausência de pesquisa, o crítico, com a maior autoridade, profere terrível sentença: “inaceitável e irresponsável”. A exemplo do sumo pontífice, do alto da tribuna, lança o anátema bíblico: “blasfemou! É réu de morte!”.

Mas existem outros equívocos, mas são tão ridículos, que não

merecem reparo. Se se pudesse usar a mesma arma da insolência não seria permitido perguntar se B. Shaw não se referia a tais críticos, quando disse: “Quem sabe, faz; quem não sabe, ensina?”.

* * *

Para concluir, vou transcrever parte da carta que em 1-2-77 escreve ao crítico.

“Prezadíssimo Amigo Antônio! Em primeiro lugar, minha grande admiração pelo seu fecundo trabalho que realiza em favor da arte, da história, da ciência, da política. Você é mesmo portentoso, Antônio!

“Achava que você não daria atenção aos meus pobres escritos. Muito Obrigado pela honra com que me distinguiu, com o artigo no “Caderno de Sábado”, do dia 22 de janeiro último.

“Como você pode verificar, meus livros não se destinam a intelectuais, mas ao povo simples, de poucas letras. Parece que você analisou “Campo dos Bugres” como se ele se destinasse a leitores de certa cultura. Itálico Marcon e Aldo Obino foram coerentes, mais do que indulgentes.

“Você foi inexorável. Antônio! Você me arrasou! Você me considerou universitário, quando não passe de um estudante do 1º grau... Agora, umas observações. Digo que o livro é *romance* porque é ficção. É uma estória. Eduardo Segalla nunca existiu. Quem foi que lhe disse que “o personagem principal é verdadeiro?”.

“O livro trata da fundação de Caxias do Sul e não da imigração italiana em geral. Então os industriais e comerciantes que fundaram esta cidade não eram humildes imigrantes, que iniciaram a vida derrubando mato e plantando milho? Não pretendo fazer “uma análise crítica do processo emigratório...”



"Se você leu alguma crônica minha no Correio do Povo, sabe como defendo nossas matas, nossos pinheirais. Bem que eu tinha vontade de manifestar no livro. Mas falando com sinceridade, Antônio, você acha que ficava bem condenar o imigrante porque derrubava a mata, servindo-se daquele processo? Qual o processo que você sugiria a ele?

"No mais, você tem razão, Antônio. Eu escrevo por vocação. Sinto vontade de me realizar pela pena. Mas, criado no mato, não aprendi a arte como você. E, principalmente, não possuo os dotes que deveria ter um bom escritor. Sou apenas um estreante, com muita vontade de me firmar..."

* * *

COMBATE DA ENCRUZILHADA - através das páginas do Correio do Povo, publiquei um artigo sobre o combate da Encruzilhada de São Sebastião. Relatava depoimentos importantes de ex-combatentes.

O historiador Arthur Ferreira Filho, sem citar meu nome, respondeu com outro artigo violento, declarando que ele era também um ex-combatente, lutando no Corpo Provisório do General Francisco de Paula Feijó, no dia 21-9-1923, durante a Revolução de assististas e borgistas.

Por insistência de amigos, voltei à carga, declarando que tudo quanto eu havia publicado ouvira da boca dos ex-combatentes. Declarei ainda que o referido historiador, no seu livro acerca da Revolução de 1923, afirma que neste combate houve apenas 15 mortos.

Citei Mauricio Alves Hoffmann (1891-1977), que chefiara o sepultamento dos mortos no dia seguinte ao combate, declarando que entre os mortos estavam 35 degolados. João Ferreira Carpes (1902-1973), um dos ex-combatentes, afirmou: "Botamos 38 corpos numa cova só, num forje grande que tinha lá no capão".

Não eram apenas 15, mas, com estes e outros, somavam quase

100, todos da facção governista, na qual se encontrava o historiador Arthur Ferreira Filho. Este ano respondeu às minhas acusações, mas Fernando Gianuca Sampaio tomou a defesa, fazendo afirmações equívocas, entre outras dizendo que eu havia declarado que os mortos foram 125 e não 100. Disse mais que os 35 degolados não faziam parte dos mortos no combate...

Recebi numerosas palavras de apoio a esta polemica, pois eu fazia justiça historiando a verdade distorcida no referido livro.

* * *

PREFÁCIOS - escrevi mais de uma dezena de prefácios de livros de pessoas que me honraram com pedidos. Vou transcrever apenas um, publicado no livro “A Quatro Mãos” de Bartira Bittencourt em parceria com o jornalista e escritor Idalécio Vitter Moreira. Eis o prefácio:

“Era o ano de 1952. Eu acabava de regressar de um estágio profissional de cinco anos em terras lusitanas. Em Lagoa Vermelha, passei a lecionar no velho Ginásio Duque de Caxias.

Logo nos primeiros dias, corrigindo os exercícios de redação dos alunos da 3ª série ginasial, vibrei ao deparar com uma joia literária. Dir-se-ia trecho do exímio escritor. Cheguei a desconfiar da autenticidade da autoria e manifestei publicamente minha dúvida. Mas os alunos, em coro, responderam que a aluna era uma poetisa.

Quinze anos. Ela tinha então 15 anos apenas, e já compunha sonetos como “Miragem” que aí vai. Estimulei a garota, sem duvida uma autêntica vocação de artista. Mandeí publicar no jornalzinho “Eco Lagoense” alguns de seus poemas.

Findo o curso ginasial, perdi de vista a aluna que mais alegria me dava, durante a correção dos trabalhos. Ela deixou o estabelecimento e passou a cursar a Escola Normal Rainha da Paz. Depois, a Universidade.

Depois, o magistério, a Delegacia de Ensino.

É verdade, eu ainda me deliciava com alguns sonetos, alguma crônica na imprensa local. Mas, Bartira, quando é que você nos vai presentear com um livro?

Você demorou, demorou muito, Bartira. Demorou, mas sempre chegou. Chegou ao lado do nosso laureado contista Idalécio Vitter Moreira. Até que enfim, Bartira... Suas joias literárias, plenas de emoção, cantando a natureza, o amor, a vida, a saudade, não precisam de apresentação. Ao lê-las, por vezes parece que estou lenda a divina Cecília Meireles ou o bucólico Cassiano Ricardo. Outras vezes, me soam ecos de Guerra Junqueiro, de Castro Alves.

Lirismo enternecedor, contagiante “daqueles olhos azuis e tristonhos, que iluminaram meus sonhos”. Alma sonhadora e nostálgica, inquieta e rebelde. Rebelde contra os demolidores do velho cinamomo, a cuja sombra você, em criança, brincava as cantigas de roda.

Estro revoltado contra as mentiras do “mundo no qual piamente acreditei, no prisma róseo de minha ingenuidade”. Gênio extasiado diante de um “punhado de estrelas, em noite profunda e silenciosa”.

Alma infantil, sorrindo como as flores, como os regatos entre as pedras, sorrindo para o semelhante que cruza nossos caminhos... Mas, sobretudo, artista enamorado de Deus, alma de apóstolo, gemendo ante as dores e ruínas da humanidade.

Um punhado de versos divinos. Versos que todos interpretam, porque falam de uma alma sublime como a prece, como o sol, como a flor. Que falam de “árvore; renascendo e campos revivendo”.

Bartira, embora este punhado de poemas valham milhões, eles são poucos para os seus apreciadores, insaciáveis de joias poéticas. Abra de novo o cofre de seus diamantes, Bartira. Deixe correr a fonte de águas cristalinas, para dessedentar tantas almas maltratadas pela secura espiritual do mundo materialista”.

HINOS - a pedido, compus a letra de vários hinos, sobretudo para escolas. Concorri para a letra do hino do centenário da Imigração Italiana, sendo classificado em 1º lugar. O Correio do Povo publicou foto da entrega do prêmio, um cheque de 4 mil cruzeiros, por Enio Verlangieri, diretor do Instituto de Artes da UFRGS. A comissão julgadora era composta por: Dante de Laytano, Lyra Busatto Corsetti, Itálico Marcon e Aristides Germani.

Eis a letra do hino:

Como um toque de estranha magia,
pela serra, pinhais e rochedos,
irromperam soberbas cidades,
rodeadas de imensos vinhedos.

Estrilho:

Há cem anos da Itália vieram
muitas levas de anônimos filhos,
que o Rio Grande mais grande fizeram.

A epopeia que humildes colonos
escreveram com fé e vigor
enobrece o torrão farroupilha,
dando a História glorioso esplendor.

HINO EUCARÍSTICO

Jesus- Hóstia, sagrado alimento,
a teus pés o Brasil vem depor
seus louvores e implora sedento
teu auxílio, ó Mistério de Amor.

Coro

Glória a Cristo Senhor na Hóstia Santa,
Rei supremo que o mundo conduz,
No Brasil que vibrando a ti canta,
Reina, impera, triunfa, Jesus.

Nobre e forte, ó Jesus, Pão Celeste,

o Brasil na tua lei se mantém,
na couraça de fé que o reveste
vencerá nas pelejas do bem.

Pelo Altar sublimadas conquistas
nossa pátria alcançou veronil,
desde os pampas aos bosques nortistas
de tuas glórias refulga o Brasil.

Não transpõe os brasíleos recintos
o mortífero gênio do mal,
nossos lares de sangue são tintos
do Divino Cordeiro Pascal.

OS ENCANTOS DE MINHA TERRA

Onde mais lindo o sol resplende,
brilham mil astros, onde se estende
almo Cruzeiro, divo troféu,
da minha Pátria é este o céu.

Pelas encontas altos pinheiros,
pompeiam lindos esbeltos coqueiros;
matas virentes, jardins em flor
lançam nos ares suave olor.

Messes lourejam de mil trigais,
cachos perfumam dos parreirais,
sob benigno raio solar:
da minha Pátria solo sem par.

Silvos de feras nas verdes matas,
roncos soturnos de mil cascatas,
lagos serenos de puro anil,
cantam as glórias do meu Brasil.

Cantos de aves de lindas cores,
sons de riachos por entre flores,
e do vaqueiro leda canção:

da minha Pátria eis o sertão.

Plácidas águas beijam as praias,
vogam barquinhos nas ondas gaias,
do marinheiro a cantar:
da minha Pátria é este o mar.

Luz e perfumes, sons e primores
tem minha terra, jardim de flores;
terra mais cara, rica e gentil
não há no mundo de ti, Brasil.

Cristo sublime no Corcovado,
dos brasileiros ouve este brado:
guarda em tua benção de amor e luz
a linda Terra de Santa Cruz.

* * *

BR-470 - Desde que cheguei a Lagoa Vermelha, não parei de batalhar pela abertura e asfaltamento da BR-470. Publiquei dezenas de artigos na imprensa local, de Caxias do Sul e de Porto Alegre. Apelei para ministros e deputados federais, como Nelson Marchezan e Victor Faccioni.

Vai aqui um destes artigos, publicado no Correio do Povo em 21-1-77:

“Encurtar estradas a economizar combustível”. A afirmação pode ser atualmente um *slogan*. Há dez anos, entretanto, era descartável. Sobrava petróleo. Impunha-se o estímulo da venda. Não só produtores tinham interesse, mas até os postos de gasolina, que lucravam 35% na revenda.

“O Brasil pouparia hoje muitos milhões de toneladas de petróleo, se o primeiro traçado de abertura da antiga BR-2, hoje BR-116, tivesse sido executado. Como se sabe, interesses municipais provocaram a mudança do traçado via Campos Novos-Barracão-Lagoa Vermelha-Nova Prata, atual trecho da BR-470.

"A Estrada do Barracão, como é conhecido o trecho desta rodovia federal, encurtaria o percurso da BR-116 em mais de cem quilômetros, a partir de Porto Alegre; da BR-101 em mais de duzentos; e da BR-285 desde Passo Fundo e zona da fronteira, outros duzentos. Portanto, uma economia de 500 quilômetros nos rodovias do Rio Grande do Sul que demandam o centro do País. Ida e volta, mil quilômetros. Cada veículo pouparia, numa viagem, no mínimo duzentos quilômetros. Parece incrível.

"Parece incrível que durante mais de vinte anos houvesse uma tremenda sabotagem contra a abertura de uma rodovia que proporcionaria à Nação tão fabuloso montante de divisas. Poupança de divisas, de tempo, de desgaste e de vidas.

"Efetivada a mudança do traçado, houve, como todos sabem, numerosas iniciativas na execução das obras de abertura da rodovia, que passou a integrar o percurso da BR-470. Em vésperas de eleições, as máquinas passavam por Lagoa Vermelha rumo do Barracão. Foram gastos muitos milhões em obras que sempre foram abandonadas. Hoje lá estão destruídas pela erosão ou encobertos pela vegetação. O ex-deputado Plauto de Abreu chegou a dar a vida pela Estrada do Barracão. Hoje ele está morto. Queira Deus que não morra também a sua obra.

"A Estrada do Barracão possui uma longa história, que vale a pena recordar. Em 1819, o tropeiro paulista João de Barros, transportando tropas para as feiras de Sorocaba, abriu um novo caminho que, partindo de Cruz Alta, passava por Carazinho, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Vacaria e Bom Jesus, transpondo o rio Pelotas no Passo de Santa Vitória, na confluência do rio dos Touros.

"O Marquês de Alegrete, removido para São Paulo, concebeu o plano de mudar o caminho e encurtar o percurso entre Rio Grande e São Paulo. Coube ao Conde de Palmas a execução do plano. Organizou uma expedição de várias dezenas de homens sob a chefia de Antônio da Rocha Loures, tendo na vanguarda o tenente Atanagildo Pinto Martins. Partiram de Palmas, atravessaram o sertão de Campos Novos, de onde penetraram no Rio Grande pelo Pontão, nome dado aquela região em

virtude de um pontão de serra que avançava campo adentro, partindo do rio Pelotas. É a célebre reserva do Barracão, uma das maiores reservas de araucária do Estado, infelizmente destruída.

"O Passo do Pontão veio encurtar o longo caminho das tropas. Em 1849, o governo da Província criava o posto de controle para fiscalização, com uma coletoria de cobrança de impostos. O barracão, construído para abrigar os soldados encarregados da fiscalização e da cobrança de impostos, deu origem ao nome do atual município do Barracão.

"É deveras lamentável o abandono deste velho caminho das tropas. A demora em concluir as obras da Estrada do Barracão, trecho da atual BR-470, vem causando prejuízos incalculáveis à economia da Nação. O Brasil quer economizar combustível? A maior economia de combustível no Sul do Brasil advirá quando estiver aberta a Estrada do Barracão. A economia que ela proporciona e podia ter proporcionado é superior ao montante proveniente de todo o esquema de racionalização".

23. CIDADÃO LAGOENSE

No dia 23 de outubro de 1976, em sessão solene da Câmara Municipal, foi-me conferido o título de CIDADÃO LAGOENSE, sendo orador o Dr. Manoel Viera da Fonseca, meu colega de magistério e futuro prefeito. A proposta da outorga coube ao meu ex-aluno Dr. Luiz Ulisses Sbroglio, presidente da Câmara de Vereadores. Na mesma sessão, foi conferido o título de Cidadão Lagoense ao prof. Fernando Ducroquet.

Nos anos de 1982 e 1983, em concurso promovido pela Associação dos Estudantes Universitários (ALU) recebi Destaque em Literatura.

Em 1º de março de 1987, recebi do prof. Mário Gardelin o diploma "El Leon de San Marco", conferido pelo Instituto Veneto Per i Rapporti com i Paesi Dell'America Latina".

Em 20-05-1986, recebi Diploma conferido pelo Correio Riograndense pelo trabalho "Primórdios da Colônia de Alfredo Chaves", promoção do Concurso Centenário da Colônia Alfredo Chaves; Diploma assinado por: Júlio Posenato, Vittorino Rotoadaro, Luiz A. De Boni e promotores do Correio Riograndense.

Em 17-2-1971, recebi Diploma da 2ª Festa Nacional do Vinho de Bento Gonçalves por concurso de reportagem.

Por iniciativa do acadêmico Rovílio Costa, entrei na Academia Riograndense de Letras como sócio correspondente.

Como ficou detalhado, de vários colégios, como Fagundes dos Reis, de Passo Fundo; São Francisco, de Vacaria; São Tiago, de Farroupilha, fui escolhido para patrono do Grêmio Literário. Em várias Feiras do Livro, como Vacaria e Medianeira PR, fui orador oficial. A Casa da Cultura de Cacique Doble, sendo diretora a historiadora Neli Luchese Stangerlin, conferiu-me Diploma por serviços culturais prestados à história do município.

Em 19-10-1974, recebi Diploma Destaque/74 conferido aos professores do Colégio Estadual de Lagoa Vermelha, sendo presidente da Comissão o Dr. Cezar Muliterno.

Em todos os concursos promovidos pelos alunos das escolas em que lecionei, sempre foi-me conferido destaque como professor mais simpático. Fui sempre professor liberal; quando entrava na sala de aula, em geral, eu era recebido com aplausos, sobretudo quando o professor que me havia precedido não era muito liberal.

No ano letivo de 1972 em Canela, lecionei para uma turma de crianças do 1º grau. As alunas, logo nos primeiros dias, no entrar, recebiam-me com abraços e beijos, que repetiam no final da aula. Na rua, ao me encontrar com estas alunas, era saudado com abraços e beijos. um dia, a diretora, Professora Aninha, vinda as alunas me beijando, declarou: Vejam como as alunas gostam do professor Fidélis.

Na Escola Estadual de Lagoa Vermelha, sempre lecionei para os últimos anos do 2º grau. As professores de Português, não raro, apelavam a mim para solução de casos sobretudo sobre questões de análise sintática.

* * *

CORRESPONDÊNCIAS - em função de parentesco, amizade e, sobretudo, de livros, mantive e continuo mantendo correspondência com numerosas pessoas. Escrevo e recebo cartas praticamente todos os dias.

As pessoas que mais me escrevem, além das já citadas, são: Iolanda Veríssimo, de Santana do Livramento; Maria Cirley da Silva, de Osório; Liney Silva, de Santa Maria; Vilma Saugo, de Iraceminha, SC, que promoveu encontro com os estudantes daquela cidade; Almira Couto Polidori, de Pelotas; Leny Dal Molin, de Porto Alegre; Ronise de Paula Vieira, de Belo Horizonte; Elizabete Teixeira da Costa, também de Belo

Horizonte. De Portugal: Maria das Pedras Alvas, Maria Horta Alves, de Faro; e Maria Dulce de Lisboa. Marlene Barreiros, de Tubarão, SC, que me convidou para sua formatura no Colégio Sevigné, das Irmãs de São José, de Porto Alegre; Marina Moraes, de São Carlos, SP; Lia Mara Furlin, de Antônio Prado; Selene Amaral Di Lenna Sperandio, de Curitiba.

A pessoa que mais me honrou com cartas brilhantes, sumamente elogiosas acerca de meus livros, foi a escritora, jornalista e exímia poetisa Zoraida Hostermann Guimarães, de Tubarão, SC. Eis trechos de suas cartas:

Em 2-6-67: "O senhor deve ser um místico puro. Só quem tem um espírito muito purificado, muito brilhante, poderia ter escrito com tanta simplicidade e com tanta alma o livro "O Prisioneiro da Montanha". Quando fala do sol, pinta a paisagem com tanto lirismo, com tanta poesia sublime, que comove. O sr. soube transformar a solidão de um homem numa vida paradisíaca".

Em 28-2-68: "Sabe o que sinto ao reler este seu livro que tenho aqui na minha frente? Pois parece-me que sua alma estava mergulhada em estado de graça, de santidade. Nunca ninguém foi tão místico, ao meu ver e no meu sentir, como o sr. quando escreveu este livro".

Em 16-7-67: "Seus livros deveriam ser enviados aos cineastas brasileiros e estrangeiros. Dariam ótimos filmes que mostrariam aos homens tudo o que há de bom e positivo na vida, chamando-os ao mesmo tempo para mais perto do Criador na contemplação de suas obras.

"Prisioneiros de Vila Velha", com um diretor que tivesse alma de artista, daria um esplêndido filme e seria tão fácil de fazê-lo. Por que não tenta?"

Em 8-7-67: "Desejo ardentemente que "Prisioneiros de Vila Velha" chame a atenção do mundo cinematográfico. Esta história está prontinha para ser filmada. Tem tudo: aventura, amor, religião e fundo moral. O local para a filmagem é o que se pode desejar de melhor... Agora é só pedir com fé e amor à Divina Providência e esperar! A semente esta lançada; se

a terra for fértil..."

Em 2-6-67: "O Prisioneiro da Montanha" deixa de ser um livro de aventuras, para ser, isto sim, um verdadeiro e grande poema - o poema da montanha. Será que o sr. produziu mais alguma coisa tão bela?"

Em 31-6-69: "Lira inflamada, sim pode ser! Mas, poeta cantor da beleza, da virtude e da inteira criação, é o senhor! Que alma bela e abençoada é a sua!... "O Prisioneiro da Montanha" e "Prisioneiros do Campo" - quem é capaz de ficar insensível frente aos seus heróis, que representam tudo aquilo de belo e de bom que procuramos na humana criatura. São completos: corpo e alma em magnífica conjugação".

Escritores que mais me honraram com sua correspondência: Sérgio da Costa Franco; Pércio de Moraes Branco; Frei Alberto Stawinski; Roque Jacoby, da Mercado Aberto; Florice Dias dos Reis; Elita Facchini; Júlio Posenato; Itálico Marcon; Dante de Laytano; Mário Gardelin; Floriano Molon; José Maciel Júnior; Vera Lúcia Maciel Barroso; Abeilard Barreto; Neli Maria Luchese Stangerlin; Arthur Ferreira Filho; Luiz A. De Boni; e, sobretudo, Frei Rovílio Costa.

* * *

AS RUÍNAS DA REDUÇÃO CONCEIÇÃO - "No tocante à pacificação dos índios no Rio Grande do Sul, na época colonial, cumpre salientar, como um dos fatos mais importantes, o estabelecimento de uma redução jesuíta no alto curso do Uruguai. Ficava no território dos Guandanás e tinha o nome de Conceição. Diz-se existirem ainda, perto de Forquilha, as ruínas desse estabelecimento fundado em 1630, no qual, segundo os cronistas, se teria aldeado um total de 3.000 índios. Não tivemos possibilidade de verificar a data em que deixou de existir essa grande redução" (Francisco S. C. Shaden, no livro "Índios, Caboclos e Colonos, páginas de Etnologia Sociologia e Folclore" - Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, da Universidade de São Paulo).

Esta redução foi a única a aldear indígenas não guaranis. Convencido de que as ruínas estariam localizadas às margens do rio Forquilha, proximidades de Lagoa Vermelha, tratei afanosamente de descobri-las. Durante cerca de 20 anos andei perquirindo, sempre a margem direita do rio, quando elas estão localizadas na margem direita, como veremos.

Um dia, o Pe. Olímpio Pagnoncelli, sacerdote diocesano que durante anos andou atendendo a região de três Pinheiros, contou-me que ouvira falar de antigos moradores acerca da existência de uma redução, atendida por mais de um padre: Quando se construiu a capela de três Pinheiros, a comunidade dedicou-a a Nossa Senhora da Conceição provavelmente para recordar a redução de Conceição.

Publiquei, então, na imprensa e no livro "A Diocese de Vacaria" a notícia deste estabelecimento jesuítico, que aldeara os índios Guandanás. No Encontro dos municípios oriundos de Santo Antônio da Patrulha realizado em Gramado em 1994, minha palestra versou sobre este assunto. A professora Maria Neli Machado Nogueira, presente ao encontro, relatou à sua mãe, D. Delfina Vargas Machado, o meu pronunciamento.

Em fevereiro de 1995, D. Delfina compareceu em minha casa e declarou que as ruínas da redução ficavam na fazenda que fora de seu avô, José Francisco de Vargas, natural de São Francisco de Paula, fazenda hoje pertencente aos herdeiros de Maurício Piola, junto à margem direita do rio Forquilha, perto do antigo passo, na localidade de Alecrim, a cerca de 20 km da cidade de Lagoa Vermelha.

No dia 25 de março de 1995, levado pelo jornalista Dr. Davino Rodrigues Nepomuceno, fui lá juntamente com D. Delfina, a filha Maria Neli e o jovem Cristiano Piola da Luz, conhecedor das ruínas. Descobrimos, então, perto do rio uma muralha de pedra, coberta pela vegetação, com uns 20 metros de altura e uns 50 de comprimento. E mais dezenas de pedras trabalhadas, sendo que duas se encontram no leito do rio.



A notícia da descoberta das ruínas foi publicada nos dois jornais de Lagoa Vermelha, no "Correio Riograndense", de Caxias do Sul, e no "Correio do Povo", de Porto Alegre. Convidado, dei entrevista à Rádio Fátima, de Vacaria, e à Radio Planalto, de Passo Fundo.

No Encontro "Raízes de Lagoa Vermelha", em 1995, minha palestra versou sobre a descoberta das ruínas, com o título "Lagoa Vermelha das Missões".

MINHAS OCUPAÇÕES

Levanto ao clarear do dia. Faço minhas orações, leitura da Bíblia e dos Salmos. Tomamos café ouvindo o noticiário. A seguir, no escritório, minha ocupação é escrever. Escrever textos de livros, cartas, artigos para jornais e cartas. Quase diariamente recebo pedidos de livros, que eu mesmo remeto pelo correio.

Pelas dez horas, a pé, vou ao correio, aos bancos, ao comércio. Em caminho vou rezando. Depois do almoço, ajudo a Cármen a secar a louça, enquanto ouvimos o noticiário pela rádio e TV. Deitado, descanso uns quinze minutos. Levanto, faço orações e volto a trabalhar no escritório. De tarde, para descansar a cabeça, faço outra caminhada. Pelas cinco horas, rezamos o terço. Vamos à missa três vezes por semana.

Às 7 da tarde, tomamos café. Depois, enquanto a Cármen assiste a novelas de TV, eu leio os jornais e revistas. Por vezes, antes de deitar, escrevo. Não me sobra tempo para as novelas ou jogo de cartas. Meu divertimento, aos domingos de tarde, limita-se a pescarias nas fazendas dos meus antigos alunos, os irmãos Tumelero, Dr. Eron Berthier e Joaquim Nunes.

Amante de aventuras, faço muitas viagens em visita a parentes e amigos e, sobretudo, em função de meus livros. Indo ao Paraná, por vezes, levamos companheiros, como a Ir. Teresinha de Lourdes Camatti;



levamos uma vez o sr. Alcides Valmorbida, esposa Nilce e filha Glaura. Outra vez, João Camatti e esposa Rosalina. Duas vezes fomos a Nova Trento, SC, em visita as Irmãzinhas da madre Paulina; numa levamos a Alzira Boiera e na outra a comadre Almerinda Petry Gonçalves, prolongando a viagem até Bombinhas, onde mora o nosso afilhado Paulo e seu irmão Clóvis, e, a seguir, em Florianópolis, em visita ao com padre Luiz Carlos Alves. Duas vezes, nestas viagens, recebemos a bênção do Frei Hugolino Bach em Santo Amaro da Imperatriz.

Antes do casamento, nas férias, fui várias vezes fazer estação de águas termais em Iraí. Agora, vamos a Piratuba. Praias de Arroio do Silva, Araranguá; Torres em casa da Dra. Jovita Esquina e das Irmãs de São José. Na Rainha do Mar, em casa de Paulo Evandro Machado. Sempre gostei de natação. No mar, afoitamente, entrava e pulava as ondas, com protestos dos companheiros.

Durante muitos anos, fui apaixonado por fotografias. Montanhas de fotos, slides e filmes. Em Lagoa Vermelha, fui o primeiro a fazer fotos coloridas. Quando cheguei em Lagoa Vermelha, em 1952, só havia dois carros de praça, de Fausto de Oliveira e Lauro Dias de Moraes. Nenhum automóvel particular. O primeiro, se não me engano, foi do madeireiro Atilio Bonotto, tendo por motorista a filha Alzira. Havia naquele tempo muitos caminhões que transportavam madeiras de várias centenas de serrarias, entre as quais: lochpe, Sibisa, Fontanive, Madeira Gaúcha, Ceni, Argenta Zanin, Alegretti, Dal Molin, Zanchi, Matei, Boschirolli, Guerra, Bonotto...

Dotado de extrema bondade e de certa credulidade, eu como a Cármen gostamos de ajudar pessoas em apuros, como parentes e amigos; não raro perdemos tudo. De livros, não tenho conta do número de quantos não recebi o pagamento. Acabo dizendo: não faz mal, os livros vão fazendo por aí seu apostolado. Deus me recompensará.

Particpei como palestrante dos Encontros dos Municípios originários de Santo Antônio da Patrulha, sob a organização geral da professora Vera Lúcia Maciel Barroso, em Santo Antônio, São Francisco

de Paula, Tramandaí, Lagoa Vermelha, Gramado e Torres. Tomei parte dos encontros dos ex-capuchinhos em Vila Flores, Ijuí e Marau.

Seguindo o exemplo de meu pai, sempre gostei de plantar árvores, sobretudo pinheiros. Um dia, o Frei Rogério Algeri chegou em nossa casa e me entregou uma sacola de pinhões, dizendo: o pinheiro que o senhor plantou no lote do Hospital São Paulo já deu pinhão. Olhe aqui. No Paraná, não se conhecia a canforeira. Levei muitas mudas para parentes e amigos. Faço propaganda de ervas medicinais. A quem o colesterol incomoda, recomendo, por exemplo, que tome chá de casca de tarumã.

* * *

24. MEUS IRMÃOS

1-ISABEL DALCIN BRUN –(25-1-1914-25-3-1983) nasceu em Torino, onde fez seus estudos primários. Era de rara beleza, sendo chamada de boneca. Casou com Ricieri Brun (20-7-1914-23-12-1984). Residiram em Santa Teresa e Bento Gonçalves, como fortes pecuaristas. Filhos: 1) Rubens, casado com Anchila Lava, reside em Pranchita, Paraná, onde é agropecuarista; cinco filhos. 2) Valter, casado com Deli Benini, reside em Pranchita, PR, sendo agropecuaristas e comerciantes; filhos: Cleimar, Fabiano e Fabiane. 3) Fidêncio, mecânico em Garibaldi, casado com Maria Matei, filho: Alexandre. 4)Valmor, comerciante em Bento Gonçalves, casado com Naidés Damiani, filhos: Arlete e Alisete. 5) Varzilha, funcionário da Vinícola Salton, em Bento Gonçalves, casado com Helena Setolin, filhos: Morgane, Evandro e Fabiano. 6) Luiz, forte comerciante em Bento Gonçalves, casado com Vera Piva, filhos: Patrícia e Andressa. 7) Antônio, comerciante em Bento Gonçalves, casado com Edilse Scraonatti, filhos: Cassiano e Fabiane. 8) Edite, casada com Adir Procredi, agricultor em Monte Belo do Sul, filhos: Marcelo e Marcele. 9) Davi (1957-1988), Bento Gonçalves. 10) Valmi, falecida tragicamente em pequena.

2 - ARCIDE LUÍS DALCIN – (21-4-1918 - 22-12-1983), foi o primeiro caminhoneiro a viajar de Bento Gonçalves a São Paulo, tendo sido, por isso, altamente homenageado; fundador da empresa Dalcin S.A., Indústria, comércio e Transporte, casado com Rosa Maria Stefani. Filhos

1) *Ir. Marta Dalcin*, nascida em 17-6-1946, professou na Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, sendo conselheira e secretária provincial de Curitiba, pregadora de retiros, escritora e motorista. Bacharelou-se em Letras na Universidade de Passo Fundo. Participou do Capítulo Geral em Roma em 1981; em 1995 trabalhou durante um mês na sede geral da Congregação em Roma. Eu assisti à sua tomada de hábito, ocasião em que visitei Vila Velha a fim de pesquisar para o livro "Prisioneiros de Vila Velha". Em 29-5-1994 ela

convidou a mim e ao Pe. Ignacio Dalcin para os grandes festejos do centenário da Congregação. Em setembro de 1995, a Ir. Marta muito nos auxiliou no tratamento da Cármen com o Dr. Murilo Meneses já em Curitiba. Em 8-2-1992 ela festejou o jubileu de prata, juntamente com as Irmãs: Madre Alice Reginato (Bodas de Ouro), Ir. Maria Zorzi, Ir. Denise Basana, Ir. Ercília Sedoski e Ir. Mareliz Teresa Gai. Nesta ocasião, a Ir. Marta escreveu este belo poema: "Graças, Senhor, Te dou graças. 25^o Grande é o teu amor! Imensa tua bondade! Eterna tua fidelidade! De geração em geração todos proclamam Tua Glória! Obrigado, Senhor, pela vida, pela vocação, por minha consagração religiosa! Teu amor cobriu-me de bondade e ternura nestes 25 anos de vida consagrada a Ti e aos meus irmãos. Tua graça envolveu-me noite e dia sem cessar, hoje canto os teus benefícios. Tua misericórdia levou-me para muito perto de Ti. Dou-Te graças, Senhor, por tantas graças! Por este dia de louvor e gratidão! Aqui está a minha vida, novamente Te entrego. Aqui está o meu coração feliz de poder dizer: ele é teu, é teu para sempre. Senhor, crescer no teu amor eu quero, anunciar os teus feitos é meu desejo, viver Tua Vida eu assumo todos os dias. Celebro hoje, as graças do Senhor e minha caminhada nestes 25 anos de Vida consagrada. Obrigada, Senhor! Obrigada, minha querida família: país, irmãos, parentes. Obrigada, minha família religiosa, meu querido Instituto. Obrigada, meus amigos! Obrigada, todos os que me ajudaram a crescer, a chegar até aqui, onde hoje, dou graças por tantas graças recebidas! Com Maria, meu coração rejubila, é grande minha alegria e por isso digo: 'Minha alma engrandece o Senhor e meu espírito exulta em Deus meu Salvador'. Cantem todos comigo, glorifiquem todos o grande Deus, participem todos desta minha alegria: Sou esposa do Coração de um Deus, sou filha da Igreja, sou Apóstola, seguidora de Madre Clélia, Apóstola do Sagrado Coração de Jesus" Curitiba 11-2-1967-11-2-1992.

2) *Antônio Marcos Dalcin*, nasceu em 1-3-1938, caminhoneiro e atual funcionário da empresa Carraro; casado com Neusa Carini, filhos: Alexandre, caminhoneiro, Andréia e Mariana.

3) *Maria Stefani Dalcin*, professora, especializada em museus,

com curso, nos Estados Unidos e outros países; como tal trabalhou nos museus de IPE e Júlio de Castilhos em Porto Alegre; organizou o museu de Roraima e outros; foi presidente do Instituto Brasileiro de Arte Popular e Artesanato em Brasília, no governo do Presidente José Sarney, em São Paulo e atualmente, 1995, do mesmo Instituto particular em São Paulo. Pintora, várias vezes premiada em exposições; neste setor, como pintora de roupas, trabalhou no Rio de Janeiro e São Paulo.

4) *Isabel Dalcin Bertaldo*, nascida em 10-2-1951, casada com Luiz Bertoldo, agente comerciário; filha: Luísa, nascida em 27-11-1990. Reside no Rio de Janeiro.

5) *David Dalcin*, nasceu em 17-12-1953, empresário (Model indústria e comércio de Quadros Ltda); era casado com Jaira Soares; filha: Caroline, nascida em 2-3-1983.

6) *Sandra Lúcia*, nasceu em 9-4-1965, bacharel em Enfermagem de Alto Padrão, exerceu a profissão em Farroupilha e Bento Gonçalves; atualmente em Garibaldi, no Hospital São Pedro e Posto de Saúde; reside com a mãe e o irmão David em Bento Gonçalves.

4 - VITAL PEDRO DALCIN, nasceu em Torino, Carlos Barbosa, em 18-4-1920 e faleceu em Bento Gonçalves em 10-6-1994; foi funcionário do DAER e de Móveis Carraro, casado com Hilda Donadel, teve oito filhos: 1) Marilene Dalcin Caimi, nascida em 20-8-1946, professora, casada com Ivalino João Caimi, gerente do SESC, em Bento Gonçalves; filhos: Vinícius, 18-7-1973 e Rolando, 3-6-1975. 2) Mari Neusa Dalcin Leite, nascida em 16-9-1947, recepcionista da Vinícola Aurora e hoje doceira, casada com Gilberto Leite, empresário, dona de uma frota de caminhões RODAZA; filhos: Naor, 31-7-1975 e Rafael 4-6-1976; reside em Bento Gonçalves. 3) Mariluz nascida em 4-3-1949, enfermeira do INSS, casada com Benjamim Pozza, empresário, sócio da Mecânica Internacional; filhos: Tiago nascido em 13-12-1978 e Amanda nascida a 30-8-1982. 4) Marli, nascida em 4-12-1950, economista, funcionária pública da EMBRAPA, reside com a mãe. 5) Juvenal Antônio, nascido em 11-6-1952, economista, sócio e diretor industrial de Móveis Carraro, de Bento Gonçalves, fundador

e proprietário da CLADEJU (acessórios para móveis); em setembro de 1983 e de 1988, participou da Feira Internacional de Móveis na Itália e em 1990 no Canadá, tomou parte em várias feiras de móveis no Brasil e no estrangeiro; casado com Maria Botega, professora; filhos: Juliano nascido em 9-11-1985 e Mateus nascido em 3-8-1993. 6) Sérgio Luiz nascido em 16-9-1953, gerente e proprietário da Transportes de Participações Sociais Ltda, do Grupo Carraro; casado com Elizabete Gasparetto; filhos: Taís nascida em 8-1-1983 e Fernanda nascida em 24-2-1985. 7) Jaime nascido em 15-2-1968, diretor de vendas da Suvalan, a seguir trabalhou em São Paulo e Porto Alegre e em 1995 novamente em Bento Gonçalves, na Suvalan; casado com Marilise Turi; filho: Guilherme. 8) Romeu, nascido em 21-1-1964, técnico agrícola, ex-funcionário da Secretaria Municipal da Agricultura e da Metalurgia Bertolin, atualmente sócio e funcionário da Cladeju Móveis Ltda, Bento Gonçalves.

5 - PE. FIRMINO HENRIQUE DALCIN, nasceu em Torino, Carlos Barbosa, em 13-5-1922, sacerdote diocesano, ordenado em 30-11-1947; estudou nos Seminários de Caxias do Sul e de São Leopoldo. Durante os primeiros anos, trabalhou no ministério em Pelotas, sendo também professor universitário. Destacado pelo Bispo D. Antônio Zattera, organizou a criação da Diocese de Bagé, na qual exerce o ministério até hoje. Além de atuar na paróquia de São Sebastião em Bagé, foi pároco de São Gabriel, Mata e Santana do Livramento e atualmente, pela segunda vez, em São Gabriel, onde construiu um enorme edifício com salão comunitário e ginásio de esportes. Em Santana do Livramento, construiu a bela igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário, com um grande edifício ao lado. Em 1956 e 1957 fez curso em Roma no Centro Internazionale Pio XII por um Mundo Melhor, movimento lançado pelo Papa em 10-2-1952 e atuado pelo Pe. Ricardo Lombardi e companheiros. Fez vários cursos de parapsicologia com o Pe. Oscar Quevedo e vem exercendo papel importante neste setor. Pregador de retiros para Religiosas e estudantes. Apesar de ser portador de três pontes de safena, continua em 1995 à frente da imensa paróquia de São Gabriel. Sacerdote culto e carismático, fora indicado para candidato ao Episcopado Brasileiro, havendo-se

recusado. Neste ano de 1995 recebeu convite para voltar a trabalhar na diocese de Pelotas.

6 - DOMÍCIO CELESTE DALCIN (23-10-1924 - 22-12-1966), Caminhoneiro, empresário, gerente da empresa Dalcin S.A., à qual imprimiu extraordinário impulso, graças a seu notável tino administrativo e dinamismo, transformando-a numa das maiores empresas do ramo de transporte do Estado, com uma frota de mais de cem caminhões. Retornando um dia de Montevidéu, sofreu grave acidente com seu fusca, ao que parece ocasionado por uma parada cardíaca, no município gaúcho de Santa Vitória do Palmar. Casado com Zeferina Romagna, teve três filhas: *Ana Alice*, nascida em 24-1-1951, professora de inglês, com especialização nos Estados Unidos, e alfabetizadora; casada com Luiz Zorzi, geólogo, com Mestrado na Universidade da Califórnia, havendo participado de congresso na Rússia e Alemanha; curso de três meses de Tecnologia de Minas de Carvão na Inglaterra; reside no bairro Petrópolis, em Porto Alegre; filhos: Luiz Orlando, nascido em 5-12-1979 e Maurício, nascido em 4-2-1988. *Vânia Elisabete*, nascida em 28-2-1955, licenciada em Psicologia na PUC de Porto Alegre, exerce a profissão no Hospital Presidente Vargas; casada com o Dr. Homero Eduardo Tocchetto, médico, formado na PUC, trabalha no mesmo hospital; filhos: Rodrigo, nascido em 10-9-1985 e Marco Antônio nascido em 22-8-1988. *Eunice*, nascida em 25-7-1960, licenciada em Odontologia pela PUC, tem curso realizado em Caracas; trabalha no SESI e clínica particular, em Porto Alegre.

7 - HUGOLINA DALCIN LANFREDI - (1-10-1927 -1-12-1984), casada com Balduino Lanfredi, ex-funcionário do DAER, da Concentradora e da Vinícola Aurora, de Bento Gonçalves; a seguir, caminhoneiro; em 1964 Balduino passou a sócio e gerente de Bebidas Licorsul Ltda, empresa quase falida e que ele levantou, havendo no primeiro ano de sua gestão lucrado 80 milhões de cruzeiros; de adquiriu 18 caminhões e 38.000 caixas de matéria plástica; construiu novo prédio em 3.600 metros quadrados; aposentou-se e retirou-se da firma, ocasionando séria crise, com a venda do prédio para a firma Rinaldi. Cinco filhos: 1) *Arlete Lourdes*, professora estadual, casada com Carlos de Azevedo, representante

comercial; filhos: Gisele e Felipe; reside em Bento Gonçalves; 2) *Sérgio Antônio*, ex-funcionário da Licorsul, vendedor da National Chmsearch Química Ltda; casou em Garibaldi com Juliana Polastro; 3) *Alfeu José*, proprietário de oficina mecânica, ex-mecânico do Licorsul; casado com Vera Miola; filho: Anderson; *Paulo Roberto*, técnico em agricultura, solteiro, com problemas de saúde, mora com o pai; 5) *Viviane*, tem curso universitário, funcionária da Prefeitura Municipal, coordenadora das creches.

8 - AURA DALCIN FONTANIVE-(11-12-1928-26-5-1991) professora durante vários anos; casou com Nelson Fontanive, fabricante dos vinhos Fontanive, de Bento Gonçalves, pessoa altamente conceituada, teve morte santa, no dia após o Primeiro Encontro dos Dalcin, que ela não quis atrapalhar; para o seu concorrido funeral, estiveram presente numerosos parentes que haviam vindo de longe para o Encontro. Seis filhos: 1) *Paulo*, engenheiro mecânico, funcionário de Furnas, Rio de Janeiro; era casado com Dna. Elma Mendes Serra, natural de São Luís do Maranhão; filhos: Leonardo e Bruno; 2) *Cármem*, licenciada em Letras, funcionária da Caixa Econômica Estadual de Bento Gonçalves, casada com João Valduga, bacharel em Ciências Econômicas, funcionário da EMBRAPA; filhos: Jones e Luísa; 3) *Gládis*, professora, casada com Ivo Rossato, engenheiro de operações, gerente da matriz da empresa DPASCHOAL, Porto Alegre; filhas: Giana Cristina e Cristiane; 4) *Beatriz Maria*, professora, funcionária da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves, casada com Gilberto Confortin, arquiteto, funcionário da mesma Prefeitura e trabalha por conta. 5) *Gilberto Sebastião*, exerce a profissão junto com o pai; 6) *Sandra Maria*, licenciatura em Processamento de Dados, desenhista e pintora, capista de livros.

9 - AMÂNDIO DALCIN - (11-12-1931 - 30-4-1985) Foi funcionário da Vinícola Aurora, caminhoneiro, sócio e gerente da Dalcin S.A.; junto com Laurindo Valduga, fundou a empresa Alcoólico Comércio, Transportes & Representações Ltda, com sede em Bento Gonçalves, firma agora pertencente à viúva Valda Dalcin e Laurindo Valduga; filhos: 1) *Vera Beatriz Luchese*, professora e escritora de literatura infantil, diretora de

várias escolas estaduais e atualmente do CIEP de Bento Gonçalves; casada com Olavo Luchese, diretor de vendas da Alcoólico; filhos: Felipe e Mateus; 2) *Magda Salete Rossi*, estudante universitária em Salvador da Bahia, casada com o Dr. Nereu Carlos Milani Rossi, engenheiro eletrônico, coordenador do CENOR (Centro de Ensino Norte Nordeste da Petrobras), com residência em Salvador da Bahia; mestrado em Ouro Preto; filhos: Nereu Júnior e Aline Maria.

10- MÁRIO DALCIN -C3-7-1935-11-2-1984), caminhoneiro, casado com Benures Casagrande; filhos: 1) *César Augusto*, (11-8-1963 - 29-8-1985), caminhoneiro, vitimado por acidente de caminhão em Caxias do Sul; casado com Rosângela Azevedo, filha do oficial militar Juarez Azevedo e Vera Lúcia Poletto; a viúva, que viajava no caminhão sinistrado, estando grávida, perdeu a criança e ficou parálitica em cadeira de rodas, reside em Porto Alegre; 2) *Marcelo*, nascido em 14-3-1967, estudante universitário de Estatística na Universidade Federal de Porto Alegre e representante comercial.

O histórico completo de meus irmãos e parentes encontra-se no livro "Caminhoneiro", que foi lançado durante o 1º Encontro dos Dalcin, no dia 26-5-1991, sob a organização geral do primo Ivo Dalcin.

No dia 3-12-1995, acontecerá o 2º encontro dos Dalcin, no salão da comunidade de Torino, Carlos Barbosa, organizado por Ivo e Dolar Dalcin. Nesta oportunidade, será lançado o presente livro. No dia 14 de dezembro de 1995, em Lagoa Vermelha, com a presença do Sr. Bispo D. Orlando Dotti, coordenação do Pe. Ignacio Dalcin, pároco de São Paulo, terá lugar uma confraternização para celebrar meus 80 anos.

* * *

POEMA DO PROFESSOR CAETANO BIANCHI

Nesta data grandiosa e querida,
com amor e grande alegria,

nossos parabéns aceitai neste dia
pelos oitenta anos de vida.

Sois o exemplo de vida marcada
pelo trabalho e luta constante,
sempre tocando o barco adiante,
não obstante algo surja na estrada.

Um guia resplandecente
nas veredas da existência,
com carinho e persistência,
iluminando caminhos de tanta gente.

Um exemplo de garra incontestes,
escritor insigne, que o tempo jamais
apagara vossos escritos imortais,
nesta terra que muito lhe destes.

Quando vossa vida eclipsar e parar,
Lagoa Vermelha terá uma lacuna,
mas vossos livros continuarão da tribuna,
aos quatro ventos vosso nome lembrar.



Figura 3 O Pe. Firmino Dalcin, seminarista, com os irmãos: Alcides, Vital, Domicio, Amândio e Mário





Figura 4 A família OLAVO COUTO - Pelotas



Figura 5 1946. Seminário Nossa Senhora Aparecida: Frei Gabriel, Frei Henrique, Frei Albino, Frei Mariano, Frei Fidélis, Frei Armindo, Frei Cipriano, Frei Romualdo e Frei Cláudio.



Figura 6 Com D. Frei Cândido e seu sobrinho Júlio Bampi, de Lages, SC.



Figura 7 Carlos Barbosa, 1947, lendo a reportagem do Diário de Notícias sobre a abertura da Estrada de São Vendelino.



Figura 8 Antônio Dalcin, com sua família, em dezembro de 1947, por ocasião da primeira Missa do seu filho, Pe. Firmino Dalcin, faltando o Frei Fidélis que trabalhava em Portugal



Figura 9 1951 em Ferreira do Alentejo, Portugal, com a família de Maria das Pedras de Vilhena Peres dos Santos Lança; vendo-se o Frei José de Castro.



Figura 10 Arlete do Nascimento a carioquinha apaixonada.



Figura 11 1950. Diante do Palácio de Versalhes, Paris, com Antero Nogueira.



Figura 12 Profª. Maria Lúcia Mello Horta casou com Fernando Alves, Faro, Algarve, Portugal



Figura 13 Madrid, 12-6-51 com Maria Dulce e Inês Orsini que faziam de Lúcia e Jacinta no filme de Nossa Senhora de Fátima.



Figura 14 Portugal, 31-5-1953, Maria das Pedras Alvas no dia do seu casamento.



Figura 15 Ciclista cego – Augusto Moreira da Silva – Porto – Portugal.



**Figura 16 VERA MARIA MENEZES, Miss Brasil 1961, ofereceu esta foto com as palavras:
Ao Frei Fidélis a minha admiração e estima, Pelotas, 20-2-1962.**



Figura 17 1954 - Ginásio Duque de Caxias - Lagoa Vermelha – Formatura. Frei Fidélis paraninfo religioso.



Figura 18 Capelão da Escola Rainha do Paz, Lagoa Vermelha, Ir. Luísa Antonieta Zanchetta, diretora, alunas internas e juvenistas, 26-11-1961.



Figura 19 25-12-1961, Lagoa Vermelha, capelão da Escola Normal Rainha do Paz, vendose a Ir. Maria Antonieta Zanchetta, diretora, Lido Sanson, Prefeito, Dr. Raul de Campos, Dr. Nereu Mello, Juarez Moreira e formanda Nilza Argenta.



Figura 20 Domicio Dalcin e família - 24-1-1966



Figura 21 Vacaria, 14-6-69, no lançamento do livro A COLONINHA (Madre Paulina); D. Henrique Gelain entregando um cartão de prata ao Frei Fidélis.



Figura 22 1971 - Lagoa Vermelha, Dionísio Slaviero ensinando a dirigir o fusca do Cármen.



Figura 23 Lagoa Vermelha, numa caçada com o pai.



Figura 24 10-5-1981-entregando o livro "Nova História de Lagoa Vermelha" a seu antigo aluno Deputado Jarbas Lima.



Figura 25 10-5-1981. No Galpão do CTG Alexandre Pato o prof. Fidélis falando ao Ministro Rubens Ludwig e à jornalista Ana Amélia Lemos, vendo-se (ao lado do ministro) e vereador Hugo Napoleão Ferreira.



Figura 26 Curitiba, 29-5-94, junto com a primo PF. Ignacio Dalcin F a sobrinha Ir. Marta Dalcin. Na parede, o retrato da Madre Clélia Merloni, fundadora da Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.



Figura 27 Garibaldi, 14-8-1940, ordenação sacerdotal por D. José Baréa.



Figura 28 Ouro Preto, MG, julho de 1957, vendo-se a prof^a. Marina Moraes, de São Paulo, SP.



Figura 29 1950 nas ruínas de Pompéia, Itália, junto com Antero Nogueira.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Em Fátima, Portugal, em 1947, Frei Fidélis com os pais pastorinhos Jacinta e Francisco.	13
Figura 2 13-5-1948: Frei Fidélis, da escadaria da Basílica de Fátima, Portugal, bateu esta foto da multidão de romeiros reunidos na esplanada da Cova da Iria.	14
Figura 3 O Pe. Firmino Dalcin, seminarista, com os irmãos: Alcides, Vital, Domício, Amândio e Mário	171
Figura 4 A família OLAVO COUTO - Pelotas	172
Figura 5 1946. Seminário Nossa Senhora Aparecida: Frei Gabriel, Frei Henrique, Frei Albino, Frei Mariano, Frei Fidélis, Frei Armindo, Frei Cipriano, Frei Romualdo e Frei Cláudio.	172
Figura 6 Com D. Frei Cândido e seu sobrinho Júlio Bampi, de Lages, SC.	173
Figura 7 Carlos Barbosa, 1947, lendo a reportagem do Diário de Notícias sobre a abertura da Estrada de São Vendelino.	173
Figura 8 Antônio Dalcin, com sua família, em dezembro de 1947, por ocasião da primeira Missa do seu filho, Pe. Firmino Dalcin, faltando o Frei Fidélis que trabalhava em Portugal	174
Figura 9 1951 em Ferreira do Alentejo, Portugal, com a família de Maria das Pedras de Vilhena Peres dos Santos Lança; vendo-se o Frei José de Castro.	174
Figura 10 Arlete do Nascimento a carioquinha apaixonada.	174
Figura 11 1950. Diante do Palácio de Versalhes, Paris, com Antero Nogueira.	175
Figura 12 Prof ^a . Maria Lúcia Mello Horta casou com Fernando Alves, Faro, Algarve, Portugal	175
Figura 13 Madrid, 12-6-51 com Maria Dulce e Inês Orsini que faziam de Lúcia e Jacinta no filme de Nossa Senhora de Fátima.	176
Figura 14 Portugal, 31-5-1953, Maria das Pedras Alvas no dia do seu casamento.	176
Figura 15 Ciclista cego – Augusto Moreira da Silva – Porto – Portugal.	177
Figura 16 VERA MARIA MENEZES, Miss Brasil 1961, ofereceu esta foto com as palavras: Ao Frei Fidélis a minha admiração e estima, Pelotas, 20-2-1962.	177



Figura 17 1954 - Ginásio Duque de Caxias - Lagoa Vermelha – Formatura. Frei Fidélis paraninfo religioso.	178
Figura 18 Capelão da Escola Rainha do Paz, Lagoa Vermelha, Ir. Luísa Antonieta Zanchetta, diretora, alunas internas e juvenistas, 26-11- 1961.	178
Figura 19 25-12-1961, Lagoa Vermelha, capelão da Escola Normal Rainha do Paz, vendo-se a Ir. Maria Antonieta Zanchetta, diretora, Lido Sanson, Prefeito, Dr. Raul de Campos, Dr. Nereu Mello, Juarez Moreira e formanda Nilza Argenta.	179
Figura 20 Domício Dalcin e família - 24-1-1966.	179
Figura 21 Vacaria, 14-6-69, no lançamento do livro A COLONINHA (Madre Paulina); D. Henrique Gelain entregando um cartão de prata ao Frei Fidélis.	179
Figura 22 1971 - Lagoa Vermelha, Dionísio Slaviero ensinando a dirigir o fusca do Cármen.	180
Figura 23 Lagoa Vermelha, numa caçada com o pai.	180
Figura 24 10-5-1981-entregando o livro "Nova História de Lagoa Vermelha" a seu antigo aluno Deputado Jarbas Lima.	180
Figura 25 10-5-1981. No Galpão do CTG Alexandre Pato o prof. Fidélis falando ao Ministro Rubens Ludwig e à jornalista Ana Amélia Lemos, vendo-se (ao lado do ministro) e vereador Hugo Napoleão Ferreira.	181
Figura 26 Curitiba, 29-5-94, junto com a primo PF. Ignacio Dalcin F a sobrinha Ir. Marta Dalcin. Na parede, o retrato da Madre Clélia Merloni, fundadora da Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus.	181
Figura 27 Garibaldi, 14-8-1940, ordenação sacerdotal por D. José Baréa.	182
Figura 28 Ouro Preto, MG, julho de 1957, vendo-se a prof ^a . Marina Moraes, de São Paulo, SP.	182
Figura 29 1950 nas ruínas de Pompéia, Itália, junto com Antero Nogueira.	182



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Com 14 anos, no Seminário Serafíco São José, de Veranópolis, lendo a poética introdução do livre *Iracema*, de José de Alencar, principiei a gostar de literatura, desejando tornar-me escritor. Desde então nunca mais deixei de perseguir este sonho, apesar da falta de livros e de mestres. Durante o noviciado, fui até impedido de ler livros em língua portuguesa, causando-me profunda angústia e passando a buscar leituras clandestinas, correndo sério risco de vir a ser expulso.

Sou, por isso, um modesto escritor autodidata. Embora, na minha ingenuidade, almejasse a tornar-me até um candidato à Academia Brasileira de Letras, sempre estive convencido de que não passaria de um escritor medíocre, do gosto popular.

[Este *modesto escritor autodidata*, que completa oitenta anos, e autor de 55 obras, por ora, e outras tantas tem intenção de escrever. Que bom ser *medíocre escritor, do gosto popular!*]



Fidélis Dalcin Barbosa exerceu o ministério sacerdotal durante mais de 30 anos, como capuchinho.

Foi pároco de três paróquias, vigário paroquial de outras tantas, capelão de seis colégios e hospitais, professor em três Seminários.

Por falta de vocação, a conselho do confessor, o santo Frei Ambrósio Tondello, com apoio do Cardeal Arcebispo D. Aloísio Lorcheider, o pai, irmãos, parentes, confrades e amigos, pediu e obteve da Santa Sé dispensa dos votos religiosos e consorciou-se com Carmelina Camatti.

Desde 1971, como leigo, mas vivendo intensamente o franciscanismo, exerceu o magistério, o jornalismo e, sobretudo, o apostolado da escrita. Escreveu e publicou mais de cinco dezenas de livros, com mais de 300 edições, na média de cinco mil exemplares cada uma.

Suas obras tratam da vida de santos e candidatos ao altar, história de Congregações Religiosas, história de municípios...

No dia 14 de dezembro de 1995, completa 80 anos de existência –
80 ANOS DE AMOR AO TRABALHO,
sempre auxiliado por sua dedicada companheira
CARMELINA CAMATTI, mais conhecida por CÁRMEN.

